

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos**

Gabrielle Venâncio Ruas Polizer

**OS QUANTIFICADORES UNIVERSAIS NO PORTUGUÊS DOS SÉCULOS XVI E XXI:**  
**uma análise sob a perspectiva funcional**

Belo Horizonte  
2024

Gabrielle Venâncio Ruas Polizer

**OS QUANTIFICADORES UNIVERSAIS NO PORTUGUÊS DOS SÉCULOS XVI E XXI:  
uma análise sob a perspectiva funcional**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Variação e Mudança Linguística.

Orientador: Prof. Dr. César Nardelli Cambraia.

Belo Horizonte  
2024

P769q

Polizer, Gabrielle Venâncio Ruas.

Os quantificadores universais no português dos séculos XVI e XXI [recurso eletrônico]: uma análise sob a perspectiva funcional/ Gabrielle Venâncio Ruas Polizer . – 2024.

1 recurso online (149 f., il., grafs., tabs., color., p&b.): pdf.

Orientador: César Nardelli Cambraia.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Variação e Mudança Linguística.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 138-147.

1. Língua portuguesa – Gramática histórica – Teses. 2. Língua portuguesa – Variação – Teses. 3. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 4. Mudanças linguísticas – Teses. I. Cambraia, César Nardelli. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 410



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Os quantificadores universais no português dos séculos XVI e XXI: uma análise sob a perspectiva funcional**

**GABRIELLE VENÂNCIO RUAS POLIZER**

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 01 de março de 2024, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). César Nardelli Cambraia - Orientador

UFMG

Prof(a). Alexia Teles Duchowny

UFMG

Prof(a). Sandro Marcio Drumond Alves Marengo

UFS

Belo Horizonte, 01 de março de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Cesar Nardelli Cambraia, Professor do Magistério Superior**, em 01/03/2024, às 16:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sandro Marcio Drumond Alves Marengo, Usuário Externo**, em 05/03/2024, às 10:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexia Teles Duchowny, Professor(a)**, em 06/03/2024, às 15:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2957245** e o código CRC **9332A763**.

---

Referência: Processo nº 23072.201901/2024-54

SEI nº 2957245

*Dedico este trabalho aos meus gatinhos Cleiton, Berenice, Eugênio e Reginalda, presenças constantes, leais e cheias de amor, meus companheiros de todos os dias, os melhores refúgios e os remédios mais eficazes contra a rotina – mesmo agora, enquanto escrevo estas palavras, há uma patinha sobre meu mousepad e muitos pelos branquinhos no teclado do meu notebook –; e à Nina, minha princesa tricolor que virou estrelinha, mas que continua no meu coração.*

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. César Nardelli, por me acolher no mestrado, dando-me confiança para prosseguir meus estudos após seis anos de afastamento da academia, e por me apresentar a uma área de estudos cujos caminhos, certamente, seguirei trilhando daqui para frente.

Aos colegas da pós-graduação, pelas dicas e pelas constantes trocas de ideias, e aos professores do Poslin, em especial à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aléxia Teles, por ter ofertado a disciplina de Morfologia e Semântica Histórica no segundo semestre de 2022: não só aprendi muito, como também descobri o incrível universo contido nos dicionários etimológicos.

Ao meu marido, Augusto Polizer, que me incentivou a participar do processo seletivo para o mestrado.

Ao Gustavo Fechus, que, diante da minha dúvida entre Linguística e Literatura (disciplinas pelas quais tenho igual interesse), me deu o empurrãozinho necessário para que eu tomasse uma decisão acertada. Igualmente, agradeço à Plataforma Redigir por não só me conceder oportunidades de continuar me capacitando profissionalmente, como também por me incentivar sempre.

E, sobretudo, a Deus, que esteve ao meu lado em todas as etapas dessa jornada, mantendo meus passos firmes.

*Mas por outra parte quãdo vejo que do meyo de todos estes perigos & trabalhos me quis Deos tirar sempre em saluo, & porme em seguro, acho que não tenho tanta razão de me queixar por todos os males passados, quãta de lhe dar graças por este só bẽ presente, pois me quis conseruar a vida, paraq̃ pudesse fazer esta rude & tosca escritura [...]. (PINTO, 1614, f. 1).*



## RESUMO

No presente trabalho, empreende-se um estudo, de caráter descritivo, do comportamento linguístico dos quantificadores *todo(a)(s)* e *tudo* na modalidade escrita da língua portuguesa, bem como a análise comparativa desse comportamento com base em dados recolhidos de duas sincronias distintas: a variedade europeia do séc. XVI e a variedade brasileira do séc. XXI. Para tanto, elegeram-se como *corpora* os seguintes títulos circunscritos no gênero relato de viagem: *Peregrinação* (1614), do explorador português Fernão Mendes Pinto, e cinco obras do jornalista gaúcho Airton Ortiz, quais sejam: *Pelos caminhos do Tibete* (2001), *Expresso para a Índia* (2003), *Egito dos Faraós* (2005), *Vietnã pós-guerra* (2009) e *Jerusalém* (2011). Fundamentada no modelo tipológico-funcional de Givón (2001), esta pesquisa objetivou mapear o funcionamento dos quantificadores universais *todo* e *tudo* utilizando como instrumental de análise a matriz de traços proposta por Oliveira (2006); investigar o possível advento de novos fatos linguísticos concernentes à categoria em questão; identificar em que medida as intenções comunicativas condicionam as posições ocupadas, na sentença, pelos quantificadores em foco. O acervo de dados estudados compreende o total de 2.000 ocorrências, das quais 1.000 foram recolhidas de *Peregrinação*; e as outras 1.000, dos referidos livros de Airton Ortiz. Nortearam este estudo duas hipóteses: (a) na variedade pretérita, a forma *tudo* seria usada apenas para referente com o traço [-ANIMADO], em concorrência com a forma neutra conservadora *todo*, mas, na variedade contemporânea, a forma *tudo* seria empregada para referente com o traço [-ANIMADO] ou [+ANIMADO], havendo, então, diferenças semânticas no uso do quantificador *tudo* no século XVI em cotejo com o século XXI; (b) a gramaticalização por que passou a forma neutra teria oferecido novas possibilidades expressivas, o que levaria a uma modificação dos contextos de uso dessa forma, existindo, portanto, diferenças discursivas no emprego dos quantificadores universais em ambas as sincronias. Por meio dos resultados obtidos, constatou-se que, de fato, o item *tudo* pode se ligar a referentes inanimados ou a seres vivos no português atual; por outro lado, tal fato não representa uma inovação em termos semânticos, pois foi observado o mesmo tipo de uso em uma das ocorrências da variedade pretérita. Por fim, identificou-se não só um aumento, ao longo do tempo, na pluralidade de empregos dos quantificadores, como também o surgimento de funções não encontradas nos dados do séc. XVI. Parte dessas diferenças ocorreu em razão de questões estilísticas na escrita de cada autor, o que evidencia modificações decorrentes das necessidades comunicativas dos falantes de língua portuguesa.

Palavras-chave: quantificadores universais; funcionalismo; diacronia; relatos de viagem.

## ABSTRACT

This paper develops a descriptive study on the linguistic behavior of the quantifiers “todo” (every) and “tudo” (everything) in the written form of the Portuguese language. It also conducts a comparative analysis of this behavior based on data collected from two distinct periods: the European variation from the 16th century and the Brazilian variation from the 21st century. To this end, the following works encompassed in the travel literature genre were chosen as corpora: *Peregrinação* (1614), by the Portuguese explorer Fernão Mendes Pinto, and five works by the journalist from Rio Grande do Sul Airton Ortiz, namely *Pelos caminhos do Tibete* (2001), *Expresso para a Índia* (2003), *Egito dos Faraós* (2005), *Vietnã pós-guerra* (2009), and *Jerusalém* (2011). Grounded on Givón's (2001) typological-functional model, this research aimed to map the functioning of the universal quantifiers “todo” and “tudo,” using Oliveira's (2006) feature matrix as an analytical instrument. Additionally, the study aimed to investigate the potential advent of new linguistic facts regarding this category. It also aimed to identify to what extent communicative intentions affect the positions of these qualifiers in the sentence. The database analyzed comprises a total of 2,000 occurrences: 1,000 collected from *Peregrinação*, and the other 1,000 collected from Airton Ortiz's works. Two hypotheses guided this study: (a) in the preterite variety, the form “tudo” would be used only for referents with the [-ANIMATED] feature, in competition with the conservative neutral form “todo”, but, in the contemporary variety, the form “tudo” would be used for referents with the [-ANIMATED] or [+ANIMATED] feature, there being semantic differences in the use of the quantifier “tudo” in the 16th century compared to the 21st century; (b) the grammaticalization undergone by the neutral form would have offered new expressive possibilities, which would lead to a modification of the contexts of use of this form, therefore existing discursive differences in the use of universal quantifiers in both synchronies. The findings showed that, in fact, the item “tudo” can be linked to inanimate referents or living beings in contemporary Portuguese; although, this fact does not represent a semantic innovation, because the same type of use was observed in one of the occurrences of the past variety. Finally, there was not only an increase over time in the multiple uses of the quantifiers, but also the emergence of functions not found in the 16th-century data. Some of these differences occurred due to stylistic characteristics in each author's writing, which highlights changes resulting from the communicative needs of Portuguese speakers.

Keywords: universal quantifiers; functionalism; diachrony; travel literature.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Propriedades gramaticais e semânticas dos itens <i>todo</i> e <i>tudo</i> .....	40
<b>Tabela 2</b> – Comparação entre os paradigmas formal e funcional .....	53
<b>Tabela 3</b> – Diferenças entre as duas correntes da gramática .....	54
<b>Tabela 4</b> – Categorização de tipos de texto de acordo com sua proximidade com a fala .....	70
<b>Tabela 5</b> – Matriz de traços .....	86
<b>Tabela 6</b> – Ocorrências de quantificadores universais em PIN e ORT por gênero .....	89
<b>Tabela 7</b> – Ocorrências de quantificadores universais em PIN e ORT por número .....	89
<b>Tabela 8</b> – Ocorrências de quantificadores universais em PIN e ORT por posição .....	92
<b>Tabela 9</b> – Ocorrência de quantificadores universais em PIN (XVI) por gênero e posição .....	93
<b>Tabela 10</b> – Ocorrência de quantificadores universais em ORT (XVI) por gênero e posição .....	93
<b>Tabela 11</b> – Ocorrência de quantificadores universais em PIN e ORT por valor semântico .....	96
<b>Tabela 12</b> – Ocorrências de quantificadores universais em PIN (XVI) por gênero e por valor semântico .....	97
<b>Tabela 13</b> – Ocorrências de quantificadores universais em ORT (XXI) por gênero e por valor semântico .....	97
<b>Tabela 14</b> – Ocorrência de quantificadores universais em PIN (XVI) por valor semântico e por posição .....	98
<b>Tabela 15</b> – Ocorrência de quantificadores universais em ORT (XXI) por valor semântico e por posição .....	99
<b>Tabela 16</b> – Ocorrência de quantificadores universais em PIN e ORT conforme contexto de ligação .....	103
<b>Tabela 17</b> – Ocorrência de quantificadores universais em PIN (XVI) conforme contexto de ligação .....	104
<b>Tabela 18</b> – Ocorrência de quantificadores universais em ORT (XVI) conforme contexto de ligação .....	104

<b>Tabela 19</b> – Ocorrências em PIN e ORT conforme relação entre quantificador e entidade quantificada .....	109
<b>Tabela 20</b> – Dados de PIN (XVI): ocorrências conforme relação entre quantificador e entidade quantificada .....	110
<b>Tabela 21</b> – Dados de ORT (XXI): ocorrências conforme relação entre quantificador e entidade quantificada .....	110
<b>Tabela 22</b> – Ocorrências de quantificadores em PIN e ORT conforme subfunção .....	114
<b>Tabela 23</b> – Dados de PIN (XVI): ocorrências de quantificadores conforme subfunção ....	115
<b>Tabela 24</b> – Dados de ORT (XXI): ocorrências de quantificadores conforme subfunção ..	115
<b>Tabela 25</b> – Ocorrências de quantificadores conforme tipos de imediato .....	119
<b>Tabela 26</b> – Dados de PIN (XVI): ocorrências de quantificadores conforme tipos de imediato .....	120
<b>Tabela 27</b> – Dados de ORT (XXI): ocorrências de quantificadores conforme tipos de imediato .....	120
<b>Tabela 28</b> – Ocorrências de quantificadores conforme tipos de anafórico .....	122
<b>Tabela 29</b> – Dados de PIN (XVI): ocorrências de quantificadores conforme tipos de anafórico .....	124
<b>Tabela 30</b> – Dados de ORT (XXI): ocorrências de quantificadores conforme tipos de anafórico .....	124
<b>Tabela 31</b> – Ocorrências de quantificadores conforme tipos de catafórico .....	126
<b>Tabela 32</b> – Dados de PIN (XVI): ocorrências de quantificadores conforme tipos de catafórico .....	127
<b>Tabela 33</b> – Dados de ORT (XXI): ocorrências de quantificadores conforme tipos de catafórico .....	127
<b>Tabela 34</b> – Dados de ORT (XXI): ocorrências de quantificadores conforme tipos de anafórico e catafórico .....	129
<b>Tabela 35</b> – Ocorrências de locuções gramaticalizadas .....	133

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Ocorrências de quantificadores universais em PIN e ORT por gênero e número (%) .....	89
<b>Gráfico 2</b> – Ocorrências de quantificadores universais em PIN e ORT por posição (%) .....	92
<b>Gráfico 3</b> – Ocorrência de quantificadores universais em PIN e ORT por valor semântico (%) .....	96
<b>Gráfico 4</b> – Ocorrência de quantificadores universais em PIN e ORT por gênero e valor semântico (%) .....	97
<b>Gráfico 5</b> – Ocorrência de quantificadores universais em PIN e ORT por valor semântico e por posição (%) .....	99
<b>Gráfico 6</b> – Ocorrência de quantificadores universais em PIN e ORT conforme contexto de ligação (%) .....	103
<b>Gráfico 7</b> – Ocorrências em PIN e ORT conforme relação entre quantificador e entidade quantificada (%) .....	109
<b>Gráfico 8</b> – Ocorrências de quantificadores em PIN e ORT conforme subfunção (%) .....	114
<b>Gráfico 9</b> – Ocorrências de quantificadores conforme tipos de imediato (%) .....	119
<b>Gráfico 10</b> – Ocorrências de quantificadores conforme tipos de anafórico (%) .....	123
<b>Gráfico 11</b> – Ocorrências de quantificadores conforme tipos de catafórico (%) .....	126
<b>Gráfico 12</b> – Dados de ORT (XXI): ocorrências de quantificadores conforme tipos de anafórico e catafórico (%) .....	129

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1</b> – Folha de rosto da primeira edição de <i>Peregrinação</i> .....	77
<b>Imagem 2</b> .....	81
<b>Imagem 3</b> .....	81
<b>Imagem 4</b> .....	82
<b>Imagem 5</b> .....	82
<b>Imagem 6</b> .....	83

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
<b>CAPÍTULO 1 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA E REVISÃO DA LITERATURA ...</b>	<b>20</b>
1.1 OS ITENS <i>TODO</i> E <i>TUDO</i> : UM PANORAMA DIACRÔNICO .....	21
<b>1.1.1 <i>Omnis</i> e <i>tôtus</i> .....</b>	<b>21</b>
<b>1.1.2 <i>Tudo</i> e o processo de metafonía .....</b>	<b>23</b>
<b>1.1.3 Um percurso pelos dicionários (e outras obras lexicográficas) .....</b>	<b>25</b>
1.2 O FENÔMENO DA QUANTIFICAÇÃO UNIVERSAL.....	29
<b>1.2.1 Breve definição.....</b>	<b>29</b>
<b>1.2.2 Algumas propostas, muitas questões .....</b>	<b>32</b>
1.2.2.1 <i>Simões (1984)</i> .....	32
1.2.2.2 <i>Dubois-Charlier (1977)</i> .....	33
1.2.2.3 <i>Pontes (1978)</i> .....	35
1.2.2.4 <i>Lemle (1984)</i> .....	36
1.2.2.5 <i>Lobato (1986)</i> .....	37
1.2.2.6 <i>Mateus et al (1989)</i> .....	38
1.2.2.7 <i>Perini (1996)</i> .....	39
1.2.2.8 <i>Castilho (2016)</i> .....	40
<b>1.2.3 A problemática das classificações tradicionais e a proposta de Oliveira (2006).....</b>	<b>41</b>
<b>CAPÍTULO 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>49</b>
2.1 FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO .....	49
<b>2.1.1 Fundamentos .....</b>	<b>49</b>
<b>2.1.2 O modelo tipológico-funcional de Givón .....</b>	<b>55</b>
2.2 A IMPORTÂNCIA DOS RELATOS DE VIAGEM PARA O ESTUDO DA VARIAÇÃO E MUDANÇA: UM DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR.....	60
<b>2.2.1 O gênero relato de viagem .....</b>	<b>60</b>
<b>2.2.2 O jornalismo literário de viagem .....</b>	<b>64</b>
<b>2.2.3 A importância dos relatos de viagem para o estudo da variação e mudança linguística.....</b>	<b>68</b>
<b>CAPÍTULO 3 OBJETIVOS, HIPÓTESES, METODOLOGIA E <i>CORPORA</i> .....</b>	<b>71</b>
3.1 OBJETIVOS.....	71
3.2 QUESTÕES E HIPÓTESES .....	71
3.3 <i>CORPORA</i> .....	74
<b>3.3.1 <i>Peregrinação</i>, de Fernão Mendes Pinto .....</b>	<b>74</b>

3.3.2 Os relatos de viagem de Airton Ortiz .....	78
3.4 METODOLOGIA.....	83
<b>CAPÍTULO 4 OS QUANTIFICADORES UNIVERSAIS SOB A PERSPECTIVA FUNCIONALISTA: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>88</b>
4.1 UM PERCURSO PELO PORTUGUÊS DOS SÉCULOS XVI E XXI: MAPEANDO O FUNCIONAMENTO DOS QUANTIFICADORES, APRESENTANDO PERCENTUAIS, DISCUTINDO RESULTADOS.....	88
<b>4.1.1 Aspectos morfológicos: gênero e número .....</b>	<b>88</b>
<b>4.1.2 Aspectos sintáticos: posição na frase .....</b>	<b>90</b>
<b>4.1.3 Aspectos semânticos .....</b>	<b>94</b>
4.1.3.1 <i>Conjunto e substância</i> .....	95
4.1.3.2 <i>Tudo: [-ANIMADO] ou [+ANIMADO]?</i> .....	101
<b>4.1.4 Aspectos discursivos .....</b>	<b>102</b>
4.1.4.1 <i>Contextos de ligação: estreito ou alargado</i> .....	101
4.1.4.2 <i>Relação entre quantificador e entidade quantificada: imediata, vaga e fôrica (direta e indireta)</i> .....	105
4.1.4.3 <i>Subfunções: imediato, supergenérico, anafórico, catafórico, anafórico e catafórico</i> .....	112
4.1.4.4 <i>Tipos de imediato, anafórico, catafórico, anafórico e catafórico</i> .....	116
<b>4.1.5 Ocorrências de locuções gramaticalizadas .....</b>	<b>130</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>135</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>138</b>



## INTRODUÇÃO

Esta dissertação dedica-se ao estudo do quantificador universal *tudo* e formas correlatas<sup>1</sup> em língua portuguesa, promovendo a descrição de seu comportamento na variedade do séc. XVI e na variedade brasileira do séc. XXI, bem como a análise comparativa das funções desempenhadas por essa categoria em ambas as sincronias, visando identificar o possível surgimento de novos fatos linguísticos. Também objetivamos compreender em que medida a natureza multifuncional dos itens em questão condiciona sua movimentação na frase.

Por constituir um fenômeno produtivo nas mais diversas línguas, a quantificação figura como tema privilegiado em inúmeras pesquisas linguísticas, as quais, de modo geral, têm se dedicado a compreender/descrever tal fenômeno e o que motiva a flutuação de quantificadores na linguagem contemporânea, especialmente na modalidade oral. Em contrapartida, pouco se fala sobre a relação entre a multifuncionalidade das formas *todo(a)(s)* e *tudo* e as intenções comunicativas. Ademais, basta uma simples busca em repositórios acadêmicos para constatar que a quantificação universal, no português pretérito, carece de investigações aprofundadas.

A fim de justificar nossa escolha por estudar o passado da língua, especificamente a variedade do séc. XVI, parece-nos apropriado contextualizar brevemente o panorama histórico da época, marcado pelo advento das Grandes Navegações. Nesse sentido, é de conhecimento geral que tal evento, ocorrido entre os séculos XV e XVI, constitui um dos mais importantes na evolução das civilizações humanas. Esse processo se caracterizou pela exploração do Oceano Atlântico e teve a nação de Portugal como pioneira. São alguns dos fatores que propiciaram esse cenário:

Enquanto a maior parte da Europa se encontrava, no século XV, dividida em várias pequenas regiões rivais entre si, Portugal já era um reino unificado desde o século XII<sup>2</sup>, o que possibilitou seu crescimento e desenvolvimento. Esses antecedentes do reino português, somados ao aprimoramento dos instrumentos de navegação e ao fato de existir uma população portuária enriquecida e com desejo de expandir seu comércio, permitiram aos portugueses empreender grandes viagens pelo oceano. [...] A conquista de Ceuta, um grande centro comercial muçulmano situado no norte da África, pelos portugueses, em 1415, foi o primeiro passo rumo à concretização do desejo de construir um grande império português. Daí em diante, os portugueses continuaram com suas viagens, chegando a outros tantos lugares diferentes. (SOUZA, 2007, p. 2).

<sup>1</sup> São entendidas como formas correlatas o item *todo* e respectivas flexões (*todos*, *toda* e *todas*).

<sup>2</sup> Apontamos o século XIII como o período mais preciso, haja vista que a tomada da cidade de Faro pelos cristãos, considerada o marco da unificação de Portugal enquanto reino, ocorreu no ano de 1249.

Por meio das Grandes Navegações, consolidou-se a era dos descobrimentos, que possibilitou o contato entre distintas regiões e povos do planeta, e conseqüentemente a passagem da Idade Média para a Idade Moderna. Em razão disso, a variedade da língua portuguesa do séc. XVI representa um relevante recorte da história, da cultura e da sociedade de seus falantes. Aliás, é nesse contexto de explorações marítimas portuguesas que se insere *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, elencado como *corpus* deste trabalho: o autor, que também é narrador-personagem, relata a empreitada ao lado de seus conterrâneos às partes extremas da Ásia, desde a Índia até o Japão.

A fim de garantir que o estudo comparativo aqui proposto seja realizado de forma estratégica, escolhemos *corpora* do séc. XXI também circunscritos no gênero relato de viagem, notadamente na modalidade jornalismo literário de viagem. Trata-se de cinco títulos de autoria de Airton Ortiz, a saber: *Pelos caminhos do Tibete* (2001), *Expresso para a Índia* (2003), *Egito dos Faraós* (2005), *Vietnã pós-guerra* (2009) e *Jerusalém* (2011). Em suas narrativas, esse jornalista gaúcho relata em detalhes suas aventuras mundo afora e apresenta ao leitor aspectos das diversas culturas contemporâneas visitadas, projetando concepções sociais que, embora não sejam o foco desta pesquisa, prestam-se a torná-la mais rica por viabilizar o diálogo entre linguística e outras disciplinas pertinentes, a exemplo de literatura e jornalismo, assim como *Peregrinação* nos permite dialogar com a história.

O pilar teórico adotado para a realização de nosso trabalho foi o modelo tipológico-funcional de Givón (2001), de orientação funcionalista. Para a gramática funcional, o foco recai no falante, levando esse modelo a considerar a língua como um reflexo da relação entre o usuário, as suas experiências e a forma como ele interpreta o mundo. Por meio dessa perspectiva, pode-se demonstrar, entre outros fatores, que as escolhas realizadas por um falante, no acervo de possibilidades disponíveis na língua, devem ser consideradas segundo o contexto e as intenções comunicativas. Portanto, tais pressupostos se mostram adequados para o estudo promovido nesta dissertação. Recorremos, ademais, à matriz de traços proposta por Oliveira (2006), a qual será utilizada como instrumental de análise de nosso acervo de dados, que engloba o total de 2.000 ocorrências de *tudo* e formas correlatas: 1.000 recolhidas de *Peregrinação*; e as outras 1.000, dos referidos livros de Airton Ortiz.

Com efeito, além de investigar a existência de novos fatos linguísticos relacionados aos quantificadores, como já mencionado, pretendemos mapear o funcionamento dos itens *todo(a)(s)* e *tudo* e identificar em que medida as intenções comunicativas condicionam as posições ocupadas, na sentença, pelos quantificadores em foco.

A dissertação se divide em quatro capítulos e se encerra com as considerações finais.

No capítulo 1, reconstituímos, com base em dicionários etimológicos e outras obras lexicográficas pertinentes, o percurso diacrônico dos itens *todo(a)(s)* e *tudo*; apresentamos uma breve definição de quantificação universal; revisitamos as propostas de autores expoentes sobre o assunto, bem como as discussões sobre flutuação de quantificadores, visando averiguar o que já foi desenvolvido nesse campo; problematizamos sucintamente as classificações atribuídas pela Gramática Normativa à categoria em tela; e, enfim, descrevemos os componentes da matriz de traços de Oliveira (2006).

No capítulo 2, tratamos dos fundamentos teóricos que amparam este trabalho: o funcionalismo linguístico e o modelo tipológico-funcional de Givón (2001). Promovemos, sequencialmente, uma conceituação dos relatos de viagem circunscritos nos discursos tanto literário quanto jornalístico.

No capítulo 3, são abordados em detalhes os objetivos gerais e específicos, as hipóteses e a metodologia elaborados para conduzir a dissertação. Outrossim, mobilizamos informações pertinentes sobre os *corpora* que compõem nosso acervo com a intenção de somá-las ao conteúdo conceitual explanado no capítulo 2.

No capítulo 4, os dados recolhidos são descritos, analisados e comparados; e os resultados, discutidos de modo a testar as hipóteses formuladas: (a) na variedade pretérita, a forma *tudo* seria usada apenas para referente com o traço [-ANIMADO], em concorrência com a forma neutra conservadora *todo*, mas, na variedade contemporânea, a forma *tudo* seria empregada para referente com o traço [-ANIMADO] ou [+ANIMADO], havendo, então, diferenças semânticas no uso do quantificador *tudo* no século XVI em cotejo com o século XXI; (b) a gramaticalização por que passou a forma neutra teria oferecido novas possibilidades expressivas, o que levaria a uma modificação dos contextos de uso dessa forma, existindo, portanto, diferenças discursivas no emprego dos quantificadores universais em ambas as sincronias.

Nas considerações finais, por sua vez, encerramos o trabalho com nossas ponderações acerca dos resultados obtidos.

Por meio dessa trajetória de estudos, pretendemos contribuir para ampliar os conhecimentos e a compreensão acerca dos quantificadores universais. Do mesmo modo, a pesquisa se demonstra relevante na área dos estudos linguísticos por complementar, de forma aprofundada, os trabalhos descritivos do português do séc. XVI.

## CAPÍTULO 1

### DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA E REVISÃO DA LITERATURA

Destinamos este capítulo, em primeiro lugar, a traçar um percurso histórico dos itens *todo* e *tudo*, retrospectiva necessária para que seja possível averiguar, no decorrer da pesquisa, se houve mudanças no português do séc. XXI em comparação com a variedade pretérita. Apesar de existirem inúmeras publicações sobre a temática da quantificação universal, poucas apresentam um panorama diacrônico aprofundado dos nominais em estudo, de forma que buscamos materiais pertinentes para embasar nosso trabalho da maneira mais detalhada possível. Assim, a fim de viabilizar tal objetivo, foram consultadas obras lexicográficas que recobrem o período de 1728 a 2023 (últimos 295 anos), as quais nos permitiram construir um panorama da história de *todo* e *tudo*, desde sua origem a partir do latim, passando pelos seus primeiros registros em língua portuguesa, até chegarmos às acepções atuais.

Em segundo lugar, apresentamos uma revisão da literatura especializada visando contextualizar o fenômeno da quantificação universal e a maneira como os itens em foco são tratados por alguns autores importantes para a construção desta dissertação. Por meio disso, não apenas resenhamos a evolução das discussões sobre o assunto, como também sinalizamos as divergências que ainda se verificam entre os estudiosos, delimitando, então, o problema de pesquisa. Em terceiro lugar, problematizamos brevemente a vagueza com que as gramáticas normativas e mesmo alguns dicionários classificam *todo* e *tudo*, descrevendo, em seguida, a proposta de Oliveira (2006), que parte da constatação de que o quantificador *tudo* não se restringe ao papel de pronome indefinido que geralmente lhe é atribuído pela tradição normativa. Ainda, detalhamos a matriz de traços elaborada pela autora, que foi o instrumental de análise elegido para a realização deste trabalho.

Por fim, com relação às obras lexicográficas consultadas, cabe esclarecer que muitos estudiosos mobilizam abonações de autoria de escritores clássicos, como Plínio, Camões, Padre Antônio Vieira etc., contudo nem sempre foi possível recuperar as informações quanto às edições utilizadas, seja porque alguns dicionários, especialmente os mais antigos, não contam com referências, seja porque as remissões estão incompletas. Portanto, optamos por incluir, em notas de rodapé, as referências tal e qual foram citadas nos dicionários e nas demais obras pesquisadas, permitindo que o leitor tenha ciência da origem dessas abonações/exemplos.

## 1.1 OS ITENS *TODO* E *TUDO*: UM PANORAMA DIACRÔNICO

### 1.1.1 *Omnis* e *tōtus*

A origem dos quantificadores *todo* e *tudo* remonta à existência, em latim, das formas coocorrentes *omnis* e *tōtus*. Ernout e Meillet (1939) declaram que ambas não possuem etimologia clara (ERNOUT; MEILLET, 1939, p. 1050). Bréal e Bailly (1898), por sua parte, sinalizam que *tōtus* “é provavelmente de origem pronominal e está ligado ao radical demonstrativo que deu origem a *tam*, *tot* etc.” (BRÉAL; BAILLY, 1898, p. 399, *tradução nossa*). Quanto a *omnis*, na visão dos mesmos autores, trata-se de um item “cujo plural precedeu o singular”, tal como “o masculino também precedeu o feminino e o neutro” (*ibid.*). No que tange à ideia de um plural que precedeu o singular, a título de esclarecimento, mobilizamos a explicação de Groussier (2006), segundo a qual:

É *omnis* que pode, acompanhado de um nome singular, assegurar a referência a todos os elementos de um conjunto ou de uma classe considerados um a um. [...] Trata-se aqui de um substantivo sempre plural: a multiplicidade passou do estatuto de determinação ao de propriedade nocional: toda ocorrência é múltipla. Este plural é, portanto, singular. Assim, parece que, em latim, o valor do indicador de passagem de *omnis* é limitado a casos de passagem de uma classe de variedades. (GROUSSIÉ, 2006, *tradução nossa*).

Embora, muitas vezes, ambos os itens sejam tratados por alguns autores como se constassem desde sempre da mesma significação, como foi visto em situações pontuais durante a pesquisa bibliográfica para a elaboração desta dissertação, Bluteau (1728) adverte que *omnis* e *tōtus* não são sinônimos (BLUTEAU, 1728, p. 185). Nesse sentido, de acordo com Groussier (2006), no latim clássico, tais formas se prestavam de fato à indicação de totalidade, mas com sentidos distintos: *omnis* era preferencialmente utilizado para expressar “a totalidade de um conjunto ou classe, com um substantivo plural”; já *tōtus* se aplicava para “a totalidade de um elemento”. Em outras palavras, “*omnis*, marcador especializado em latim para a expressão de uma totalidade plural, está em oposição a *tōtus*, marcador da totalidade de um elemento” (GROUSSIÉ, 2006, *tradução nossa*).

Os exemplos a seguir ilustram tais sentidos:

(1) *Totus est noster*.<sup>3</sup> Elle he todo nosso. (BLUTEAU, 1728, p. 186).

---

<sup>3</sup> Cic.

(2) *leges aliae omnes*. Todas as outras leis. (GAFFIOT<sup>4</sup>, 2000 *apud* GROUSSIÈRE, 2006, *tradução nossa*).

Porém, cabe pontuar que, “assim como o uso de *tōtus* se estendeu para indicar a totalidade de uma multiplicidade de elementos, *omnis* também passou a se referir à completude quantitativa de um único elemento”, como se verifica no exemplo: *hic ager omnis* (“todo este terreno”) (*ibid.*). Quanto a isso, Bluteau (1728) afirma que, em alguns textos em latim, é possível encontrar *omnis* com o mesmo sentido que *tōtus*, fator que provavelmente se justifica devido à expansão de sentido mencionada. Apontamento semelhante pode ser encontrado em Ernout e Meillet (1939), segundo os quais tais formas eram utilizadas de forma intercambiável. Não por acaso, muitas vezes *tōtus* é confundido com *omnis*, especialmente no singular (ERNOUT; MEILLET, 1939, p. 1050).

Ao longo do tempo, na oralidade, *tōtus* “tomou o lugar de *omnis* na expressão de totalidade numérica, do que já se encontram traços latinos desde [o dramaturgo romano] Plauto” (MAURER JÚNIOR, 1959, p. 116). Assim, *tōtus* generalizou-se na língua corrente (SILVA NETO, 1952) e, posteriormente, passou a integrar diversas línguas oriundas do latim sob outras formas, como atesta Maurer Júnior (1959): *tot*, em romeno; *todo*, em espanhol; *tout*, em francês; *tutto* em italiano; *todo* e, mais tarde, também *tudo* em português etc. Com efeito, “*omnis*, embora atestado desde tempos imemoriais, mal foi preservado [...]”. Na maior parte dos lugares, “foi eliminado em favor do *tōtus*” (ERNOUT; MEILLET, 1939, p. 702-703). Segundo Maurer Júnior (1959) *apud* Gonçalves (2010), “o termo *omnis* subsiste apenas no italiano na forma de *ogni*, com um plural neutro antigo (*ogna*), tornando-se o último vestígio do pronome [...], podendo ser uma introdução tardia de uma forma semierudita” (MAURER JÚNIOR, 1959 *apud* GONÇALVES, 2010, p. 19).

Convém destacar que, ainda que tenhamos nos empenhado em reunir um acervo amplo e consistente para servir de embasamento a este trabalho, o percurso histórico aqui construído não se apresenta, na maior parte dos títulos consultados, de forma explícita e linear. Muitas obras, mesmo aquelas com proposta etimológica, não mencionam a existência de *omnis* enquanto item coocorrente de *tōtus*. Foi preciso recolher, então, pistas por meio da consulta a um grande número de obras lexicográficas, a fim de se construir um panorama claro. Assim, diante do exposto e como atestam, de forma unânime, os dicionários abordados

---

<sup>4</sup> GAFFIOT, Félix, 1934-2000, *Le grand Gaffiot*, nouvelle édition [...], Paris, Hachette.

adiante nesta seção, conclui-se que a forma *tōtus*, sobre a qual recaiu a preferência no latim vulgar, de fato originou as variedades *todo* e, por extensão, *tudo* em português.

### 1.1.2 *Tudo* e o processo de metafofia

Nas palavras de Bueno (1967), *metafofia* e *umlaut* “são nomes diversos do mesmo fenômeno fonético” e podem ser definidos da seguinte maneira:

[...] [trata-se da] alteração do timbre de uma vogal por influência de outra, geralmente, *i*, *u*, ou então *e*, *o*, que, embora gráficamente difiram da precedente fonética lhes são iguais: *tossir* deveria dar no presente do indicativo *tosso*, mas o último *o*, sendo átono, é pronunciado *u*: *tossu* e daí a influência da precedente – *tusso*. (BUENO, 1967, p. 71).

Coutinho (1954), por seu turno, apresenta-nos esta definição:

Metafofia é a modificação de som, ou mais propriamente do timbre de uma vogal, resultante da influência que sobre ela exerce a vogal ou semivogal seguintes, exs.: [...] *debita* > *divida*, *decima* > *dizima*; [...] *dormio* > *durmo* [...]. (COUTINHO, 1954, p. 147).

Compreender tal fenômeno se mostra relevante na medida em que o item *tudo* originou-se do processo de metafofia a partir de *todo* e constitui uma forma de difusão recente na língua: sua implementação, segundo Nascentes (1955), ainda se encontrava em curso no séc. XVI. Para Câmara Júnior (1976), pode-se “considerar *tudo* um nome substantivo, que se deriva do adjetivo correspondente, não por um sufixo como *beleza* de *belo*, mas por um processo de alternância vocálica [...], que especificamente não se encontra na morfologia pronominal” (CÂMARA JÚNIOR, 1976, p. 111). Nesse contexto, tanto Williams (1961) quanto Huber (1986) sinalizam que o *o* tônico do latim vulgar passou a *u*, nos casos em que esse timbre é seguido de uma sílaba terminada em *o* (WILLIAMS, 1961, p. 51; HUBER, 1986, p. 64).

Não obstante às elucidações elaboradas com base no étimo latino, Coutinho (1954) observa que “até hoje não está suficientemente explicada a modificação do *o* em *u*” (COUTINHO, 1954, p. 276). Sobre isso, na visão de Câmara Júnior (1976), é válido o argumento de que “ao lado de *todo* (+ *a*, +*s*) há uma forma substantiva *tudo*, invariável e só aplicável a coisas, à maneira do que acontece com *isto* ou *algo*; é de notar, até, a alternância vocálica / *o* / : / *u* /, paralela à de / *e* / : / *i* / em *isto*, *isso*, *aquilo* (CÂMARA JÚNIOR, 1976, p. 111). Nunes (1956), por sua vez, levanta a hipótese de que:

Ao lado de *todo-a*, tem o galego *toido-a*, a que corresponde no povo do Douro *tuido-a*, formas estas que se devem atribuir respectivamente a influência de *moito* e *muito*, quando neste pronome ainda o *m* inicial não tinha, como hoje, nasalado o ditongo seguinte; provavelmente de *tuido* originou-se o actual *tudo* (NUNES, 1956, p. 259).

Em seu artigo, V. Cunha (2002) evoca o trabalho de Sequeira (1943), que leva em consideração ambas as conjecturas supramencionadas:

Para o surgimento de *tudo*, podem ser aventadas duas hipóteses, na opinião desse [...] autor: a influência analógica de *muito*, por intermédio de *tuido*, forma que se houve nos falares do Douro; ou, o que é mais provável, a atuação da metafonía, por influência da vogal átona final, grafada *o*, porém pronunciada como [u]. (SEQUEIRA, 1943 *apud* CUNHA, V., 2002, p. 155-156).

A estudiosa aponta, ainda, o seguinte:

Observe-se que em *tudo* não ocorreu apenas a metafonía, mas também uma harmonização do ponto de vista do resultado: [\*tudu]. A metafonía poderia ser explicada também por uma necessidade de ordem semântica: desfazer a homonímia entre as formas de masculino e de neutro. (CUNHA, V., 2002, p. 156).

Esse posicionamento é corroborado pela definição do verbete *tudo*, em Nascentes (1955), na qual há a mobilização de autores – quais sejam, Diez e Otoniel Mota – que afirmam, respectivamente: “a apofonia foi método criado pela língua para distinguir as formas com mais precisão<sup>5</sup>” e “a metafonía foi determinada pela necessidade de extremar a forma adjetiva da pronominal<sup>6</sup>” (NASCENTES, 1955, p. 551).

Outrossim, é necessário observar que, antes da difusão do item *tudo* em língua portuguesa, a forma *todo* era empregada com a mesma função que hoje se denomina, pelas gramáticas tradicionais, de pronome indefinido. Os exemplos a seguir ilustram tal uso:

(3) e os emiigos fazem **todo** pelo contrário<sup>7</sup> (Aulete, 1958, p. 4986).

(4) Contou-lhis **todo**<sup>8</sup> (MATTOS E SILVA, 2019, p. 113).

(5) **Todo** he verdade quanto dizes (*ibid.*).

(6) E sem ella **todo** o que se pensa seer siso<sup>9</sup> (NASCENTES, 1955, p. 551).

(7) Já a ilha e **todo** o mais desamparando<sup>10</sup> (SEQUEIRA, 1943 *apud* CUNHA, V., 2002, p. 155).

<sup>5</sup> Diez, *Gram.*, II, 87.

<sup>6</sup> Otoniel Mota, *O meu idioma*, 45.

<sup>7</sup> *Livro de Esopo*, p. 21.

<sup>8</sup> DSG (1989: 188-195).

<sup>9</sup> *Leal Conselheiro*, p. 60.

<sup>10</sup> *Lus.* I, 91.



Como se nota, não há consenso quanto ao assunto. Com efeito, outros autores, a exemplo de Coutinho (1954), Bueno (1974) e Silva Neto (1977), limitam-se a apresentar as suposições dos estudiosos Ernout, Nunes, Williams, etc. A fim de sintetizar essa divergência de pontos de vista, reproduzimos abaixo um trecho presente na definição do verbete *tudo* em Bueno (1974):

Carol. Michaelis acha que a passagem do *o* a *u* (*totum, tudo*) é efeito de metafoia e esta mesma opinião é a de Ed. Williams. Já em várias inscrições e textos do lat. vulg. se encontra *tutum* que, na opinião de Ernout (Les Éléments Dialectaux du Vocabul. Lat.) é de origem dialetal. Podemos ainda apelar para a inata tendência da língua de valer-se da fonética para mais precisamente expressar o pensamento, diferenciando *tudo* (pron.) de *todo* (adj.) como já havia feito com *isto, isso, aquilo* (prons.) diferente de *este, esse, aquele* (adjs.). A fonética está, assim, em função da língua no intuito de maior clareza e precisão. (BUENO, 1974, p. 4110).

Em suma, constata-se que o tema está longe de esgotar-se; pelo contrário, há muito pela frente a ser estudado. Ainda assim, buscamos construir, nesta subseção, um panorama histórico que se mostrasse o mais completo possível, de modo a fundamentar adequadamente a investigação empreendida neste trabalho.

### 1.1.3 Um percurso pelos dicionários (e outras obras lexicográficas)

Como já mencionado na subseção 1.1.1, identifica-se notória consonância entre os dicionaristas acerca da origem dos quantificadores em estudo, posto que os 18 dicionários com remissão etimológica consultados durante esta pesquisa, em sua totalidade, apontam *tōtus* como a forma latina que originou as variedades *todo* e, posteriormente, *tudo*, a saber: Bluteau (1728), Coelho (1890), Séguier (1910), Figueiredo (1925), Bastos (1928), Freire (1940), Carvalho (1945), Moreno (1948), Nascentes (1955), Aulete (1958), *Grande dicionário brasileiro Melhoramentos* (1975), Fernandes *et al* (1984), A. G. Cunha (1986, 2010), Corominas (1987), Michaelis (1998), Aurélio (1999) e Houaiss (2001). Entre tais obras, apenas Bluteau (1728), Nascentes (1955) e Houaiss (2001) indicam a existência da forma correlata *omnis*.

Com relação ao período de surgimento dos itens em questão, A. G. Cunha (2014) atesta a existência de *todo*, no vocabulário do português medieval, a partir do séc. XIII, sob a forma *tod'*, como demonstra o dado: “Tod’ aquel que pola Virgen quiser de seu ben fazer

[...]¹¹”. Percurso etimológico semelhante pode ser encontrado em Houaiss (2001). A origem de *tudo*, por outro lado, constitui aspecto de divergência entre alguns autores.

De acordo com Said Ali (1964), esse vocábulo, “invariável, data da literatura quinhentista e substitui o antigo *todo* [...]” (ALI, 1964, p. 118). Ponto de vista semelhante pode ser verificado em Nascentes (1955): “Nos princípios do século XVI ainda se usava *todo*; já, porém, em documentos de 1548 e 1549 e na *Eufrosina* aparece *tudo* (Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*, 65-6). É, pois, forma recente, como observa Ribeiro de Vasconceloz [...]” (NASCENTES, 1955, p. 551).

Silva Neto (1977) também cita Leite de Vasconcelos em seu trabalho, mas faz o seguinte adendo: “Tanto Nunes como Leite de Vasconcelos ensinam que a forma *tudo* só ocorre no séc. XVI. Entretanto o dr. Huber encontrou essa palavra no ano de 1262 [...] e eu achei-a, duas vezes, nas *Cantigas de Joan Garcia de Guilhade* [...]”. (SILVA NETO, 1977, p. 151). De fato, em Huber (1986), encontramos menção à existência de *tudo* já no séc. XIII: “[...] nos seguintes casos – não muito claros –, em que talvez o *o* = *u* final pudesse ter provocado a transformação de *o* > *u*: *usso* ‘urso’ ao lado de *osso* [...], *tudo* (1262) ao lado de *todo* < *tōtu*, *nusco*, *vusco* [...] ao lado de *nosco*, *vosco* [...]” (HUBER, 1986, p. 64).

Quanto a Bueno (1974), este explica que tal forma realmente aparece, de forma esporádica, no dito período, mais especificamente nos Cancioneiros<sup>12</sup>, mas sua efetiva popularização só se inicia na segunda metade do séc. XVI (BUENO, 1974, p. 4110). Afirmção similar à desse autor pode ser verificada em Mattos e Silva (1991). Portanto, percebe-se que, embora a implementação da forma neutra *tudo* ainda se encontre em curso no séc. XVI, como comprovam alguns dados de *Peregrinação* – os quais veremos adiante nesta pesquisa –, indícios demonstram que o item é ainda mais antigo em língua portuguesa.

Passando-se às questões semânticas, ainda que se encontrem definições de verbete mais ou menos detalhadas a depender do dicionário, em rigor, não se identificaram alterações no que tange à significação de *todo* e *tudo* ao longo do tempo. Bluteau (1728), A. M. Silva (1813), Pinto (1832) e Coelho (1890), autores cujos dicionários figuram como os mais antigos em língua portuguesa de nossa bibliografia, mobilizam as seguintes conceituações:

**TÒDO**, adj. Articular que denota a totalidade dos individuos [...] *Todo*; i. é, com a totalidade das partes integrantes [...] **TÚDO**, variação do adj. *Todo*, equival a todas as cousas, he mascul. quando se substantiva [...] (SILVA, A. M., 1813, p. 780, 816).

<sup>11</sup> CSM, 212.4.

<sup>12</sup> *Lus.* XXIII, p. 88.

**Todo.** Cousa inteira, & a que não falta parte algũa, respeitando o tamanho, & a extensaõ, mais que o numero. **Tudo.** Todas as cousas, sem exceção. (BLUTEAU, 1728, p. 185, 320).

**Todo**, adj. Inteiro que não està dividido em partes. Que comprehende a totalidade em numero. **Todo** (como subst.) Qualquer cousa com todas as suas partes. A's vezes se toma pelo maior numero. **Tudo.** Variação de *todo*, e significa todas as cousas. (PINTO, 1832).

**Todo**, tó-do, *adj.* Inteiro, completo. Qualquer. *Fig.* Maximo. *s.m.* Coisa inteira; corpo completo. Generalidade. **Tudo**, tú-do, *pron. indef.* Uma coisa considerada por inteiro, completa. Qualquer coisa, qualquer especie de coisa. Toda a gente. A universalidade das coisas, do que existe. (COELHO, 1890, p. 1165, 1194).

Ao se cotejar tal conteúdo com as informações trazidas por Borba (2002), A. G. Cunha (2010) e *Aulete Digital* (2023), as três referências mais recentes entre os dicionários consultados, percebem-se definições similares:

**Todo Pron [Indefinido] 1** indica a totalidade das partes ou dos componentes; inteiro; total [...] **2** no plural, indica totalidade numérica [...] **3** no plural, é usado para englobar uma numeração precedente [...] **4** qualquer; cada [...] **6** muito; bastante [...] **8** conjunto [...] **9** massa; totalidade [...] **10** generalidade [...] **11** totalmente, completamente [...] **Tudo Pron [Indefinido] 1** a totalidade das coisas ou animais ou pessoas [...] **3** todas as coisas [...] **4** O conjunto ou a totalidade daquilo que se mencionou [...] **6** aquilo que é essencial ou fundamental [...] **7** resume e justifica o que foi dito anteriormente [...] **8** usado para englobar uma enumeração precedente [...] **10** a universalidade [...] (BORBA, 2002).

**Todo, toda pron.** XIII. Do lat. *tōtus, tōta*. **Tudo pron.** ‘a totalidade das coisas e/ou animais e/ou pessoas’ XIII. Do lat. *tōtus*. (CUNHA, A. G., 2010, p. 638, 656).

**Todo a. 1.** A que não falta parte alguma; COMPLETO; INTEIRO; TOTAL [...] *pr. indef.* **2.** Qualquer, cada [...] *adv.* **3.** Completamente, por inteiro [...] *sm.* **4.** O conjunto completo. **Tudo pr. indef.** **1.** O conjunto de todas as coisas, ou fatos, ou sentimentos etc. [...] **2.** A totalidade daquilo a que se está referindo em certo contexto [...] **3.** O essencial [...] (AULETE DIGITAL, 2023).

Ademais, há algumas particularidades sintáticas na variedade pretérita pelas quais devemos perpassar, em razão de sua importância para a adequada descrição e compreensão dos dados que analisaremos adiante, nesta pesquisa. Promover tal síntese também se mostra necessário porque, apesar da vasta bibliografia consultada, pouquíssimos autores abordam especificidades de usos dos quantificadores no português pretérito.

Primeiramente, aborda-se a relação entre o artigo e o nominal *todo*. A esse respeito, de acordo com Said Ali (1964):

Serve o singular *todo* para designar o conjunto ou inteireza, e antepõe-se ou pospõe-se a nomes previamente determinados por outro pronome adjunto, ou pelo artigo: *todo este país* ou *todo o país está arruinado*. Se trata de nome próprio, a presença do artigo dependerá de o dito nome usar-se ou não com artigo. (ALI, 1964, p. 118).

Porém, segundo o autor, casos em que esse vocábulo funcione como sinônimo de *qualquer* excluiria a presença do artigo, emprego bastante comum no português antigo, especialmente na era pré-camoniã: “era-lhe obediente... e toda subjeição e toda humildade trabalhando em toda virtude; abraçou-o cõ todo amor; livre de todo error”<sup>13</sup> (*ibid.*, p. 121). Ainda quanto à questão do artigo, Said Ali (1964) esclarece que:

Êste alvitre de não empregar senão a forma com artigo não se decidiram os seiscentistas a tomar ante os dizeres *todo o gênero* e *todo gênero*. Lançavam mão do segundo, se queriam enunciar o conceito de modo mais vago, e utilizavam-se do primeiro se lhes importava expressar-se com mais ênfase [...] (*ibid.*).

Apontamento similar é feito por Fonseca (1985), que indica a possibilidade de se dispensar o artigo após o vocábulo *todo*, como demonstram os exemplos: “todos meus bens; toda esperança” (FONSECA, 1986, p. 145). A. M. Silva (1813), por sua parte, esclarece que “os classicos pela sua maior parte não lhe ajuntão o artigo simples *o*, *a* como hoje se faz geralmente (SILVA, A. M., 1813, p. 780).

O artigo poderia ser igualmente suprimido nas situações em que *todos* se antepusesse à “totalidade numérica dos seres rigorosamente definida por um numeral cardinal, [...] quando esteja subentendido o substantivo: ‘As Dorcadas passamos, povoadas das Irmaãs... que de vista total sendo privadas *todas três* dhum só olho se servião’<sup>14</sup>” (ALI, 1964, p. 123). É curioso sublinhar que, diferentemente do que ocorria nessa variedade do português, atualmente o emprego do artigo após a forma flexionada *todos(as)* é considerado obrigatório pelos estudiosos sobre o assunto, como veremos na subseção 1.2.2.

Também se encontram, nas obras de escritores quinhentistas, construções como “todo o homem” (= “todos os homens”) para expressar generalização. Já o “adjetivo substantivado, tendo caracterizada esta função pela presença do artigo, não pode perder êste artigo, quando se lhe antepõe a palavra *todo*, ainda que se tenha em mente a noção de ‘qualquer’”, a exemplo do que se vê neste trecho: “receberão de *todo o illustre* os ossos”<sup>15</sup> (*ibid.*, p. 122).

Outro aspecto importante diz respeito às expressões “o resto, o restante, o mais, o outro”. Nessa perspectiva, Said Ali (1964) elucida o seguinte:

[...] considera-se em conjunto a parte complementar de pessoas ou cousas mencionadas anteriormente. Como refôrço a estas locuções se lhes antepõe a palavra *todo*, sendo que com *o mais* desacompanhado de substantivo e equivalendo a “as mais cousas”, se usa, em português moderno, *tudo* em lugar de *todo*: “*Tudo o mais*

<sup>13</sup> *Lenda dos Santos Baarlão e Josafate*.

<sup>14</sup> Camões, *Lus.* 5, 11.

<sup>15</sup> Camões, *Lus.* 5, 83.

eram cousas para dar aos Reys”<sup>16</sup> [...] “*Toda a mais* povoação era de madeira cuberta”<sup>17</sup> [...]. (*ibid.*, p. 119).

Finalmente, quanto às construções “o necessário”, “o possível”, “o útil”, “o supérfluo”, entre outras, “significando o conjunto das cousas necessárias”, nas palavras de Said Ali (1964), utiliza-se atualmente a forma *todo*, mas, no português pretérito, empregava-se “ora *todo*, ora *tudo*”, como demonstram os exemplos a seguir:

(8) He necessario desbastar-me de *todo o superfluo* e descartar-me de mim mesmo<sup>18</sup> (*ibid.*, p. 120).

(9) Tereis *tudo o necessario* para o sustento da vida<sup>19</sup> (*ibid.*).

Essas variações, como veremos adiante, também estão presentes nos dados de *Peregrinação* e evidenciam que a forma neutra e invariável *tudo*, embora já difundida no séc. XVI, ainda não se encontrava plenamente consolidada.

## 1.2 O FENÔMENO DA QUANTIFICAÇÃO UNIVERSAL

### 1.2.1 Breve definição

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2022) caracteriza os quantificadores universais como “palavra[s] que exprime[m] quantidade”. O *Dicionário Terminológico* (DT), por sua vez, define-os como uma categoria com a propriedade de induzir “uma leitura do grupo nominal relativa a todos os elementos de um conjunto”. Portanto, por meio de frases como “Todo homem é mortal”, cuja acepção seria “Para todo o homem, verifica-se que ele é mortal”, torna-se possível construir proposições universais. Em razão dessas especificidades, os quantificadores universais não só permitem expressar a quantidade, mas também “possibilita[m] algo ainda mais extraordinário, como [...] fazer generalizações” (ALFREDO, 2015, p. 21).

Trata-se de um recurso presente em inúmeras línguas, com emprego bastante produtivo, notoriamente, no português, pois os quantificadores não apenas desempenham a função de referencial, como também permitem que, ao mencionar determinado grupo de

<sup>16</sup> Barros, *Déc.* 1, 4, 3.

<sup>17</sup> Barros, *Déc.* 1, 4, 7.

<sup>18</sup> Heitor Pinto 2, 386.

indivíduos ou objetos, o falante consiga delimitar tais elementos segundo suas características gerais. A produtividade dos quantificadores pode ser verificada tanto na escrita quanto na oralidade, quando são construídas informações cuja importância recai em parte de um conjunto ou em sua totalidade. Nesse contexto, os quantificadores universais possuem destaque. Frases como “**Todos** têm um sonho” ou “Nem **tudo** são flores” representam exemplos que, certamente, a grande maioria dos falantes/leitores de língua portuguesa já ouviram/leram. Tão essencial se revela seu papel que a tarefa de construir contextos informacionais sem o atributo generalizador possibilitado pelos quantificadores universais pode ser desafiadora ao se levar em conta os prejuízos de sentido gerados pela sua ausência.

Sob esse viés, em áreas do conhecimento em que a generalização se mostra imprescindível para definir determinado objeto de estudo, como ocorre com as espécies em Biologia, haveria dificuldades em estabelecer características gerais de conjuntos de populações e, igualmente, em compartilhar esse conhecimento. Realizando um paralelo com o raciocínio de Godoy (2005), imaginemos que um professor, durante uma aula, afirme aos alunos que “Todo mamífero é vertebrado”. Após ouvir essa frase, tendo em vista sua natureza categórica, os estudantes serão capazes de inferir que, se um animal amamenta, por extensão, esse mesmo animal é dotado de vértebras. Isso evitaria que o professor se visse obrigado a repetir a informação em todas as aulas e atividades que envolvessem o tema mamíferos. A capacidade de generalização permite, até mesmo, que o ser humano interprete fatos que não lhe foram explicitamente apresentados. Portanto, um jovem discente que tomasse conhecimento da existência dos ornitorrincos durante as férias escolares, por exemplo, ainda que o aspecto pouco comum desses animais lhe causasse estranhamento, teria condições de caracterizá-los como vertebradas. “Esse raciocínio nunca se faria presente numa linguagem sem quantificadores” (GODOY, 2005, p. 10).

Tal recurso se revela essencial não só para o âmbito do ensino, mas também para a execução do trabalho na medida em que, por meio de comandos que indicam ação reiterada, torna-se possível atribuir autonomia a um indivíduo com determinada função após orientá-lo uma única vez. De acordo com Godoy (2005):

Imagine a seguinte ordem de uma patroa à sua empregada: “Molhe as plantas *todos* os dias”. Sem poder usar a quantificação estabelecida por *todos*, uma simples tarefa como essa não poderia ser executada. Ou seria necessário que a patroa, todo dia ao acordar, repetisse a ordem “Molhe as plantas”, o que se tornaria uma outra tarefa [...]. (*ibid.*, p. 10).

---

<sup>19</sup> Vieira, *Serm.* 8, 179.

Em sociedades como a nossa, cuja realização de atividades predeterminadas se mostra essencial para seu desenvolvimento, imaginar a comunicação sem os recursos referidos anteriormente se revela uma tarefa impossível. As demandas atuais exigem que a comunicação seja assertiva e, principalmente, breve. Mesmo a comunicação em ambientes informais requer instrumentos que permitam fazer referências e, assim, produzir mensagens objetivas, que dispensem repetições de informações já mencionadas no diálogo. Isso demonstra que, mais que instrumentos linguísticos, os quantificadores universais expressam uma característica intrínseca à cultura humana e à maneira como nós decodificamos o mundo que nos rodeia. Não por acaso, tal categoria linguística figura como objeto dos mais diversos estudos da literatura, os quais, de modo geral, interessam-se tanto pela função prototípica dos quantificadores quanto pela forma como esses elementos transitam nas classificações linguísticas, ao longo do tempo, para atender às necessidades dos falantes, as quais se renovam constantemente. Nessa perspectiva, numerosos são também os trabalhos que registram a ocorrência de novos fenômenos linguísticos envolvendo os quantificadores universais, notadamente na linguagem oral.

Em igual medida, como seria de se esperar, manifestam-se divergências ou imprecisões sobre o assunto. As gramáticas tradicionais, de modo geral, não apresentam uma definição explícita de quantificadores, tampouco os agrupam em uma categoria unificada. Os quantificadores universais, usualmente, são denominados ora pronomes indefinidos, ora advérbios, ora adjetivos (e, até mesmo, substantivos), classificações que se revelam imprecisas para contemplar a funcionalidade desses elementos. Nesse sentido, diversos estudos sobre o assunto já demonstraram que essas definições não bastam para abranger a complexidade do emprego dos quantificadores *todo* e *tudo*, pois, a depender de sua colocação na sentença ou no sintagma, eles podem atribuir sentidos distintos àquilo que se deseja comunicar. Outrossim, o comportamento dessa categoria tende a sofrer variações e mudanças sensíveis, em níveis formais e/ou semântico-pragmáticos, que acompanham os movimentos da língua em uso.

Mesmo entre linguistas, identificam-se divergências quanto a determinados conceitos relativos ao fenômeno da quantificação, bem como aos fatores que condicionam a flutuação dos quantificadores na frase. Desse modo, a fim de subsidiar nosso trabalho e, igualmente, construir fundamentos para evidenciar as lacunas nas classificações tradicionais e em certas abordagens correntes, revisitamos alguns autores expoentes em sintaxe e/ou estudos descritivos e, por meio dessa revisão da literatura, averiguamos tanto as propostas de

composição da estrutura do sintagma nominal quanto a maneira como os autores tratam os quantificadores em foco. Em seguida, abordamos algumas conceituações tradicionais relevantes para a construção deste trabalho e, por fim, as principais questões que permeiam o tema, de forma a delimitar o problema de pesquisa.

## 1.2.2 Algumas propostas, muitas questões

A seguir, foram sintetizadas as análises de Simões (1934), Dubois-Charlier (1977), Pontes (1978), Lemle (1984), Lobato (1986), Mateus *et al.* (1989), Perini (1996) e Castilho (2016). A organização da resenha, que apresenta as propostas conforme a ordem cronológica das respectivas publicações, foi realizada com o objetivo não apenas de situar o leitor quanto ao fenômeno em estudo, como também de traçar a evolução das discussões sobre o assunto.

### 1.2.2.1 Simões (1984)

O estudo desenvolvido por Simões (1974) é considerado pioneiro por inaugurar as análises da quantificação universal no português brasileiro. A autora se embasa no trabalho de Richard Kayne (1969), o qual se dedica à investigação da ocorrência do quantificador *tous/toutes* (*todos/todas*) em francês e, alicerçado nos resultados obtidos, constata a existência de “regras transformacionais de movimento que justificam o deslocamento do quantificador de sua posição original, ora para a direita, ora para a esquerda” (VAZZATA-DIAS, 2001, p. 11). As regras postuladas por Kayne denominam-se *R-TOUS* (*rightward “tous”-movement*) e *L-TOUS* (*leftward “tous”-movement*) e prestam-se a explicar “sentenças gramaticais francesas em que *tous* se move para a direita do NP sujeito plural a que se liga” ou “para a esquerda do NP objeto plural a que se associa”, respectivamente (SIMÕES, 1974 *apud* VAZZATA-DIAS, 2001, p. 11). Com efeito, após a análise de diversos fatos equivalentes em português, Simões (1974) reconhece a “necessidade de se postular, também nesta língua, uma regra de movimento de *todos*”, nomeada por ela de POSPOSIÇÃO DE QUANTIFICADOR (POS-Q), além de propor, a partir da constatação das especificidades que esse determinante apresenta no português, explicações para outras ocorrências “não abrangidas pela regra” do francês (SIMÕES, 1974, p. 5).

Com relação às possibilidades de ocorrência, o quantificador em questão, quando integrante da estrutura do determinante de sintagmas nominais plurais, significaria



“totalidade, conjunto”. Nesse sentido, “tal elemento deveria estar sempre no plural, acompanhado de um determinante qualquer, do tipo do artigo”. O quantificador poderia, então, “deslocar-se para a direita, seguindo certas restrições” (*ibid.*, p. 143). Logo, na frase “Todos os meninos”, o elemento *todos* se encontraria, assim como o artigo definido plural *os*, em posição de determinante. Já com a significação de “inteiramente, completamente”, *todo(s)* se associaria a adjetivos e, desse modo, constituiria um sintagma adjetival, o qual, por sua vez, estaria sujeito a um sintagma verbal. Em exemplos como “Estar todo sujo”, notadamente, não se aplicaria a regra de movimento. O mesmo ocorreria nos casos em que *todo(s)* se relacionasse especificamente a verbos, circunstância na qual esse quantificador também significaria “inteiramente, completamente”.

Ainda segundo a autora, *todo*, em sua forma singular e com o significado de “inteiro”, faria parte do sintagma nominal e poderia se mover para a direita. Por outro lado, *todo*, com a acepção de “qualquer”, embora pertencente ao sintagma nominal, não poderia mudar de posição na sentença nem coocorrer com outros determinantes de mesma natureza. Outra constatação importante é a de que “o português rejeita sentenças com o quantificador em mais de uma posição, quando ligado a uma só NP sujeito dominante” (*ibid.*, p. 35), formando sentenças agramaticais como em “*Todos os meninos tinham todos ido para a escola*”. Igualmente, a regra *L-TOUS* não procederia, pois, “em português, *todos*, parte de uma NP objeto plural clítico, não pode deslocar-se para a esquerda de sua posição inicial; tal movimento torna a sentença não-gramatical)” (*ibid.* p. 44), como visto a seguir:

- a. \*Eu *os* tinha *todos* lido.
- b. \*Eu queria *todos os* ler para você.

Em suma, “o quantificador *todos*, gerado na estrutura do determinante de NPs sujeito no plural, pode deslocar-se para a direita de sua posição original, permanecendo ou não como parte de tais NPs” (SIMÕES, 1974 *apud* VAZZATA-DIAS, 2001, p. 13). Ademais, verifica-se que, embora *todo* e *todos* apresentem certa semelhança semântica, ambos não constituem um único elemento, mas dois, haja vista as “diferenças semânticas relacionadas a diferenças de comportamento sintático de *todos*” (SIMÕES, 1974, p. 142).

#### 1.2.2.2 Dubois-Charlier (1977)

Françoise Dubois-Charlier é considerada um dos grandes nomes nos estudos de sintaxe, semântica e lexicografia em língua francesa e inglesa, além de ter contribuído para introduzir, entre as décadas de 1960 e 1970, a linguística americana na França (GUERÓN, 2020). Ela dedicou a obra *Bases de análise linguística* a “ilustrar, através do exame de determinados aspectos da língua francesa, o essencial dos princípios de base que guiam as análises linguísticas modernas e dos raciocínios que nelas se aplicam” (DUBOIS-CHARLIER, 1977, p. 11). Além disso, essa estudiosa contribuiu para introduzir “os princípios e métodos de análise da linguística estrutural” (PERES, 1977, p. 9) e, assim, lançar bases para estudos posteriores. Em razão de sua relevância, tal trabalho foi traduzido em língua portuguesa pelo professor João Andrade Peres, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e adaptado para dar conta dos dados da variedade europeia<sup>20</sup>.

Em sua proposta, Dubois-Charlier (1977) prevê a possibilidade de o sintagma nominal se constituir de três elementos, a saber: determinante, nome e modificador. Este último pode ser um adjetivo, um complemento determinativo ou uma oração relativa e figura como um elemento facultativo. Já o determinante, assim como o nome, trata-se de um constituinte imediato ao sintagma nominal. Outra característica importante do determinante se insere no fato de ser uma unidade sintática que comporta “um elemento essencial e outras palavras que se organizam em torno deste elemento essencial” (DUBOIS-CHARLIER, 1977, p. 107).

Nesse caso, o elemento essencial seria um artigo, um demonstrativo ou um possessivo; e os demais, considerados dispensáveis, seriam o pré-determinante e o pós-determinante. Haveria, ainda, a possibilidade de um grupo formado por nome e determinante se combinar “quer com um número plural, quer com um número singular, para constituir o sintagma nominal”. (*ibid.*, p. 109). Nessa classificação, embora o conceito de quantificador não seja explicitamente abordado, um dos principais exemplos mobilizados pela autora apresenta, em posição de pré-determinante, a palavra *todos*, conforme se observa a seguir:

Todos	os	quinze	dias
<b>Pré D</b>	<b>Det</b>	<b>Pós D</b>	<b>N</b>

Cabe destacar que, sob a perspectiva desse estudo, o quantificador se insere, invariavelmente, no sintagma nominal. Por fim, o estudo salienta que:

---

<sup>20</sup> Conforme a nota do tradutor: “Apesar dessas alterações, o texto segue substancialmente o original, dadas precisamente as profundas afinidades entre os sistemas da língua francesa e da língua portuguesa” (*ibid.*).

[...] os pontos estabelecidos a partir destes poucos exemplos são generalizáveis para o conjunto da descrição da língua portuguesa, e que os constituintes deste modo individualizados no sintagma nominal permitem a análise e representam o funcionamento dos sintagmas nominais da língua portuguesa. (*ibid.*).

### 1.2.2.3 Pontes (1978)

Em seu artigo, Pontes (1978) propõe-se a examinar os determinantes, “uma classe de palavras que nas gramáticas tradicionais são tratadas como pronomes, mas que têm características sintáticas próprias”. Essa classe se compõe dos “chamados artigos, os ‘pronomes’ demonstrativos, indefinidos, numerais e outros, para os quais não se cunhou um nome ainda” (PONTES, 1978, p. 145). Também segundo a autora, o sintagma nominal pode se constituir por um nome, unicamente, ou por um nome antecedido de determinante. Outro aspecto relevante dos determinantes diz respeito ao conceito de *elipse de nome idêntico*.

Em Português, quando um N já foi expresso em um enunciado, pode ser suprimido, restando como representante do SN um Det. [...] Por economia, não se repete o N, mas a pessoa que ouve ou lê as orações, interpreta-as como se as palavras omitidas estivessem presentes. (PONTES, 1978, p. 146-147).

Pontes (1978) afirma haver apenas uma restrição, que ocorre “quando o DET que deveria sobrar é o artigo definido. [...] [Esse elemento] só pode sobrar quando vem seguido de algum adjetivo, ou outro DET, ou uma oração relativa” (*ibid.*, p. 147). Assim, frases como “Maria quer o vestido, eu também quero o (vestido)” seriam agramaticais, diferentemente de “Maria quer o vestido azul, eu quero o (vestido) vermelho”. Em síntese:

Quando os determinantes aparecem desacompanhados de N na ES [estrutura superficial], trata-se do efeito da transformação de *Elipse de Nome Idêntico*, que elimina o nome repetido, mas não suprime o Det (uma vez que a identidade seja só de N's). (*ibid.*, p. 148).

Apresentadas essas considerações iniciais, a autora dedica especial atenção à compreensão do papel de *todo* e *todos*, que ela trata como determinantes em virtude do fato de ocorrerem dentro do sintagma nominal. A esse respeito, ela aponta uma significativa característica desses quantificadores: a possibilidade de *todos* preceder pronomes e de *todo/todos* se movimentarem para depois do sintagma nominal, do verbo ou até mesmo para o fim da oração (*ibid.*, 152).

Outro ponto se refere à necessidade de *todos* ser acompanhado de artigo definido ou de demonstrativo, sendo agramatical a frase: “Todos meninos saíram”, fator que não ocorreria com *todo* no singular, o qual “pode vir diretamente antes de N” (*ibid.*, p. 153). Nesse caso, o

artigo só se mostraria necessário em situações nas quais sua ausência pode incorrer em alteração de sentido, conforme se verifica nas seguintes frases:

- a. Tomei toda a sopa.
- b. Tomei toda sopa (que encontrei).

Nos exemplos em análise, Pontes (1978) afirma que o artigo se revela necessário “para indicar a ‘totalidade das partes’”. Sua retirada implica a interpretação “não que se tomou ‘a sopa toda’ (inteira), mas que se tomou ‘toda espécie de sopa que havia’” (*ibid.*, p. 154). Quanto à posposição, *todo* poderia ocorrer “tanto no singular como no plural, sem mudar seu significado. A restrição que se verifica é a seguinte: no caso de *todo* vir desacompanhado de artigo, não pode ser posposto” (*ibid.*). Assim, frases como “Tomei sopa toda” se classificariam como agramaticais.

No tocante ao uso, *todos*, no plural, só seria empregado para substantivos contáveis, enquanto *todo* poderia se aplicar a substantivos que indicam massa (nomes não contáveis). A autora também distingue os aspectos semânticos dos quantificadores conforme as diferentes estruturas sintáticas em que ocorrem:

No plural, *todos* indica, afirma Celso Cunha, “a totalidade numérica” [...]. No singular, anteposto a N, parece integrar uma afirmação genérica [...]. No singular, posposto a N, segundo o mesmo autor, *todo* indica “a totalidade das partes”. (CUNHA, C., 1975 *apud* PONTES, 1978, p. 153).

Apesar de não se aprofundar no estudo da movimentação de *todos*, Pontes (1978) trata da possibilidade de tal item se comportar como um referenciador, em razão de seu “traço semântico [...] de se referir a algo ou alguém mencionados em alguma parte do discurso” (PONTES, 1978, p. 158). É interessante notar, ainda, que a estudiosa evoca o trabalho de Simões (1974) como referência de estudo da movimentação desse quantificador.

#### 1.2.2.4 Lemle (1984)

Lemle (1984), ao tratar das categorias do léxico, conceitua determinante como “todas as palavras que precedem o nome na seqüência que compõe o sintagma nominal”, mas ressalta que, embora a nomenclatura em questão seja empregada “desde os primeiros trabalhos norte-americanos da linhagem gerativista [...], a caracterização dessa classe não recebeu ainda uma formulação precisa” (LEMLE, 1984, p. 97). A autora demonstra que tal

imprecisão não se restringe ao campo dos estudos linguísticos, ao focalizar as falhas das definições gramaticais tradicionais, e argumenta, do ponto de vista sintático, de que maneira categorizar elementos que se encontram inadequadamente distribuídos nas classificações. Para ela, “um sintagma nominal maximamente preenchido apresenta sete posições pronominais possíveis. Entre essas posições, a primeira enquadraria *todos* e *ambos*, elementos aos quais chama de quantificadores. Lemle (1984) também averigua a possibilidade de tais termos contarem com “certa liberdade posicional” (*ibid.*, p. 98), como se verifica abaixo:

- a. Toda aquela geração.
- b. Aquela geração toda.

No que se refere ao sintagma nominal, sob a perspectiva de Lemle (1984), temos que ele pode se constituir dos seguintes elementos:  $SN \rightarrow ((Quant)Det) (Adj)^* N (Adj)^* (SPrep)^* (Adj)^* (S)^*$  (*ibid.*, p. 150). A autora trata, igualmente, dos sintagmas nominais carentes de núcleo nominal lexical, casos nos quais seria possível apontar a presença de um morfema vazio, que preencheria semanticamente a posição lacunar gerada pela elipse de determinado termo. Parece-nos pertinente destacar que, no decorrer de sua análise, a autora recupera importantes aspectos da proposta de Eunice Pontes<sup>21</sup>, que, conforme visto na seção anterior, realizou estudo semelhante.

Para dar conta do termo *tudo*, por sua vez, tradicionalmente chamado pronome indefinido, a autora sugere que seja tratado, assim como os pronomes pessoais e os demonstrativos, “como nome, cuja única particularidade sintática é a de ter no seu verbete lexical a indicação do traço particular de que não pode ser inserido depois de um determinante” (*ibid.*, p. 153). Finalmente, é curioso notar que a autora reconhece que “as regras semânticas de interpretação dos pronomes e as regras de uso das palavras dessa classe abrem outros caminhos de estudo que entram em áreas interdisciplinares como a pragmática e a sociolinguística” (*ibid.*), porém, em seu trabalho, cujo viés é gerativista, tais questões não são abordadas.

#### 1.2.2.5 Lobato (1986)

---

<sup>21</sup> O estudo aludido se encontra em: PONTES, Eunice. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis: Vozes, 1973.

Em seu estudo, Lobato (1986) identifica, como constituintes do sintagma nominal, os elementos  $\{((\text{Quant}) \text{ Art}) (\text{Indef})\} (\text{Poss}) (\text{Id}) (\text{Card}) (\text{Ord}) (\text{Del}) \text{ N} (\text{SA})^n (\text{SP})^n (\text{S})^n$ , em que as abreviações significam, respectivamente, quantificador, artigo definido e demonstrativo, indefinido, possessivo, identificador, numeral cardinal, numeral ordinal e delimitador; e  $n$  sobrescrito indica a possibilidade de os respectivos sintagmas (adjetival e preposicional) “ocorrerem  $n$  vezes” (LOBATO, 1986, p. 120). De maneira semelhante ao que propõe Lemle (1984), a autora caracteriza os termos *todos* e *ambos* como quantificadores. Ela também deixa claro que a presença do quantificador “obriga a escolha de Art”, o que resulta em agramaticalidade na frase “Todos alunos vieram”, por exemplo. Apesar de afirmar que a regra de constituintes supramencionada seja capaz de cobrir a existência de diversos sintagmas nominais, Lobato (1986) assume que tal modelo “não traduz todas as possibilidades de colocação dos elementos constitutivos do SN uns em relação aos outros” (*ibid.*, p. 121).

#### 1.2.2.6 Mateus et al (1989)

As autoras definem, como partes da estrutura interna do sintagma nominal, “um núcleo e opcionalmente outros dois tipos de constituintes: especificadores e complementos” (MATEUS *et al*, 1989, p. 253). Os especificadores, nos quais recai o interesse de nosso estudo, seriam “todos os elementos que se encontram à esquerda do núcleo e não funcionam como complementos<sup>22</sup>. Neles se integram a) os determinantes, b) os quantificadores e c) as expressões qualitativas” (*ibid.*, p. 255-256). Nesse viés, convém observar que, tal como Lemle (1984) e Lobato (1986), as autoras consideram quantificadores *todos* e *ambos*.

Outro aspecto relevante dessa proposta se refere ao núcleo do sintagma nominal. Ao analisar, entre outros exemplos, a frase “*Todos* saíram da sala”, as autoras afirmam haver não um núcleo preenchido, mas uma categoria vazia (*ibid.*, p. 255), característica que perpassa as propostas de Pontes (1978) e Lemle (1984). Por outro lado, nomes e pronomes podem funcionar como núcleo, sendo elencado, entre essas categorias, o item *tudo*, presente no exemplo “Traz *tudo* quanto encontrares”. Para justificar essa especificidade, as autoras argumentam que tal elemento não tem como referência pessoas do discurso, assim não havendo uma categoria vazia anafórica no núcleo do SN.

Por fim, ressaltamos que, ainda sob a perspectiva desse modelo, os quantificadores podem ser distinguidos pelo traço [+HUMANO], conforme se verifica em “*Todos* saíram da

<sup>22</sup> Os complementos seriam sintagmas adjetivais, sintagmas preposicionais, frases e epítetos (*ibid.*, p. 267).

sala”; e [-HUMANO]<sup>23</sup>, o que se identifica em “Traz *tudo* quanto encontrares”, aspecto de interesse para a realização de nosso estudo.

#### 1.2.2.7 Perini (1996)

Diferentemente dos estudiosos anteriores, Perini (2006) propõe que *todos* ocupa uma função externa ao SN, em razão de sua propriedade de “ser transportado para posições não-contíguas ao que seria o restante de seu SN” (PERINI, 2006, p. 108). Esse predeterminante, como é denominado pelo autor, “pode ocorrer imediatamente antes do SN a que se relaciona, como em [...] ‘Todos os crocodilos gostam de frango’. Pode ocorrer também logo após o SN: [...] Os crocodilos *todos* gostam de frango” (*ibid.*). Outra posição em que esse constituinte se colocaria seria após o núcleo do predicado, a exemplo da frase “Os crocodilos gostam *todos* de frango”. Ainda, seria possível encontrar o predeterminante *todos* logo após o verbo auxiliar ou depois do núcleo do predicado. O autor constata, portanto, que:

A análise do predeterminante apresenta, como se vê, o problema especial de determinar as posições em que ele pode ocorrer na oração (preservando a relação de correspondência e também, evidentemente, a relação semântica com o SN). [...] o PDet tem uma liberdade de movimentação bastante grande dentro da oração e [...] as restrições a essa movimentação são em geral de caráter semântico. [...] Por isso, tem sido proposto que *todos* seja considerado um elemento externo ao SN, que seria, portanto, reduzido [...] a *os crocodilos* (*ibid.*, p. 108-109).

Para sustentar esse posicionamento, Perini (2006) afirma que “muitos falantes, embora aceitem [a frase “Os crocodilos *todos*”] como bem formada, ‘sentem’ que *os crocodilos todos* não forma um constituinte” (*ibid.*, 109), o que serviria de indício para o fato de que *todos* não integra o sintagma nominal. Não obstante, a movimentação desse termo na oração seria possível em razão de a relação semântica entre o PDet e o SN se preservar, de maneira que a frase continuaria a ser bem formada.

É curioso observar que Perini (2006) também segue uma direção diferente com relação à descrição do núcleo do sintagma nominal. Para ele, não seria possível a existência de um SN sem tal elemento, ainda que sua posição seja preenchida por um quantificador. Em frases como “Todos desconfiam de Sueli”, por exemplo, a concordância entre *todos* e *desconfiam* evidenciaria que o quantificador desempenha a função de núcleo do sintagma nominal.

---

<sup>23</sup> No decurso de nossas análises, retomaremos a proposta das autoras tratando o traço em questão como [+ANIMADO] ou [-ANIMADO], pois entendemos que tal definição é preferível por abranger não apenas pessoas, mas também seres animados em geral.

### 1.2.2.8 Castilho (2016)

Na proposta de Castilho (2016), os quantificadores *todo* e *tudo* são classificados como quantificadores indefinidos.

Por “indefinido” entenda-se mais amplamente desde um número indeterminado de objetos (*muitos dias*) até uma quantidade indeterminada deles (*bastante água*), na dependência de ser /contável/ ou /não contável/ o substantivo que funciona como núcleo do sintagma nominal respectivo. (CASTILHO, 2016, p. 505).

Além das qualidades supramencionadas, para o autor, tal categoria atua como núcleo do sintagma nominal. Nessa lógica, os indefinidos podem desempenhar as funções de sujeito, complemento, equativo e antitópico. Além disso, a quantificação se insere “no processo semântico da predicação [...]. Na predicação quantificadora, opera-se sobre a extensão do escopo”. Quantificadores como *tudo*, inclusive, figurariam “exclusivamente no núcleo do sintagma nominal” (*ibid.*). É interessante ressaltar que Castilho (2016) menciona, também, o fenômeno da “flutuação de quantificadores”, caracterizado por um movimento longo, em que os itens em foco se colocam “antes ou depois do núcleo, e até mesmo” ultrapassam “os limites do sintagma, sem alteração de sentido” (*ibid.* p. 505-506).

Com relação às propriedades gramaticais e semânticas, o autor elenca as seguintes características quanto a *todo* e *tudo*:

**TABELA 1**  
**Propriedades gramaticais e semânticas dos itens *todo* e *tudo***

Itens	Propriedades gramaticais		Propriedades semânticas
	Morfologia	Posição no SN	Modalidade
<i>todo</i>	+Flex	+Mov	Afirmação
<i>tudo</i>	-Flex	-Mov	Afirmação

(CASTILHO, 2016, p. 506).

Verificamos, nesse caso, que *tudo*, não flexionável, apresenta mobilidade restrita na frase, diferentemente de *todo*, que se mostra flexionável e pode se mover para distintas posições, combinando-se com outros especificadores (artigos e demonstrativos). Ademais, convém salientar que, segundo o autor, esses itens “concorrem para que um texto tenha um caráter de indefinitude, imprecisão” (*ibid.*, p. 509).



### 1.2.3 A problemática das classificações tradicionais e a proposta de Oliveira (2006)

De acordo com Alfredo (2015), nas “gramáticas tradicionais, os quantificadores encontram-se distribuídos por diferentes classes: determinantes, advérbios, numerais e pronomes. Estas gramáticas não colocam a possibilidade de agrupar todos estes elementos numa classe mais extensa: os quantificadores” (ALFREDO, 2015, p. 23). De fato, embora se identifiquem eventuais variações nas classificações, de maneira geral, os itens lexicais *todo* e *tudo* se inscrevem na classe dos pronomes indefinidos, como se constata por meio da consulta às gramáticas normativas de Cipro Neto e Infante (1997), Bechara (2001), Luft (2002), Mesquita (2002), Moura (2004), Cegalla (2008), Sacconi (2008), Lima (2011) e Cunha e Cintra (2013).

Nas palavras de Cipro Neto e Infante (1997), os “pronomes indefinidos referem-se à terceira pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica” (CIPRO NETO; INFANTE, 1997, p. 297). Os nominais *todo* e *tudo* estão elencados nesse grupo e, segundo os autores, “indicam uma totalidade afirmativa”, em oposição a “nenhum/nada, que indicam uma totalidade negativa” (ibid., p. 298). Já Bechara (2001) sinaliza que ambos os itens em estudo “exprimem quantidade indeterminada” (BECHARA, 2001, p. 138). Apontamento semelhante é feito por Luft (2002), Moura (2004), Cegalla (2008), Sacconi (2008) e Lima (2011).

Há, ainda, autores para os quais *todo* e *tudo* podem transitar nas classificações, a exemplo de Luft (2002), que sublinha a possibilidade de que tais itens figurem como substantivos e adjetivos. Para Moura (2004), também é possível que os pronomes indefinidos desempenhem “funções sintáticas equiparadas às dos substantivos”, como ocorre na frase “Sabemos *tudo*”, em que o nominal atua como complemento direto do verbo “saber” (MOURA, 2004, p. 123).

Mesmo em alguns dicionários, nota-se que *todo* e *tudo* transitam nas classificações, como se percebe mediante breve consulta ao *Aulete Digital* (2023), segundo o qual *todo*, por exemplo, pode funcionar como adjetivo, pronome indefinido, advérbio e substantivo. Em Borba (2002), por sua parte, identificamos o interessante fato de que o autor reporta, nas abonações do verbete *tudo*, uma ocorrência em que tal elemento é empregado com função fórica; ainda assim, ele é enquadrado como pronome indefinido:

[...] resume e justifica o que foi dito anteriormente: *E o novo Nordeste está substituindo rapidamente aquela antiga imagem de área subdesenvolvida, calcinada pela seca de um verão eterno. Tudo porque um dia foi criado um Banco que acreditou em poder transformar a fisionomia do Nordeste* (BORBA, 2002, p. 1585).

Assim, constata-se que há, na tradição gramatical da língua portuguesa, a mobilização de diferentes classificações para dar conta do funcionamento de *todo* e *tudo*, sem que, segundo afirma Alfredo (2015), suas peculiaridades sejam analisadas de forma detalhada. Embora não seja o foco desta pesquisa promover um estudo contrastivo entre o que pregam as gramáticas tradicionais e os aspectos que aferimos em nossos dados, construir um panorama do que postulam autores “normativos” demonstra que tal conteúdo não é suficiente para contemplar adequadamente o fenômeno da quantificação. É justamente nessa esteira que se apresenta o trabalho de Oliveira (2006).

Essa autora se notabiliza pelo fato de propor, por meio de uma matriz específica de categorias descritivas de função, a definitude escalar do item *tudo* e sua multifuncionalidade. O estudo, que se embasa no funcionalismo linguístico de Givón (1990, 1993, 1995, 2001, 2002), tem como ponto de partida a contestação do caráter de indefinidade que geralmente se atribui ao quantificador em questão.

Para a realização de sua dissertação, Oliveira (2006) analisa as falas de 36 informantes de Florianópolis, recolhidas do banco de dados do projeto VARSUL. Seu *corpus* encontra-se estratificado em sexo (feminino e masculino), escolaridade (primário, ginásio, colegial) e faixa etária (de 15 a 24 anos, de 25 a 49 anos e mais de 50 anos) (OLIVEIRA, 2006, p. 60). Destarte, a autora se dedica, ao longo das 155 páginas de seu trabalho, a descrever os contextos de utilização de *tudo* e propõe diferentes (sub)funções para esse item com base em variáveis sintático-semântico-discursivas.

No que diz respeito à natureza dos quantificadores, Oliveira (2006) propõe a seguinte definição:

[...] são modificadores que se combinam com entidades, contextuais ou não, em termos de: a) tamanho do conjunto de indivíduos representados por uma quantidade numerável, ou seja, uma pluralidade divisível em partes descontínuas; e b) dimensão da substância que está sendo referida, representada por uma quantidade mensurável, ou seja, uma grandeza divisível em partes contínuas, em uma, duas ou mais dimensões. Especificamente o quantificador *tudo* é um modificador em termos da totalidade e/ou intensificação da totalidade do conjunto ou da totalidade e/ou intensificação da dimensão da substância. (OLIVEIRA, 2006, p. 11, *grifo da autora*).

Com relação à metodologia, a autora classifica os dados conforme as seguintes variáveis linguísticas: localização da entidade no contexto, o qual pode ser estreito ou alargado; relação entre o quantificador e a entidade quantificada, quais sejam: vaga, dêitica, fórica direta ou fórica indireta; subfunção do quantificador, em que este pode ser (Q) Imediato, (Q) Super Genérico, (Q) Dêitico, (Q) Anafórico, (Q) Catafórico e (Q) Anafórico e

Catafórico; tipo de subfunção, a saber: enfatizador de atributo, resumitivo, ampliador, ampliador/resumitivo, ampliador/planejador verbal, anafórico propriamente dito, catafórico propriamente dito. A seguir, detalhamos cada uma dessas variáveis.

### 1. Contexto de ligação entre o quantificador e a entidade quantificada.

**a) Estreito:** encontram-se, no mesmo sintagma, o quantificador *tudo* e a representação nominal da entidade quantificada.

(08) Posso dançar com *as menina[s]* **tudo** lá que dança um monte de mulher com mulher, né? (OLIVEIRA, 2006, p. 75).

**b) Alargado:** *tudo* pode estabelecer ligação com um nome ou com elementos presentes em outro sintagma ou até mesmo fora da sentença. Também é possível que essa ligação não se realize de forma textual, e sim pragmática.

(04) Um dia ele comprou *dois cachos de banana* e fez ela comer **tudo**.

(03) É, mas o que a senhora quer mais saber? (...) está gravando **tudo**? (OLIVEIRA, 2006, p. 73).

### 2. Relação entre o quantificador e a entidade quantificada.

**a) Vaga:** trata-se de uma “relação estabelecida pragmaticamente por conhecimento de mundo compartilhado entre falante e ouvinte” (OLIVEIRA, 2006, p. 73). Nesse caso, tem-se uma entidade que remete a elementos muito abrangentes, como a vida, o mundo etc.

(02) Ah, toda perda é difícil, né? Toda perda é triste, todo mundo ficou muito triste, né? Depois que ele morreu ficou **tudo** diferente... (OLIVEIRA, 2006, p. 73).

**b) Dêitica:** aqui, tem-se uma relação estabelecida “exoforicamente, com algo extratextual no momento de fala, por uma espécie de apontamento do falante [...], uma entidade inferida a partir de um gesto ostensivo” (*ibid.*).

(03) É, mas o que a senhora que mais saber? (...) está gravando **tudo**?<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> Outra interpretação possível para esse dado é a de que se trata de um caso de quantificador atuando como anafórico (veremos essa função detalhadamente a seguir), haja vista que o falante, ao perguntar se estava tudo sendo gravado, pode estar se referindo ao que foi dito anteriormente durante a entrevista.

**c) Fórica:** subdivide-se em fórica direta e indireta. Nessa variável, a ligação entre o quantificador e a entidade quantificada pode ocorrer nas formas descritas abaixo.

**(i) Fórica direta:** por meio de algum elemento textual, que designa a entidade no discurso.

(04) Um dia ele comprou *dois cachos de banana* e fez ela comer **tudo**.

**(ii) Fórica indireta:** por meio de um *desencadeador*, que “pode ser uma palavra, um sintagma ou construções maiores” (*ibid.*, p. 74) e que leva o interlocutor a inferir, pragmaticamente, do que se trata a entidade quantificada.

(07) Então **tudo** *o que eu viajei* foi quando eu, na época, era motorista na repartição. (OLIVEIRA, 2006, p. 74).

Aponta-se que, na sentença (07), não há um nominal que represente a entidade quantificada. A noção de que o falante se refere a “viagens” se dá por meio de inferência, oriunda da construção “tudo o que eu viajei”.

### 3. Subfunções e seus tipos.

**a) (Q) Imediato:** a relação entre o quantificador e a entidade quantificada se dá de forma imediata, haja vista o fato de tais elementos se encontrarem no mesmo sintagma. É a única subfunção que a autora identifica em casos de contexto estreito.

(08) Posso dançar com *as menina[s]* **tudo** lá que dança um monte de mulher com mulher, né?

**b) (Q) Super Genérico:** é a subfunção que ocorre na relação vaga, inserida no contexto alargado. Nessa subfunção, *tudo* quantifica “generalizações universais [...] e pode ocorrer isolado ou em construções do tipo ‘*tudo* quanto é coisa’, ‘*tudo* quanto é lado’, ‘*tudo* quanto é canto’, ‘tudo bem’ e outras tantas que expressem contextos tão genéricos quanto estes”. Aqui, o uso do quantificador se embasa “no conhecimento compartilhado de mundo entre falantes e ouvintes” (*ibid.*, p. 75).

(11) Mas aí sábado eu me viro, né? Eu pego roupa de **tudo** *quanto é canto*. (OLIVEIRA, 2006, p. 75).

c) **(Q) Dêítico:** é a subfunção que ocorre na relação dêítica. Nessa perspectiva, a ligação entre *tudo* e a entidade quantificada se dá de maneira extratextual, quando o falante gesticula durante a situação comunicativa.

(03) É, mas o que a senhora que mais saber? (...) está gravando *tudo*?

d) **(Q) Anafórico:** nesse caso, o quantificador “remete a um antecedente no discurso” (*ibid.*). Essa subfunção abrange os tipos que se seguem.

(i) *Anafórico propriamente dito:* a entidade quantificada por *tudo* pode estar representada por meio de um nominal, como ocorre em (13), ou de um *desencadeador de ligação*, como se verifica em (14), em que o verbo “cozinhar” aciona o elemento “comida”.

(13) Um dia ele comprou *dois cachos de banana* e fez ela comer *tudo*.

(14) Não sei, é meio estranho, mas eu acho que pra *cozinhar* tu tens que estar numa boa, assim, [aquela] de *cozinhar*, de preparar *tudo* com calma, assim, né? (OLIVEIRA, 2006, p. 76).

(ii) *Enfatizador de atributos:* esta subfunção se caracteriza pelo fato de que *tudo* não apenas quantifica, mas também enfatiza o sentido da entidade à qual se liga, à semelhança dos advérbios. Nessa variável, *tudo* se encontra “no mesmo sintagma no qual está o elemento discursivo que atribui determinada característica à entidade quantificada” (*ibid.*, p. 76). O sintagma que *tudo* integra funciona de forma semelhante ao tradicionalmente denominado predicativo do sujeito. Também é possível que os atributos sejam expressos por sintagmas preposicionados ou que haja, em lugar de um adjetivo, um substantivo.

(15) Os meus livro[s] eram *tudo* recortados.

(16) Mas justamente eu não posso contar com a família dele, porque é *tudo* de Criciúma.

(17) Tinha a Conselheiro Mafra também, era *tudo* paralelepípedo, né? Era *tudo* caminho aberto.<sup>25</sup> (OLIVEIRA, 2006, p. 77).

(iii) *Resumitivo:* *tudo* remete a uma enumeração de elementos que se refere somente aos itens já mencionados no discurso, constituintes de uma entidade/grupo. Nesse caso, os constituintes citados expressam a totalidade dessa entidade.

<sup>25</sup> Entendemos que os exemplos (15), (16) e (17) podem ser tomados como ambíguos em razão de o quantificador admitir, também, a leitura de totalidade de conjunto, não apenas de enfatizador de atributos.

(18) Primeiro bota *dois ovos*, bota uma *xícara de açúcar*, bota uma *colher de margarina*, aí tá, bate **tudo**. (cf. p. 77).

(iv) *Amplificador*: nesta subfunção, *tudo* “funciona como o elemento ‘etc.’, em língua portuguesa”, de modo a retomar “uma enumeração de itens [...] de um paradigma que não se resume textualmente”. Com efeito, o quantificador sinaliza “a ampliação da quantificação para outros elementos” de determinada entidade/grupo (*ibid.*, p. 78). De acordo com a autora, a presença de um amplificador pode ser identificada por algumas pistas formais, quais sejam: a presença da partícula *e* antes de *tudo*, o emprego da partícula *mais* depois de *tudo* e a inserção de *tudo* após “uma sequência de ações/eventos/estados com repetição de verbos” (*ibid.*).

(20) ...foi assim na piscina, todo mundo caía na piscina de roupa *e tudo*.

(21) Por isso que eu acho que foi tão forte e que me impossibilitou de fazer uma série de coisas, tipo estudo, né? **Tudo mais**.

(22) ...no caminho, foi horrível, todo mundo com sono, *tinha* batuque, *tinha tudo*. (OLIVEIRA, 2006, p. 78).

(v) *Amplificador/Resumitivo*: existem ocorrências em que não fica claro se o falante, ao citar mais de um item de uma entidade/grupo, pretende resumir essa entidade ou ampliá-la. Nas palavras de Oliveira (2006), “não temos, nesse tipo de anafórico, a quantificação de um grupo pré-estabelecido ou delimitado textualmente, nem marcas formais que indiquem ampliação” (*ibid.*, p. 79). Nesse sentido, há a possibilidade tanto de que outros itens, que não se completam apenas com aqueles mencionados, sejam inseridos quanto a intenção do falante de quantificar somente os elementos expressos na frase.

(23) Até passou os lados do quarto dele, viu? As fardas dele, o uniforme dele dentro do colégio, **tudo**. (OLIVEIRA, 2006, p. 79).

(vi) *Amplificador/Planejador verbal*: trata-se da subfunção que diz respeito à organização textual, em que *tudo* estabelece relações entre as partes do discurso. Igualmente, manifestam-se as características de amplificador já vistas anteriormente. Como, em alguns casos, não é possível identificar pistas que comprovem as efetivas intenções do falante, a autora optou por criar uma categoria híbrida para melhor abarcar as ocorrências de seu *corpus*.

(25) Eu já ouvi a banda deles, **tudo**, gostei, **tudo** (...) aí eu vou lá, assisto o show, **tudo**. (OLIVEIRA, 2006, p. 80).

e) **(Q) Catafórico:** nesta variável, *tudo* estabelece relação com “a entidade que o sucede no discurso” (*ibid.*, p. 80). Os tipos de catafórico foram resumidos a seguir.

(i) *Catafórico propriamente dito:* o quantificador pode, nesta subfunção, ligar-se a entidades nomeadas no texto e, também, a expressões como “tudo (o) que é tipo de (...)”, “tudo (o) que é (...)”, “tudo quanto é (...)”. Difere dos casos de (Q) Super Genéricos, no que tange à ocorrência de tais expressões, na medida em que a entidade nomeada ou inferida é mais específica.

(26) Quebrou **tudo**, *as louças* que ela gostava, tudo.

(27) Olha, eu escuto **tudo** *que é tipo de música*. (OLIVEIRA, 2006, p. 81).

(ii) *Resumitivo:* o quantificador, aqui, “cataforiza uma enumeração de entidades, que representam a totalidade de itens de um paradigma” (*ibid.*, p. 81), resumindo-as no discurso.

(30) [Falando de cinco irmãos] Só ele e o *menor* que trabalham na firma mas os outros **tudo** *um trabalha na telesc, um que trabalha no banco real, o outro é gerente do econômico, né?* [...] (OLIVEIRA, 2006, p. 81).

(iii) *Amplificador:* de modo similar ao que acontece no tipo amplificador anafórico, *tudo* cataforiza elementos “de um paradigma, entidade/grupo que não se resume no discurso” (*ibid.*, p. 82).

(32) Ah, o trabalho que eu estou fazendo agora pra adn, né? que é uma firma de artes gráficas, que faz de **tudo**, né? *desde um panfletinho até se quiser montar uma construção de um outdoor* pra mandar pra firma do outdoor fazer. (OLIVEIRA, 2006, p. 82).

(iv) *Amplificador/resumitivo:* devido à falta de pistas para identificar as intenções do falante – se resumir ou ampliar uma entidade quantificada textualmente –, a autora novamente optou por criar uma categoria híbrida.

(33) Ah! Eu sei fazer **tudo**, lasanha, estrogonofe. (OLIVEIRA, 2006, p. 82).

f) **Anafórico e catafórico:** é a subfunção em que o quantificador tem antecedente e, nas palavras da autora, “sucedente” (*ibid.*, p. 82). Os dois tipos em que tal variável se divide são apresentados a seguir.

(i) *Amplificador:* o quantificador se presta a ampliar o sentido de elementos citados no discurso.

(35) Depois a gente foi pra uma associação que tinha no lado, *tinha piscina, tinha tudo, tinha futebol*, todo mundo, padre e tudo começou a jogar futebol, foi um sarro. (OLIVEIRA, 2006, p. 83).

(ii) *Ampliador/resumitivo*: esta subfunção híbrida se aplica, à semelhança de outras presentes na matriz de traços de Oliveira (2006), a ocorrências em que não existem indicações claras da intenção do falante: se resumir o que foi dito ou ampliar os elementos referidos.

(37) A gente ajuda às vezes com as tarefas, mas *almoço, tudo* é ela que faz, *roupa*. (OLIVEIRA, 2006, p. 83).

Finalmente, entre as conclusões obtidas, Oliveira (2006) identifica que o fenômeno de definitude do quantificador *tudo* possui natureza escalar [+definido] > [-definido]. Ademais, a autora constata que “esse item lexical pode (i) vir acompanhado de substantivo ou não, (ii) ter sentido vago ou não, e ainda (iii) exprimir quantidade indeterminada ou determinada” (*ibid.*, p. 23). A estudiosa comprova, também, que o item *tudo* se configura como multifuncional, além de apresentar alto grau de definitude. Outro aspecto revelado pela pesquisa é que a massiva frequência de empregos do elemento estudado acontece em contexto alargado. Tais fatores evidenciam que as gramáticas tradicionais abarcam somente uma parte irrisória das funções de *tudo* e que, cabe-nos sublinhar, mesmo os estudos linguísticos sobre quantificação universal, em sua maioria, parecem não considerar a multifuncionalidade/definitude do elemento em foco. No decorrer de nosso trabalho, retomaremos aspectos da matriz de traços de Oliveira (2006) a fim de nortear nossas análises.



## CAPÍTULO 2

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo tem como enfoque dois tópicos principais: a teoria que fundamenta a presente dissertação e a caracterização formal dos modelos textuais aos quais pertencem os *corpora* analisados. Dessa forma, num primeiro momento, são abordados os conceitos do funcionalismo linguístico, corrente teórica que se caracteriza, entre outros aspectos, pela preocupação em “investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas” (GONÇALVES, 2010, p. 34). Para possibilitar o desenvolvimento desse conteúdo, foram mobilizados autores de referência como Neves (1994, 1997), Kenedy e Martelotta (2003) etc. Em seguida, realiza-se um breve percurso pelos pressupostos do modelo tipológico-funcional de Givón (2001), que norteia a pesquisa sobre os quantificadores *todo* e *tudo* empreendida neste trabalho.

Na segunda parte do capítulo, apresenta-se uma conceituação dos relatos de viagem enquanto gênero textual literário e, sequencialmente, das narrativas jornalísticas de viagem, consideradas como um modelo textual oriundo do discurso jornalístico. Promover essa contextualização se mostra relevante na medida em que permite uma melhor compreensão da natureza de *Peregrinação* (1614), de Fernão Mendes Pinto, e dos livros-reportagem de Airton Ortiz – *Pelos caminhos do Tibete* (2001), *Expresso para a Índia* (2003), *Egito dos Faraós* (2005), *Vietnã pós-guerra* (2009) e *Jerusalém* (2011) –, os quais se inserem no discurso literário e jornalístico, respectivamente, conforme veremos no capítulo 3. Para traçar tal panorama, recorreu-se a um diálogo interdisciplinar entre linguística, literatura, jornalismo e até mesmo história, com base nos estudos de Cristóvão (1999), Todorov (2006), Martinez (2012, 2016, 2017, 2022), entre outros. Finalmente, evoca-se o trabalho de Schneider (2004) para demonstrar a pertinência e a relevância das narrativas de viagem para o estudo da variação e mudança linguística.

#### 2.1 FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO

##### 2.1.1 Fundamentos

A priori, pode-se definir o funcionalismo como a corrente de estudos linguísticos que “tem como questão básica de interesse a verificação [...] do modo como os usuários [de uma língua] se comunicam eficientemente” (NEVES, 1994, p. 109). Isso implica dizer que uma

abordagem que se autodenomina funcionalista leva em consideração tanto a estrutura gramatical quanto “o contexto comunicativo em que ela é usada” (SILVA, C., 2013, p. 44). Porém, existem discussões quando se coloca em pauta a tentativa de caracterizar o que vem sendo chamado, hoje, de funcionalismo, o que torna tal tarefa bastante desafiadora. Conforme esclarece Neves (1997):

[...] os rótulos que se conferem aos estudos ditos “funcionalistas” mais representativos geralmente se ligam diretamente aos nomes dos estudiosos que os desenvolveram, não a características definidoras da corrente teórica em que eles se colocam. [...] A verdade é que, dentro do que vem sendo denominado – ou autodenominado – “funcionalismo”, existem modelos muito diferentes. (NEVES, 1997, p. 1).

Não por acaso, a própria noção de *função*, empregada por diversos linguistas para definir seus trabalhos, ocorre em uma variedade de contextos tão abrangente que sua interpretação se mostra pouco clara, visto que esses trabalhos “nem sempre apresentam características semelhantes” (KENEDY; MARTELOTTA, 2003, p. 18). Nessa conjuntura, é curioso sublinhar que o termo *função*, assim como o termo *funcional*, embora largamente utilizado na produção da Escola Linguística de Praga – cujos trabalhos, como veremos adiante, propiciaram o surgimento da corrente teórica em questão –, também se revela problemático por apresentar mais de um sentido. Conforme Garvin e Mathiot (1975) *apud* Neves (1997), “*função*, em referência à ‘linguagem’, tanto pode referir-se ao propósito do uso (isto é, à intenção do usuário), como ao papel, ou efeito, do uso [...]” (GARVIN; MATHIOT, 1975, p. 150 *apud* NEVES, 1997, p. 9).

Ainda nessa esteira, Danes (1987) *apud* Neves (1997) aponta outros possíveis fatores que inviabilizam uma clara interpretação dos termos supramencionados:

Em primeiro lugar, há, nessas obras [as produções da Escola Linguística de Praga], muito poucas tentativas de definição dos termos [*função* e *funcional*]; em segundo lugar, o conceito é aplicado a variados domínios e fenômenos da linguagem, e, por isso, sofre muitas modificações, aparecendo com variações nocionais; em terceiro lugar, há diferenças e vacilações entre os diferentes autores; em quarto lugar, o termo *funcional* é usado, em alguns casos, num sentido muito vago, como uma espécie de simples rótulo; e, em quinto lugar, os termos *função* e *funcional* não são os únicos relevantes para a interpretação da “abordagem funcionalista”. (DANES, 1987, p. 4 *apud* NEVES, 1997, p. 7, grifos da autora).

Não obstante às inúmeras particularidades que distinguem as propostas funcionalistas, é possível compreender as concepções que fundamentam seus modelos graças ao que Neves (1997) chama de “denominador comum” dos estudos conduzidos por essa corrente teórica. Nessa perspectiva, existem aspectos básicos que podem ser identificados nos diversos

trabalhos correntes e que nos permitem, desse modo, traçar uma caracterização geral do que se define como uma teoria funcionalista da linguagem. E esse ponto em comum pode ser resumido, como já mencionado no início desta subseção, ao fato de que os mecanismos de uma língua natural, ainda que sujeitos a uma organização gramatical, não devem ter sua análise dissociada das funções que realizam. Segundo Gebruers (1987) *apud* Neves (1997):

[...] pode-se dizer que o caracteriza a concepção de linguagem defendida pela gramática funcional – bem como pela Escola de Praga – é seu caráter não apenas funcional como também dinâmico. Ela é funcional porque não separa o sistema linguístico e suas peças das funções que têm de preencher, e é dinâmica porque reconhece, na instabilidade da relação entre estrutura e função, a força dinâmica que está por detrás do constante desenvolvimento da linguagem. (Gebruers, 1987, p. 129 *apud* NEVES, 1997, p. 3).

Ainda com relação às suas características, verifica-se que o paradigma funcional:

(a) define a língua como instrumento de interação social; (b) considera que a principal função da língua é a comunicação; (c) tem como correlato psicológico a competência comunicada, entendida como a habilidade de interagir socialmente por meio da língua; (d) defende que o sistema linguístico deve ser estudado dentro do quadro do uso; (e) exige que a descrição linguística forneça dados para dar conta de seu funcionamento num dado contexto; (f) considera que a aquisição da linguagem se faz com a ajuda de um *input* extenso e estruturado de dados apresentados no contexto natural; (g) explica os universais linguísticos com base em restrições comunicativas, biológicas/psicológicas e contextuais; e (h) estabelece como prioridade a pragmática, quadro dentro do qual a semântica e sintaxe são estudadas. NEVES, 1997 *apud* CAMBRAIA *et al*, 2016, p. 30).

Em suma, constata-se que a noção de linguagem, sob o enfoque funcional, não se restringe aos códigos linguísticos, mas engloba, sobretudo, a visão da língua enquanto uma atividade social. Isso equivale à afirmação de que os “fatores externos à estrutura linguística tem tanta relevância no estudo do processo comunicativo quanto a própria estrutura” (OLIVEIRA, 2006, p. 47). Assim, diante da compreensão de que a língua representa um sistema dinâmico, que se adequa às necessidades de seus falantes, as quais se renovam continuamente, “seu estudo [deve] incluir referência a parâmetros como cognição, comunicação, processamento mental, interação social e cultural, mudança e variação, aquisição e evolução” (GIVÓN, 1995 *apud* SILVA, C., 2013). Sob esse viés, segundo a perspectiva funcionalista, a análise da estrutura da língua torna-se incompleta se realizada sem que o contexto de uso seja levado em consideração, haja vista as especificidades de um objeto complexo como a linguagem:

[...] no paradigma funcionalista [...] as pesquisas trabalham com dados reais de fala ou escrita retirados de contextos reais de comunicação, evitando frases inventadas [...]. O principal objetivo do funcionalismo é entender como a comunicação se dá através da língua, isto é, como essa se organiza para que seus usuários cheguem a se

comunicar. Para isso, a investigação deve ir além da estrutura gramatical, envolvendo também a situação comunicativa, que opera como motivação para os fatos da língua, assumindo o contexto um papel essencial. Dessa maneira, a língua não é vista como um sistema autônomo (SILVA, C., 2013, p. 45).

Sob esse prisma, para a gramática funcional, o foco recai no falante, levando esse modelo a considerar a língua como um reflexo da relação entre o usuário, as suas experiências e a forma como este interpreta o mundo. Por meio dessa perspectiva, pode-se demonstrar, entre outros fatores, que as escolhas realizadas por um falante, no acervo de possibilidades disponíveis na língua, devem ser consideradas, igualmente, segundo o contexto e as intenções comunicativas. A delimitação de parâmetros rígidos para analisar a ocorrência de determinado fenômeno, portanto, não basta.

Outro aspecto digno de nota quanto ao funcionalismo é o fato de tal teoria reconhecer a instabilidade da língua e seu dinamismo:

A hipótese fundamental desta proposta é que do uso da língua — a comunicação na situação social — origina-se a forma da língua, com as características que lhe são peculiares, inclusive, diferentes graus de instabilidade associados a diferentes subsistemas. Isso supõe entender a língua como um objeto maleável, probabilístico e não-determinístico. Portanto, nessa visão, a estrutura (ou forma da língua) é uma variável dependente, resultante de regularidades das situações em que se fala. (VOTRE; NARO, 1996, p. 51-52).

Com efeito, torna-se desejável que uma gramática funcional apresente, “ao lado da adequação tipológica”, que resumidamente se traduz pela capacidade da “teoria de prover gramáticas para línguas de qualquer tipo [...], dois outros modelos de adequação explanatória: adequação pragmática e adequação psicológica” (DIK, 1978 *apud* NEVES, 1997, p. 80). Para tanto, sua proposição deve levar em consideração não apenas a maneira “como os falantes constroem e formulam as expressões lingüísticas”, mas também a forma como esse conteúdo é recebido, processado e interpretado pelos interlocutores (NEVES, 1997, p. 81). Ademais, é preciso que uma gramática funcional:

[...] revele as propriedades das expressões lingüísticas que são relevantes para o modo como são usadas, e que isso seja feito de tal modo que essas propriedades possam ser relacionadas às regras e aos princípios que governam a interação verbal; isso significa que as expressões lingüísticas devem ser pensadas não como objetos isolados, mas como instrumentos que são usados pelo falante para evocar no ouvinte a interpretação que deseja (*ibid.*, p. 80-81).

Nesse ínterim, cumpre destacar que, como é natural a qualquer área de estudos científicos, é de se esperar que haja correntes de pensamento que se norteiam em sentido diverso em relação às demais, propondo investigações que, embora focalizem um mesmo objeto, fundamentam-se em questões de interesse diferentes. No caso, opõe-se ao

funcionalismo o denominado polo formalista, que, sucintamente, caracteriza-se “pela tendência a analisar a língua como um objeto autônomo, cuja estrutura independe de seu uso em situações comunicativas reais” (KENEDY; MARTELOTTA, 2003, p. 19). Nos modelos formalistas, privilegia-se a análise dos mecanismos internos da estrutura linguística, de modo que suas funções são colocadas em segundo plano, o que implica que o contexto não constitui aspecto imprescindível; na verdade, os teóricos dessa corrente estudam “intuições lingüísticas, em princípio fora de qualquer contexto” (NARO; VOTRE, 1992, p. 289).

Quando confrontado com alguma seqüência verbal fora do contexto de uso, o linguista (transformado em “falante” que não fala) se põe a refletir na tentativa de classificá-la como gramatical ou agramatical, eventualmente utilizando, conscientemente ou não, raciocínios do mesmo tipo que um observador atento poderia utilizar para produzir mais um elemento da seqüência [0, 1, 2, 3, ...] ou para compreender qualquer outra regularidade do mundo exterior. (*ibid.*, p. 288).

De acordo com Kenedy e Martelotta (2003), o descritivismo americano foi a mais notória manifestação do polo formalista, que teve como alguns de seus expoentes importantes Bloomfield, Trager, Bloch, Harris, Fries etc. Os pressupostos desse polo foram aplicados, de maneira especialmente rigorosa, nos modelos de gerativismo que o sucederam, cuja tradição se mostra forte atualmente (KENEDY; MARTELOTTA, 2003, p. 20).

No quadro a seguir, adaptado por Neves (1997) com base em Dik (1978), são apresentadas as principais distinções entre o paradigma formal e o paradigma funcional:

**TABELA 2**  
**Comparação entre os paradigmas formal e funcional**

	<b>Paradigma formal</b>	<b>Paradigma funcional</b>
<b>Como definir a língua</b>	Conjunto de orações.	Instrumento de interação social.
<b>Principal função da língua</b>	Expressão dos pensamentos.	Comunicação.
<b>Correlato psicológico</b>	Competência: capacidade de produzir, interpretar e julgar orações.	Competência comunicativa: habilidade de interagir socialmente com a língua.
<b>O sistema e seu uso</b>	O estudo da competência tem prioridade sobre o da atuação.	O estudo do sistema deve fazer-se dentro do quadro do uso.
<b>Língua e contexto/situação</b>	As orações da língua devem descrever-se independentemente do contexto/situação.	A descrição das expressões devem fornecer dados para a descrição de seu funcionamento num dado contexto.
<b>Aquisição da linguagem</b>	Faz-se uso de propriedades inatas, com base em um <i>input</i> restrito e não-estruturado de dados.	Faz-se com a ajuda de um <i>input</i> extenso e estruturado de dados apresentado no contexto natural.
<b>Universais lingüísticos</b>	Propriedades inatas do organismo humano.	Explicados em função de restrições: comunicativas, biológicas ou psicológicas;

		contextuais.
<b>Relação entre a sintaxe, a semântica e a pragmática</b>	A sintaxe é autônoma em relação à semântica; as duas são autônomas em relação à pragmática; as prioridades vão da sintaxe à pragmática, via semântica.	A pragmática é o quadro dentro do qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas; as prioridades vão da pragmática à sintaxe, via semântica.

Fonte: Adaptado de Dik (1978, p. 4-5 *apud* NEVES, 1997, p. 46-47).

No que tange à gramática, por sua vez, podem-se conferir abaixo as principais diferenças entre as duas correntes:

**TABELA 3**

**Diferenças entre as duas correntes da gramática**

<b>Gramática formal</b>	<b>Gramática funcional</b>
Orientação primariamente sintagmática.	Orientação primariamente paradigmática.
Interpretação da língua como um conjunto de estruturas entre as quais podem ser estabelecidas relações regulares.	Interpretação da língua como uma rede de relações: as estruturas como interpretação das relações.
Ênfase nos traços universais da língua (sintaxe como base: organização em torno da frase).	Ênfase nas variações entre línguas diferentes (semântica como base: organização em torno do texto ou discurso).

Fonte: Adaptado de Halliday (1985, p. xxviii-xxix *apud* NEVES, 1997, p. 48).

Apesar de serem fruto de tendências distintas, tanto o funcionalismo quanto o formalismo nasceram dos trabalhos produzidos pelo Círculo Linguístico de Praga, no início do séc. XX. Pode-se afirmar que esse período constituiu o marco da linguística moderna, pois se tratou da ocasião em que, “ao romper com a tradição teórico-metodológica histórica, os estudiosos ditos modernos se propuseram, a partir da noção saussuriana de língua enquanto sistema, a analisar e descrever o funcionamento desse sistema” (MURAD, 2011, p. 346).

O ponto de partida para a mencionada transição entre o viés historicista para o descritivista foi a publicação, em 1916, do *Curso de linguística geral* (*Cours de linguistique générale*, em título original), de Ferdinand de Saussure (1857-1913). Graças a esse aclamado trabalho, “três noções básicas passaram a caracterizar a evolução da lingüística no século XX: sistema, estrutura e função” (DIRVEN E FRIED, 1987 *apud* KENEDY; MARTELOTTA, 2003, p. 17).

A noção de sistema deve-se a Saussure. [...] a novidade da doutrina saussureana reside exatamente na visão de língua como sistema, que prevê uma prioridade do todo em relação aos elementos que o compõem. O termo sistema mais tarde foi substituído pelo termo estrutura: uma vez aceita a visão de que *a língua constitui um sistema* – um conjunto cujos elementos se agrupam num todo organizado – cumpre

analisar-lhe a estrutura. Foi a tendência que se desenvolveu na lingüística a partir da publicação do *Cours*, tendo sua primeira expressão nos trabalhos do Círculo Lingüístico de Praga, a partir de 1928. O chamado estruturalismo foi, então, adquirindo novos adeptos [...]. (BENVENISTE, 1976 *apud* KENEDY; MARTELOTTA, 2003, p. 17).

Com relação ao Círculo Lingüística de Praga, este foi fundado, de acordo com Neves (1997), por Vilém Mathesius e se trata, nos dizeres da autora, de “um grupo de estudiosos que começou a atuar antes de 1930, para os quais a linguagem, acima de tudo, permite ao homem reação e referência à realidade extralingüística” (NEVES, 1997, p. 17 e 149). Ainda conforme Neves (1997), importa sublinhar que, “embora o conceito de funcionalismo em lingüística esteja indubitavelmente ligado” a essa escola, “várias outras abordagens ‘funcionais’ surgiram no Ocidente e no Oriente, e o funcionalismo tomou, depois, vida própria e independente” (*ibid.*, p. 17-18). Em complemento a essa afirmação, mobilizamos os apontamentos de Murad (2011), que demonstram como se refletiu a expansão das concepções funcionalistas:

O pólo funcionalista teve vários expoentes [...] como, por exemplo, a Escola de Genebra, tendo, como principais representantes [...] Charles Bally, que se debruçou sobre o aspecto individual da linguagem, ou seja, a fala, Albert Sechehaye, que se propôs a analisar as idéias de Saussure e Henri Frei, cujas associações entre os fatos lingüísticos e determinadas funções a eles relacionadas propôs uma nova visão sobre os desvios da gramática normativa. Essa influência não parou por aí. Enquanto que na Escola de Praga destacam-se Martinet e Jakobson, na Escola de Londres, Halliday, com o objetivo de estabelecer alguns princípios gerais relacionados ao uso da linguagem [...], baseou seus estudos no funcionalismo etnográfico e no contextualismo de Malinowski. Seus estudos de campo foram de enorme inspiração para a Linguística de modo geral até hoje. No grupo holandês tem-se Dik, que estudou o processo bem-sucedido da expressão lingüística dos falantes. (MURAD, 2011, p. 347).

Nessa esteira, sinaliza-se que o funcionalismo adquiriu especial destaque nos Estados Unidos, no início da década de 70, figurando no trabalho de linguistas como Paul Hopper, Sandra Thompson e, principalmente, Talmy Givón (MARTELOTTA; KENEDY, 2003, p. 22). Esse último autor se revela essencialmente importante para nossa pesquisa na medida em que os pressupostos de seu modelo tipológico-funcional (2001) fundamentam o estudo dos quantificadores universais *todo* e *tudo* empreendido aqui. Desse modo, na próxima subseção, veremos com detalhes a proposta desse estudioso.

### **2.1.2 O modelo tipológico-funcional de Givón**

Talmy Givón (1936-) é considerado um dos expoentes da vertente funcionalista norte-americana, representando, notadamente, as produções lingüísticas da costa oeste dos Estados

Unidos. As obras mais recentes desse linguista se norteiam por um tipo de funcionalismo moderado, que seria aquele que, além de apontar a inadequação do formalismo ou do estruturalismo, propõe “uma análise funcionalista da estrutura” (NICHOLS, 1984 *apud* NEVES, 1997, p. 55). Dessa maneira, em seu trabalho, “enquanto [o autor] procede a investigações de base funcionalista, como, por exemplo, o exame dos aspectos icônicos da gramática, acentua a natureza abstrata e formal da estrutura sintática” (NEVES, 1997, p. 57).

Também são premissas que integram a concepção funcionalista de Givón:

[...] a linguagem é uma atividade sócio-cultural; a estrutura lingüística serve a funções cognitivas ou comunicativas; a estrutura é não-arbitrária, motivada, icônica; a mudança e a variação estão sempre presentes; o significado é dependente do contexto; as categorias não são discretas; a estrutura é maleável, não-rígida; a gramática é emergente; as regras da gramática permitem alguma flexibilidade. (GIVÓN, 1995 *apud* OLIVEIRA, 2004).

Ainda sob a perspectiva de tal autor, as seguintes questões se configuram como importantes ao prisma investigativo do funcionalismo:

- a) Verificam-se correlações sistêmicas entre estruturas linguísticas e suas funções comunicativas e cognitivas?
- b) De que modo surgiram, a partir de processos diacrônicos, estruturas linguísticas verificadas numa determinada sincronia, seus mapeamentos sistêmicos entre forma e função?
- c) De que modo primeira e segunda línguas são adquiridas? Que fatores sociais, culturais, comunicativos e neuropsicológicos determinam o processo de aquisição de linguagem?
- d) Que aspectos funcionais restringem a diversidade tipológica das línguas do mundo? Que mecanismos governam essas restrições?
- e) Que aspectos da língua (e da linguagem) são moldados pela cultura? (MÓDOLO; CONEGLIAN, 2020, p. 4).

De acordo com Cambraia e Bertolino (2020), a proposta givoniana se mostra especialmente produtiva para os estudos relativos à mudança linguística por “integrar uma orientação *funcionalista*, que enfatiza a função comunicativa da linguagem na análise e se fundamenta no estudo da língua no seu contexto de uso, a uma orientação *tipológica*, que procura dar conta da diversidade linguística” (CAMBRAIA; BERTOLINO, 2020, p. 148-149, *grifos dos autores*). Por tipologia linguística, entende-se um modelo de investigações que considera a possibilidade de existirem propriedades universais comuns às línguas no que tange à sua estrutura, o que permite que se encontrem certos padrões e, por conseguinte, possam ser realizadas comparações sistemáticas. Dito de outro modo, “a tipologia gramatical



é o estudo da diversidade de estruturas que podem realizar o mesmo tipo de função” (GIVÓN, 2001, p. 23, *tradução nossa*).

Ademais, é pertinente sublinhar que a gramática, na visão do autor, está sujeita a diversas pressões funcionais que competem entre si, condicionadas pelo uso da língua:

O fato de a gramática das orações codificar simultaneamente informação semântico-proposicional e discursivo-pragmática tem grandes consequências. Uma vez que as exigências de codificação das duas estão frequentemente em conflito, a estrutura resultante é um compromisso adaptativo entre as pressões funcionais em competição (*ibid.*, p. 19, *tradução nossa*).

Com efeito, existiria uma estreita relação entre a tipologia gramatical e a diacronia, visto que, para averiguar as diferenças entre as línguas e compará-las, faz-se necessário, também, identificar os caminhos evolutivos que cada qual seguiu. E o percurso por um caminho evolutivo ou outro é influenciado pelas pressões internas e externas sofridas pela gramática. Destarte, o estudo tipológico se revela especialmente útil para traçar possíveis caminhos de mudança nas línguas.

Para empreender esta pesquisa, fundamentamo-nos nas premissas presentes no livro *Syntax – An Introduction*, publicado pela editora John Benjamins Publishing Company em 2001. Nessa obra, Givón (2001) aponta a representação e a comunicação do conhecimento (ou experiência) como “as duas funções primárias da linguagem humana” (*ibid.*, p. 7, *tradução nossa*). Isso equivale à afirmação de que tais funções figuram como pilares a partir dos quais a linguagem humana se desdobra. Ademais, para o autor, “a comunicação humana bem codificada” (*ibid.*) se divide em dois subsistemas: o sistema de representação, de natureza cognitiva, e o sistema de codificação, que tem viés comunicativo.

No tocante ao sistema de representação cognitiva, este conta com três níveis que Givón (2001) sinaliza como concêntricamente ligados: o léxico conceitual, a informação proposicional e o discurso multiproposicional. Esses constituem conceitos importantes para compreender, sob o prisma desse modelo funcional, de que maneira a gramática atua no processamento da informação humana.

Em primeiro lugar, pode-se definir o léxico conceitual como “um repositório de conceitos relativamente estáveis no tempo, relativamente compartilhados socialmente e relativamente bem codificados” (*ibid.*). Esse repositório, por sua vez, compõe um mapa do universo das experiências humanas, o qual se desdobraria em uma instância externa física, outra social cultural e, por fim, uma terceira interna mental.

Nesse ínterim, Givón (2001) esclarece que, ao tratar de estabilidade temporal, refere-se ao conhecimento que não se encontra sujeito a um fluxo temporal breve. Um exemplo para ilustrar esse fato seria o item lexical “cavalo”, cujo significado, embora provavelmente vá continuar o mesmo amanhã, não está impedido de mudar em algum momento. Em outras palavras, ainda que exista estabilidade na significação de um item lexical, a mudança se mostra possível ao longo do tempo, mas há que se considerar que isso acontecerá em um recorte temporal específico. A gramática, portanto, não se encontra estática; antes, atua com o dinamismo que a linguagem requer.

Outro dos pontos abordados pelo autor, ao elucidar os aspectos referentes ao léxico conceitual, é o fato de que, no ato de comunicação, os falantes de uma língua assumem que “as palavras possuem, grosso modo, os mesmos significados para todos os membros de sua própria comunidade de fala” (*ibid.*, p. 8, *tradução nossa*). Tem-se, com isso, a concepção de um acervo socialmente compartilhado, em que tanto o código associado a determinado conceito quanto a mensagem que o transmite são, em maior ou menor grau, comuns a todos os indivíduos dessa comunidade e se referem, igualmente, a conceitos de conhecimento mútuo.

Outrossim, Givón (2001) elucida que um léxico bem codificado “significa que cada pedaço de conhecimento lexicalmente armazenado é mais ou menos único, ou pelo menos fortemente, associado com sua própria etiqueta de código perceptivo” (*ibid.*). Para o autor, portanto, existiria uma forte associação entre o conhecimento conceitual do falante e a maneira como este percebe a relação entre significante e significado.

É relevante mencionar que, na visão de Givón (2001), o léxico conceitual se configura como uma provável organização em rede de nós e conexões. Nessa rede, um nó representaria um item lexical que, por seu turno, ativaria um agrupamento de outros nós intimamente relacionados. Tratando em pormenores:

Dentro da rede léxico-semântica, os nós representam conceitos ou palavras individuais, cada um com seu próprio significado distinto e rótulo de código. Conceitos lexicais são tipos convencionalizados de experiência, em vez de símbolos individuais de experiência. Ou seja, são genéricos. Tal convencionalização presumivelmente envolve o desenvolvimento de um padrão de ativação prototípico de um grupo de nós conectados. Um conceito lexical pode representar uma entidade relativamente estável no tempo – objeto físico, ponto de referência, localização, planta, animal, pessoa, instituição cultural ou conceito abstrato – portanto, tipicamente um substantivo. Pode representar uma ação, evento, processo ou relação mais temporária, portanto, tipicamente um verbo. Pode representar uma qualidade estável no tempo ou um estado temporário, portanto, tipicamente um adjetivo. (*ibid.*, *tradução nossa*).

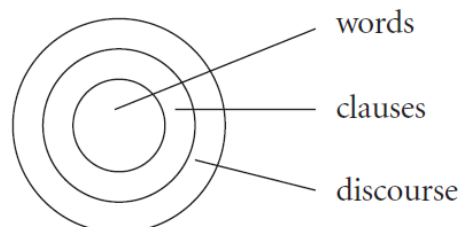
Em segundo lugar, tem-se a informação proposicional, que se configura como o nível em que o falante, ao acionar os conceitos da rede léxico-semântica (“palavras”, na colocação do autor), pode combinar esses conceitos para construir informações proposicionais (frases, orações) sobre estados ou eventos de que as entidades participam. Esses estados ou eventos “podem pertencer ao mundo externo, ao mundo mental interno, ao mundo culturalmente mediado ou a várias combinações destes” (*ibid.*).

Em terceiro lugar, aborda-se o discurso multiproposicional, que se caracteriza por ser a combinação entre vários estados e eventos; assim, as informações proposicionais são combinadas para a construção de um discurso coerente. Nesse sentido, pode-se dizer que o discurso humano se constrói por meio de diversas proposições, fator que o torna predominantemente multiproposicional. Como demonstra Givón (2001), a coerência que permeia esse nível da comunicação não se reduz aos limites dos componentes, o que se verifica quando são feitas perguntas sobre determinado discurso que não necessariamente constam em uma única proposição: o motivo que levou um evento a acontecer, como aconteceu, as motivações das entidades envolvidas etc. Em outros termos, trata-se de informações que não fazem parte da combinação dos elementos da frase; ainda assim, pertencem ao contexto em que o evento acontece. Nesse caso, “para responder a tais perguntas”, faz-se necessário “o conhecimento de várias proposições no discurso conectado [...] ou mesmo de todo o texto coerente” (*ibid.*, p. 10, *tradução nossa*).

Para uma melhor compreensão da interação entre palavras, proposições e discurso, reproduzimos a seguir o esquema elaborado pelo autor:

#### ESQUEMA 1

##### Os três principais componentes da comunicação humana: palavras, frases e discurso



(GIVÓN, 2001, p. 43).

No que concerne ao sistema de codificação comunicativa, este conta, segundo Givón (2001), com dois instrumentos distintos: os códigos sensório-motores periféricos e o código gramatical. Na definição do estudioso, os primeiros “são domínio da fonética, da fonologia e da neurologia [...]. Eles presumivelmente envolvem operações de codificação (produção da fala) e decodificação (percepção da fala), e são ajustados às modalidades perceptivas e motoras pertinentes” (*ibid.*, p. 11, *tradução nossa*). Já o segundo, o código gramatical, “é provavelmente a mais recente adição evolutiva ao arsenal da linguagem humana” e se configura por ser “um código muito mais abstrato e complexo do que os códigos sensório-motores do léxico” (*ibid.*).

Ainda segundo o autor, são dispositivos do sinal gramatical primário: a morfologia, a entonação, o ritmo e a ordem sequencial de palavras e morfemas. Os níveis abstratos de organização, por sua vez, envolvem a organização de constituintes hierárquica, as etiquetas categoriais gramaticais, as relações de relevância e escopo, assim como as relações de governo e controle. Nesse panorama, aponta-se que a gramática atua, de modo predominante, nas relações de coerência entre as proposições de um discurso mais amplo.

Por último, é oportuno observar que os quantificadores, sob a perspectiva givoniana, constituem uma categoria específica. Esses itens lexicais, assim como os numerais e os ordinais, “são pequenas classes de modificadores de substantivos que codificam noções de quantidade, extensão, número ou ordem de série. Todos eles participam da gramática dos sintagmas nominais” (*ibid.*, p. 100, *tradução nossa*). *Some, many, few* e *all* (em tradução livre, “alguns”, “muitos”, “poucos” e “todos”) figuram entre os exemplos elencados pelo autor para ilustrar a natureza dessa categoria, bem como seu funcionamento. Perpassar tais conceitos se mostra relevante na medida em que, conforme anteriormente evidenciado nesta pesquisa, *todo* e *tudo* são estudados enquanto determinantes que carregam noções de quantidade e que modificam os nominais ou outros elementos aos quais se ligam.

## 2.2 A IMPORTÂNCIA DOS RELATOS DE VIAGEM PARA O ESTUDO DA VARIAÇÃO E MUDANÇA: UM DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR

### 2.2.1 O gênero relato de viagem

A prática de explorar o mundo é, inequivocamente, uma característica intrínseca aos seres humanos. Na visão de Eberspächer (2019), “é difícil pensar em um mundo sem viagens

ou viajantes. O deslocamento é uma das bases para compreensão da humanidade e seu estar no mundo” (EBERSPÄCHER, 2019, p. 13). Não por acaso, de acordo com Todorov (2006), os “relatos de viagem são tão antigos quanto as próprias viagens” (TODOROV, 2006, p. 232). Embora exista certa divergência quanto ao marco cronológico inicial do que se reconhece, hoje, como uma literatura de viagem (CRISTÓVÃO, 1999, p. 24), é fato que, desde os tempos antigos, viajantes e exploradores já registravam, por meio de relatos escritos, informações sobre suas jornadas, experiências e observações feitas de territórios, fauna e flora, povos e culturas até então desconhecidos.

Conforme elucida Martinez (2012):

Devemos a Homero a primeira narrativa de viagem que chega até nós. O poeta grego teria vivido em VIII a.C., justamente no momento em que a escrita nasce na Grécia antiga. Se em *Iliada* Homero relata a Guerra de Tróia, o primeiro relato de conflito, em *Odisseia* narra a saga do rei Ulisses para regressar ao seu lar, Ítaca [...]. A partir desse ponto, a nascente literatura de viagem estaria marcada pela visão de um autor que empreende uma longa jornada com um único ou vários destinos sequenciais. (MARTINEZ, 2012, p. 37).

Ainda segundo a autora, até “o Renascimento, a maior parte desses relatos era feita na forma de diários ou cartas de viagem”. Um dos mais famosos exemplos seria a Carta de Pero Vaz de Caminha (*ibid.*, p. 40), que documenta importantes aspectos relacionados à chegada dos portugueses ao território que viria a constituir o Brasil. A partir do séc. XV, com o advento das Grandes Navegações, da expansão de grandes impérios e da ocupação de territórios, episódios que propiciaram um período de intenso trânsito social, tem-se a consolidação de uma literatura de viagem (*ibid.*, p. 41). A descoberta da imprensa também figurou como outro importante fator para que houvesse a “transformação de um *corpus* predominantemente historiográfico e antropológico em *corpus* literário *sui generis*” (CRISTÓVÃO, 1999, p. 25), pois, uma vez facilitada a confecção de livros, que antes levavam meses para serem replicados pelas mãos de monges e aprendizes, o acesso à leitura difundiu-se, principalmente, entre a emergente burguesia (OLIVEIRA, M., 2022, p. 15).

Assim, como afirmam Hulme e Youngs (2005) *apud* Tôrres (2012), “a escrita se tornou parte essencial da viagem”. Nesse sentido, “patrocinadores políticos ou comerciais esperavam relatórios e mapas, e o público ansiava por histórias de lugares distantes. Os relatos, desta maneira, eram uma forma importante de atrair investimentos e colonizadores para as terras descobertas” (HULME; YOUNGS, 2005, p. 2 *apud* TÔRRES, 2012, p. 308). Narrativas mais ou menos fantasistas, em geral, eram aquelas que gozavam da maior simpatia do público, por manter acesa sua curiosidade com relação às experiências dos exploradores

(TODOROV, 2006, p. 232). Com efeito, esse movimento cultural permitiu “a plenitude da expressão deste tipo de textos, intimamente ligados à mentalidade aberta do Renascimento e da Idade Moderna” (CRISTÓVÃO, 1999, p. 24).

[...] desde que em 1455 Gutenberg e Fust imprimiram a Bíblia, não parou mais a abundante publicação de narrativas e descrições que criaram um novo público, um novo gosto e novas possibilidades de os leitores manifestarem as suas preferências, pressionando os editores. Não perderam estes tempo a corrigir e manipular relatos antigos e novos para saciarem um público ávido de novidades, aventuras e emoções fortes, sobretudo à volta de épicas descobertas e conquistas, e de exóticos cenários de terras estranhas que apelidavam, fascinados, de “Novo Mundo” (CRISTÓVÃO, 1999, p. 25).

É relevante sinalizar, ainda, que:

O conteúdo [dos relatos] ia desde deslocação geográfica, a exaltações épicas, como *Os Lusíadas*, de Camões. A temática apoiava-se nas vivências reais do observador, o qual também fazia uso de elementos da ficção. As descrições realizadas apontavam a subjetividade do narrador, que tampouco dispunha de informações concretas sobre os novos destinos. Havia ainda o fato de alguns textos serem [...] adaptados ao gosto do público-leitor, fato este que fez com que as narrativas de viagem deixassem de lado o caráter exclusivamente histórico e evidenciassem cada vez mais sua preocupação literária (OLIVEIRA, M., 2022, p. 15).

No que tange às características do gênero em estudo, Cristóvão (1999) declara que este pode ser entendido como escritos que “entrecruzam Literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas” (CRISTÓVÃO, 1999, p. 35). É interessante assinalar que esse registro não se restringe ao deslocamento da viagem em si, mas engloba também todos os aspectos desse movimento que se mostrem dignos de serem registrados e descritos, como “terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes, crenças e formas de organização dos povos, comércio, organização militar, ciências e artes, bem como os seus enquadramentos antropológicos, históricos e sociais [...]” (*ibid.*). Ademais, é possível classificar as narrativas de viagem em três tipos principais, segundo Martinez (2012): “os relatos ficcionais, os não-ficcionais (escritos a partir de fatos reais, embora os autores possam usar recursos literários para tornar a leitura mais envolvente) e mistos, produtos de ficção inspirados em fatos reais” (MARTINEZ, 2012, p. 40).

Apesar de os aspectos mencionados funcionarem como uma caracterização geral dos relatos de viagem, há que se destacar que, independentemente da época analisada, tal gênero apresenta uma ampla possibilidade de formas e conteúdos (TÔRRES, 2012, p. 310). Aliás, é possível identificar “um consenso entre pesquisadores de diversas áreas a respeito da heterogeneidade” dessas narrativas, que podem se constituir de outros gêneros (*ibid.*), outros tipos de discurso, tratando-se, portanto, de um gênero híbrido.

Uma das mais persistentes observações com relação ao relato de viagem é a constatação da absorção de diferentes estilos e gêneros de narrativa; a maneira como forçosamente se acomodam [no texto] diferentes modificações e se misturam encontros imaginativos; além do potencial encontrado para a interação de amplos períodos históricos, disciplinas e perspectivas. (YOUNGS; HOPPER, 2004, p. 3 *apud* JUNQUEIRA, 2011, p. 55).

Consequentemente, as expectativas geradas nos leitores podem variar ao longo do tempo. A esse respeito, Todorov (2006) faz a seguinte ponderação:

Se perguntarmos hoje ao leitor desprevenido o que espera de um relato de viagem, certamente terá dificuldades em dar-nos uma resposta detalhada; e entretanto essa expectativa existe e constitui uma das vertentes do que chamamos de gênero literário (sendo a outra vertente a interiorização dessa mesma norma pelos escritores). A expectativa não é a mesma hoje que no século XVI: os próprios textos não mudam, mas são lidos com olhos diferentes. (TODOROV, 2006, p. 239-240).

Nessa perspectiva, o autor propõe, como aspecto inerente ao relato de viagem, o teor subjetivo que perpassa os textos desse gênero, em que à descrição das circunstâncias exteriores ao sujeito acrescenta-se a narração pessoal, havendo, portanto, “certa tensão (ou um certo equilíbrio) entre o sujeito observador e o objeto observado. [...] O limite, de um lado, é a ciência; de outro, a autobiografia, o relato de viagem vive da interpenetração das duas” (*ibid.*, p. 240). Borm (2004) *apud* Tôrres (2012) apresenta posicionamento consonante ao afirmar que todas as narrativas de viagem são, em alguma medida, autobiográficas, ainda que “não haja necessidade dos viajantes providenciarem um resumo de suas vidas de maneira biográfica” (BORM, 2004, p. 14 *apud* TÔRRES, 2012, p. 310).

Junqueira (2011), por sua vez, elenca cinco outros pontos em comum que podem contribuir para o entendimento desse conjunto heterogêneo de textos, quais sejam: 1. ainda que o autor do relato nunca tenha viajado de fato, as demarcações “do aqui e do acolá” encontram-se presentes, ou seja, “articulados aos deslocamentos, reais ou imaginários, o relato de viagem opera com noções variadas de mudanças e transições”; 2. seja um diário pessoal produzido por um viajante que deseja registrar suas experiências para lembrá-las em algum momento futuro, seja uma narrativa direcionada a um público com o objetivo de instruí-lo ou de reter sua atenção enquanto entretenimento, “todo relato presuppõe um leitor, mesmo que este venha a ser unicamente o escritor do relato”; 3. não importa em que época o viajante tenha realizado sua viagem, “o texto ainda será considerado um relato de viagem ou ‘memória de viagem’ [...]. O relato de viagem nem sempre trata daquilo que o viajante viu, na hora em que viu e como as coisas se deram”; 4. a narrativa de viagem, desde os tempos antigos, servem como fonte de inspiração para outras jornadas. Nesse contexto, a “curiosidade sobre terras distantes e homens que viviam de forma distinta aguçou espíritos aventureiros,

negociantes e pensadores [...]. Alguns relatos de viagem são, dessa maneira, textos muito influentes”; 5. por fim, permeia as narrativas de viagem o problema da veracidade desses conteúdos. A depender da época e, por conseguinte, dos critérios utilizados em sua análise, tal problema pode levá-las a ser consideradas imprecisas e incertas. Hoje, os relatos, verídicos ou não, são interessantes para os pesquisadores por permitirem o entendimento de determinado período. (JUNQUEIRA, 2011, p. 48-54).

Diante do que foi exposto, chega-se à constatação de que o gênero relato de viagem, assim como a própria realização da viagem, representa um elemento em constante mudança, afinal, “as transformações políticas, econômicas e sociais” ocorrem conforme os “diferentes interesses de cada época [...], provocando uma constante alteração dos significados e das funções de um relato” (TÔRRES, 2012, p. 311). Como já dito anteriormente, esse mesmo caráter transformador se verifica nas expectativas dos leitores; na forma como recebem tal conteúdo a depender do contexto que vivenciam. Com efeito, a narrativa de viagem se configura como “um gênero amplo e transformador, com uma história complexa que precisa ser continuamente analisada” (*ibid.*).

### 2.2.2 O jornalismo literário<sup>26</sup> de viagem

Um dos aspectos mais marcantes da contemporaneidade é a facilidade de locomoção que hoje se verifica não somente entre pontos de uma mesma localidade, mas, sobretudo, entre territórios de diferentes partes do mundo. Nesse sentido, uma combinação de fatores tem contribuído para tornar as viagens acessíveis, confortáveis e interessantes para um número cada vez maior de pessoas, como a constante melhoria dos modais de transporte; o avanço tecnológico de aeronaves, especialmente, que permitem aos viajantes cruzar locais os mais diversos em poucas horas; a interconexão entre povos e nações propiciada pela globalização; a existência de companhias de viagem que ofertam pacotes de turismo a preços acessíveis ou com facilidades de pagamento; a melhoria de infraestrutura e a divulgação expressiva, principalmente nas redes sociais, de pontos turísticos, alguns deles notoriamente atrativos por

---

<sup>26</sup> Sinalizamos o fato de que não existe consenso, entre os estudiosos do assunto, quanto à terminologia para se referir a tal prática jornalística. Segundo Martinez (2022), o “principal espaço de discussão de estudiosos da modalidade no mundo, a IAJLS (*International Association for Literary Journalism Studies*), adotou o termo em 2006 entendendo que se trata de jornalismo como literatura e não sobre literatura” (MARTINEZ, 2022, p. 252-253). Apesar dessa definição, a depender do país e mesmo no próprio Brasil, a prática de escrita em questão pode receber distintas denominações. Assim, por ser “literatura jornalística” a nomenclatura predominante nos trabalhos consultados para a realização desta pesquisa, em razão de as produções dessa natureza serem compreendidas como essencialmente narrativas (*id.*, 2017, p. 26), optamos por adotá-la também.



serem considerados “exóticos” ou inusitados; o fato de as viagens terem se tornado uma fonte de realização pessoal humana (afinal, quem nunca sonhou em visitar um lugar específico do mundo?); entre outras motivações. Por conseguinte, a circulação de pessoas aumentou de forma inédita na história e, naturalmente, a prática de se registrar esses movimentos também se tornou mais recorrente.

É nesse cenário que tem se destacado, cada vez mais, o chamado jornalismo literário de viagem, subcategoria do jornalismo literário cuja perspectiva, grosso modo, possui como fio condutor o deslocamento de um local a outro (LIMA, 2004, p. 49). De acordo com Martinez (2012), a popularização de relatos nessa modalidade se iniciou “com a consolidação do jornalismo no século 19” (*sic*), em que “muitos jornalistas-escritores publicam em livros-reportagem o excedente de seu material de reportagem ou reflexões sobre suas próprias viagens”, sendo tais materiais recebidos pelo público com grande interesse (MARTINEZ, 2012, p. 44). Porém, é curioso notar que, ainda antes do período citado, viajantes como os naturalistas Alexander von Humboldt (1769-1859) e Charles Darwin (1809-1882), elecandos por Eberspächer (2019) como grandes nomes da literatura de viagem, já produziam relatos que mesclavam o rigor descritivo, ao documentar suas explorações e observações científicas, às suas impressões pessoais, satisfazendo um público ávido de novidades, permitindo que este entrasse “em contato com um estrangeiro exótico ao qual não teria acesso de outra forma” (EBERSPÄCHER, 2019, p. 13). Desse modo, “a popularização do gênero criou obras que se afastam dos paradigmas científicos e se aproximam de relatos jornalísticos ou narrativos, que aproximam o mundo das explorações científicas de um público geral” (*ibid.*, p. 17).

Nesse contexto, devem ser levadas em consideração, igualmente, as transformações ocorridas tanto no perfil dos viajantes quanto nos motivos da escrita:

[...] se nos séculos anteriores os escritos de viagem eram produzidos em sua maioria por missionários, exploradores e cientistas, no período de transição entre os séculos XIX e XX o perfil dos viajantes tornou-se bastante heterogêneo, tanto por sua ampliação de gênero – mulheres, mesmo desacompanhadas, passaram a viajar mais – quanto pela inclusão de poetas, romancistas, intelectuais, ou meros turistas. A heterogeneidade de autores e a adquirida consciência da amplitude de culturas diversas fizeram com que a escrita de um relato de viagem se tornasse mais subjetiva. Antes encarado como um possível manual para conhecimento de sociedades até então desconhecidas, o relato tornou-se mais memorialístico. (TÔRRES, 2012, p. 317).

No decorrer das décadas, o desejo não somente de desbravar novos territórios, como também de refletir sobre a interação com povos, culturas e tradições diferentes tornou-se um pilar do que se conhece como jornalismo literário de viagem, que se relaciona intimamente

com a necessidade humana de explorar o desconhecido, reunir conhecimentos e compartilhar experiências. Portanto, embora tenha em comum com outras vertentes do jornalismo “a necessidade de apuração criteriosa do fato – não se admite invenção –, bem como a ética nas relações com fontes e leitores” (MARTINEZ, 2017, p. 29), o jornalismo literário de viagem busca transmitir, por meio de uma perspectiva cuja intenção é suscitar a reflexão dos leitores, os aspectos culturais e, acima de tudo, humanos dos locais visitados. Mas, para alcançar esse efeito, tão valiosas quanto as fontes e os testemunhos recolhidos são as percepções do próprio jornalista acerca do espaço e das comunidades exploradas. Tratando em detalhes:

Na percepção do jornalismo literário de viagem, se o jornalista tem a escrita e o domínio das palavras como suas principais armas, o jornalista que opta por escrever e descrever suas experiências como viajante, além da escrita e das palavras, é, também, possuidor das emoções afloradas no psíquico, ocasionadas pelas fragmentações físicas sofridas com as alterações geográficas – elementos histórico-cultural – registradas por meio do seu escrever, ou seja, eternizadas em sua obra. Contar suas experiências ou testemunhar sobre o que presenciou pode ser considerada uma ótica unilateral, ou seja, a visão do jornalista resultaria na superficialidade de seu trabalho. Porém, quando o jornalista traz para primeiro plano o seu testemunho, acrescentado de depoimentos de terceiros, entrevistados, personagens em si, que dialogam e retratam o ambiente que está sendo narrado e como foi constituído, fatores quase sempre não notados pelo leitor e até para o jornalista – quem escreve, registra-se a heterogeneidade discursiva. Daí, então, pode ser percebida a importância e como vem sendo construído o jornalismo literário de viagem. (RITTER, 2019, p. 210-211).

Mesmo que pareça, a priori, tarefa descomplicada definir as narrativas jornalísticas de viagem, há diversas nuances que perpassam esse modelo textual. Lima (2004), em sua proposta de classificação dos chamados livros-reportagem-viagem, conceitua tais publicações da seguinte forma:

Apresenta[m] como fio condutor uma viagem a uma região geográfica específica, o que serve de pretexto para retratar, como em um quadro sociológico, histórico, humano, vários aspectos das realidades possíveis do local. Difere[m] do relato meramente turístico, ou daquele dotado de romantismo e exotismo típicos aos viajantes não treinados profissionalmente no escrever, por ter nítida preocupação com a pesquisa, com a coleta de dados, com o exame de conflitos. O conhecimento constrói-se, ao longo do livro, por via da ótica jornalística, alicerçada por recursos advindos de diversos campos do saber moderno. (LIMA, 2004, p. 58-59).

Ademais, a narrativa jornalística de viagem, enquanto subcategoria, fundamenta-se nos dez pilares do jornalismo literário elencados por Martinez (2016) *apud* Ritter (2019): “1) exatidão e precisão; 2) narração de história; 3) humanização; 4) compreensão; 5) universalização temática; 6) voz autoral; 7) imersão; 8) simbolismo; 9) criatividade; e 10) responsabilidade ética”. Esses aspectos se distinguem, em sua maior parte, do caráter sucinto e objetivo do jornalismo noticioso (MARTINEZ, 2016 *apud* RITTER, 2019, p. 206).

Também são características do jornalismo literário, apontadas como imprescindíveis por Pena (2007), que norteiam as produções do modelo textual em estudo nesta subseção:

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários [entrevistados que ocupam algum cargo público ou função específica] e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira. (PENA, 2007, p. 49).

Modernell (2007), por sua vez, caracteriza o jornalismo literário como um modelo híbrido, por estabelecer conexão com “os domínios dos fatos e o da imaginação”. Nesse âmbito, a narrativa de viagem ocuparia um lugar de destaque devido ao seu apelo, afinal, “uma pessoa que se move em ambientes exóticos tem grande chance de cativar aqueles que prefeririam estar lá, em aventuras mais gratificantes, do que trancadas nos elevadores e nos congestionamentos das cidades” (MODERNELL, 2007, p. 105-106). Em virtude disso, para o autor, um dos aspectos básicos do jornalismo literário seria a imersão.

Isso significa um alto grau de envolvimento do autor com o tema sobre o qual trabalha, seja do ponto de vista existencial, durante a captação do material, seja no momento da elaboração do texto, que implica uma escolha acertada do foco narrativo. Pode-se dizer que, em certos casos, o autor se transforma quase num personagem de si próprio. E sua arte narrativa se aproxima bastante do estilo oral dos viajantes arcaicos. [...] É preciso deixar claro, no entanto, que narrar uma história de viagem em primeira pessoa, mesmo que seja num tom de oralidade, não basta para situá-la no âmbito do Jornalismo Literário. O que nos interessa examinar, isso sim, são aqueles relatos pessoais que constituíram uma experiência existencial intensa, transformadora e de alto valor simbólico para o narrador; como resultado de *insights* e reflexões propiciados por cenários diferentes daqueles nos quais está acostumado a viver. (*ibid.*, p. 106).

Convém enfatizar que “o texto, para ser considerado jornalístico, deve se referir ao real, ao verdadeiro, ao que aconteceu” (RITTER, 2019, p. 209). Por outro lado, para que a narração da viagem se torne possível, “é preciso flexibilizar a fronteira entre realidade e imaginação. Se ela já é imprecisa, na maioria dos gêneros da escrita, tanto mais o é na narrativa de viagem” (MODERNELL, 2007, p. 109).

Muitos fatores colaboram para isso. Em primeiro lugar, a própria disposição de ânimo do autor, que procura algo em caminhos distantes das ruas nas quais está habituado a passar, e talvez nem saiba o que seja. Depois, pelo caráter efêmero das situações que haverá de encontrar, do descompromisso dos encontros, da transitoriedade dos cenários, e sobretudo da consciência de que dificilmente voltará a revê-los. Assim, o viajante pode comportar-se de uma maneira “leve”, fantasiosa, expansiva. É assim que a mente funciona quando se vê livre da rolha da rotina. Além desses fatores imanentes, há que considerar o fato de que na maioria dos relatos de viagem o conteúdo narrativo é inverificável para o leitor. Ele está longe do cenário em que a ação se desenrola – e, em princípio, mais predisposto a acreditar em coisas

incomuns do que quando ouve contar algo sobre seu bairro, sua aldeia. Pode-se dizer que a narrativa de viagem potencializa, no leitor, aquele fenômeno que o filósofo e poeta inglês Samuel Taylor Coleridge denominou “suspensão voluntária da descrença” (“*the willing suspension of disbelief*”) em sua *Biographia Literaria*, publicada em 1817. O narrador é como um ser investido da fé pública. De certo modo representa o seu leitor, o seu povo, em mares nunca dantes navegados. (*ibid.*).

Qualquer que seja a motivação daquele que pratica o jornalismo literário e a maneira como transita pela fronteira entre realidade e ficção, parece-nos relevante destacar o conceito de cidadania apresentado por Pena (2007). Sob esse prisma, segundo o autor, ao “escolher um tema, [o escritor/jornalista] deve pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade” (PENA, 2007, p. 50). Assim, percebe-se que tocar o público de alguma maneira é, talvez, a característica mais relevante que distingue a literatura jornalística, em especial a de viagem, dos textos de cunho noticioso.

### **2.2.3 A importância dos relatos de viagem para o estudo da variação e mudança linguística**

Nas palavras de Franco (2011), os relatos de viagem, em sua maior parte, são concebidos com base nas experiências de indivíduos “deslocados de suas realidades de origem, que frequentaram a realidade de outrem”. Com efeito, tais textos representam “depositários de narrações sobre ocasiões e fatos históricos” (FRANCO, 2011, p. 75). A autora enfatiza, porém, que essas circunstâncias históricas, embora “muitas vezes vistas e vivenciadas efetivamente”, não anulam o caráter subjetivo dos relatos. Dizendo de outro modo, “nenhuma narração, por mais objetiva que se pretenda, está livre da subjetividade do autor. Este pode tanto vir a acrescentar impressões quanto omitir detalhes” (*ibid.*). Ainda segundo Franco (2011):

Essas ações, nem sempre conscientes, podem resultar de um leque ilimitado de fatores inter-relacionados, como as influências advindas da formação cultural do viajante, os interesses específicos envolvidos no empreendimento da viagem e da publicação do relato e até as opções e preferências do próprio autor. A capacidade de alcançar pelos relatos diversas dimensões do passado é inquestionável. Entretanto, o caráter dúbio dessa fonte – tráfegante entre a materialidade da experiência e a subjetividade do olhar – transforma-a num objeto atrativo para uma reflexão sobre as potencialidades por ela guardadas para iluminar distintos domínios de que se constitui a história. (*ibid.*, p. 75-76).

Não é à toa que tem se tornado cada vez maior, nas últimas décadas, o emprego dos relatos de viagem em pesquisas acadêmicas brasileiras, tendência que vem resultando em produções numerosas (*ibid.*, p. 62). Sob esse viés, vale destacar que as narrativas escritas por

jornalistas também se configuram como importantes documentos históricos (RITTER, 2019, p. 209). Constata-se, portanto, que esse tipo de texto – independentemente do discurso que manifesta, se literário ou jornalístico – constitui uma fonte de pesquisa inestimável para inúmeros campos de pesquisa das Ciências Humanas, Sociais e da Linguagem, notadamente a linguística variacionista. Essa relevância reside no fato de que, em incontáveis casos, os registros escritos configuram as únicas pistas para compreender os caminhos de variação e mudança de determinado sistema linguístico. Quanto a isso, Schneider (2004) esclarece que:

Em uma configuração padrão, o estudo da variação e mudança de linguagem começa a partir de dados de desempenho e, portanto, emprega ferramentas metodológicas apropriadas para o estudo de registros falados – entrevistas sociolinguísticas, fita gravações, análise acústica etc. No entanto, existem áreas de estudo para as quais registros falados simplesmente não estão disponíveis. Em muitos casos, estamos interessados em desenvolvimentos de longo prazo, como a evolução dos vernáculos; e esses períodos de interesse para os linguistas se estendem consideravelmente além do tempo em que gravadores de fita ou, de forma mais geral, gravações de áudio foram disponibilizados pela primeira vez como um subproduto de desenvolvimentos tecnológicos. É prototipicamente em tais casos que a variação e a mudança devem ser estudadas com base [...] em documentos escritos. (SCHNEIDER, 2004, p. 67, *tradução nossa*).

Desse modo, conforme o autor, tornam-se interessantes para estudo nesses contextos registros escritos que sejam genuínos, históricos ou até mesmo ficcionais, contanto que, direta ou indiretamente, reproduzam um ato de fala ocorrido em um tempo e lugar específicos. Nessa perspectiva, tais registros devem expressar:

[...] formas de fala que um membro típico de determinada comunidade poderia ter proferido com algum grau de verossimilhança, representativo da comunicação cotidiana dessa comunidade. Nesses casos, o registro escrito funciona como um filtro, por assim dizer: ele nos fornece uma representação de um ato de fala que gostaríamos de ter ouvido e gravado acusticamente e que sem o registro escrito teria se perdido completamente (*ibid.*).

Levando em consideração as propriedades individuais dos textos, bem como sua utilidade para o estudo da variação e mudança linguística, Schneider (2004) elabora cinco categorias que “representam um *continuum* de distância crescente entre um evento de fala original e seu registro escrito” (*ibid.*, p. 72, *tradução nossa*), visando classificar, então, transcrições segundo sua proximidade com o ato de fala. As categorias são assim denominadas: *gravado*, *lembança*, *imaginado*, *observado* e *inventado*. Para defini-las, o autor se baseia em três critérios: a realidade do evento de fala retratado; a relação entre o falante e a pessoa que escreveu o enunciado; e a distância temporal entre o próprio evento de fala e o momento da gravação/escrita (*ibid.*). Como se verifica na tabela abaixo, as narrativas

de viagem, inseridas na categoria da “lembrança”, ocupam a segunda posição da hierarquia, ou seja, estão bastante próximas da fala na visão de Schneider (2004).

**TABELA 4**

**Categorização de tipos de texto de acordo com sua proximidade com a fala**

<b>Categoria</b>	<b>Realidade do evento</b>	<b>Identidade do falante e do escritor</b>	<b>Distância temporal entre fala e gravação/escrita</b>	<b>Características do tipo de texto</b>
1. Gravado	Real, único	Diferente	Imediato	Transcrição de entrevista, gravação de julgamento
2. Lembrança	Real, único	Diferente	Depois	Narrativas pessoais, narrativas de viagem
3. Imaginado	Hipotético, único	Idêntico	Imediato	Cartas, comentários de diários, respostas a questionários
4. Observado	Usualmente real, único	Diferente	Depois	Narrativas pessoais
5. Inventado	Hipotético, não especificado	Não se aplica	Não especificado	Literatura

(SCHNEIDER, 2004, p. 73, *tradução nossa*).

Com relação, especificamente, aos textos inseridos na categoria das lembranças, o autor enfatiza que as representações de “eventos de fala específicos não registrados no local, mas em algum momento posterior da memória”, estão sujeitos a “lapsos de memória ou limitações de entendimento” (*ibid.*, p. 72 e 75, *tradução nossa*). Com isso, por maior que seja o empenho do escritor em reproduzir um discurso de maneira fiel, as inevitáveis distorções causadas não apenas por lacunas na memória, como também por fatores como possíveis percepções errôneas, podem reduzir a precisão da transcrição. Para demonstrar esse fato, Schneider (2004) mobiliza pesquisas de psicolinguistas, as quais sugerem que, em certa medida, os ouvintes costumam recordar as características da estrutura superficial da frase, havendo uma concentração maior no significado da mensagem ouvida do que nas palavras, sintaxe e entonação reais. Apesar desses dificultadores, o autor sustenta a validade dos textos dessa natureza por serem “compostos por notas aprimoradas pela memória” (*ibid.*, p. 75, *tradução nossa*), o que demonstra, assim, a pertinência e a relevância das narrativas de viagem para o estudo da variação e mudança linguística.

### CAPÍTULO 3

#### OBJETIVOS, HIPÓTESES, METODOLOGIA E *CORPORA*

Neste capítulo, dedicamo-nos a apresentar os objetivos e as hipóteses que nortearam a elaboração desta dissertação, bem como a metodologia adotada para tratamento e análise dos dados. Ainda, contextualizamos os *corpora* utilizados para o estudo comparativo a que nos propomos.

#### 3.1 OBJETIVOS

Figuram como objetivos gerais do presente trabalho:

- (a) Promover uma revisão bibliográfica aprofundada de pesquisas relacionadas aos quantificadores universais, sejam elas produzidas sob o enfoque funcionalista, sejam conduzidas à luz de outras perspectivas teóricas, visando projetar um panorama do que já foi desenvolvido sobre o assunto.
- (b) Traçar o percurso etimológico dos itens *todo* e *tudo*, por meio de consulta a dicionários e a outras obras lexicográficas pertinentes.
- (c) Demonstrar a importância do gênero relato de viagem, inserido nos discursos tanto literário quanto jornalístico, para o estudo da variação e mudança linguística.

Figuram como escopos específicos desta pesquisa:

- (i) Descrever, com base em dados da modalidade escrita, o comportamento dos quantificadores universais *todo(a)(s)* e *tudo* no português europeu do séc. XVI e no português brasileiro do séc. XXI, utilizando como instrumental de análise a matriz de traços proposta por Oliveira (2006).
- (ii) Investigar, mediante análise comparativa, o possível surgimento de novos fatos linguísticos relacionados à categoria em questão.
- (iii) Identificar em que medida as intenções comunicativas condicionam as posições ocupadas, na sentença, pelos quantificadores em foco.

#### 3.2 QUESTÕES E HIPÓTESES

A seguir, apresentamos as questões que direcionaram a realização desta pesquisa e as respectivas hipóteses, que serão testadas no decorrer do capítulo 4, a fim de responder a cada aspecto investigado.

**(a)** Há diferenças semânticas no uso dos quantificadores universais na história da língua portuguesa?

Como foi visto na subseção 1.1.2, a forma *tudo* se originou do item *todo* por meio do processo de metáfora. Esse fenômeno, de acordo com V. Cunha (2002), pode ter ocorrido, entre outras razões, “por uma necessidade de ordem semântica: desfazer a homonímia entre as formas de masculino e de neutro” (CUNHA, V., 2002, p. 156). O quantificador *tudo*, de acordo com Câmara Júnior (1976), só é “aplicável a coisas, à maneira do que acontece com *isto* ou *algo*” (CÂMARA JÚNIOR, 1976, p. 111), diferentemente do item *todo(s)*, que pode ser empregado para fazer referência a seres animados. Tal apontamento é corroborado por Mateus *et al* (1989), que distinguem os quantificadores entre si pelo traço [ $\pm$  HUMANO] (MATEUS *et al*, 1989, p. 255). Conforme já apontado na subseção 1.2.2.6, consideramos que o traço em questão é, mais precisamente, [ $\pm$  ANIMADO], pois abrange não apenas pessoas, mas seres animados em geral.

Sendo assim, pode-se considerar que esse fenômeno de constituição da forma *tudo* consistiu em um processo de gramaticalização do traço [-ANIMADO]. De acordo com Castilho (1997), o processo de gramaticalização pode ser entendido como “o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas [...]” (CASTILHO, 1997, p. 31). No caso em questão, o traço [-ANIMADO] não era gramaticalmente expresso através de uma forma específica e, com o surgimento de *tudo*, passou a sê-lo. Segundo Nascentes (1955), essa implementação se encontrava em andamento no século XVI, época de composição da *Peregrinação*. Entretanto, há dados de que, na variedade do português atual, o vínculo de *tudo* com o traço [-ANIMADO] foi relativizado: trabalhos como o de Godoy (2005) e Oliveira (2006), entre outros, que investigaram o emprego do quantificador na linguagem informal, demonstraram a possibilidade de esse mesmo item ser empregado com o traço [+ANIMADO], uma vez que ele pode se vincular a referentes com traços de animacidade. Exemplos como “Os menino[s] *tudo* leram Harry Potter” (GODOY, 2005, p. 2) e “Posso dançar com as menina[s] *tudo* lá que



dança um monte de mulher com mulher, né?” (OLIVEIRA, 2006, p. 75) atestam a referida possibilidade.

Em vista do exposto, hipotetizamos aqui que *há diferenças semânticas no uso do quantificador tudo do século XVI em relação ao do século XXI*: na primeira sincronia, a forma *tudo* seria usada apenas para referente com o traço [-ANIMADO], em concorrência com a forma neutra conservadora *todo*, mas, na segunda sincronia, a forma *tudo* seria empregada para referente com o traço [-ANIMADO] ou [+ANIMADO].

**(b)** Há diferenças discursivas no uso dos quantificadores universais na história da língua portuguesa?

Ancorada no modelo funcionalista de Givón e, igualmente, nas concepções de referencialidade propostas por esse linguista, Oliveira (2006) evidencia, em seu trabalho, um importante aspecto dessa perspectiva teórica que também subsidia nossa pesquisa: “o caráter pragmático [...] das práticas comunicativas cotidianas”, em que ocorre “uma negociação social entre o falante e o ouvinte” (OLIVEIRA, 2006, p. 101-104), tem papel inequívoco no modo como os interlocutores mobilizam os recursos da língua para expressar intenções comunicativas. Em outras palavras, “os fenômenos linguísticos decorrem da interação comunicativa, e desse contexto de uso emanam as motivações para o surgimento de diferentes estruturas linguísticas. O uso é [portanto] fundamental para que se compreendam esses fenômenos” (SANTIAGO, 2016, p. 165).

Pontes (1978), como já vimos, afirma que uma das principais características dos determinantes, nos quais se inclui o quantificador *todo(a)(s)*, diz respeito à tendência de estes precederem o nome no sintagma. Oliveira (2006), por seu turno, fundamentada nos estudos de I. Pinto (1996), verificou maior ocorrência de *tudo* “em contextos nos quais a entidade quantificada não esteja representada no mesmo sintagma” (*ibid.*, p. 24), como ocorre na frase “Os rapazes ali da vila vão *tudo* para lá”, apresentada pela autora.

Em vista do exposto, hipotetizamos aqui que *há diferenças discursivas no uso dos quantificadores universais do século XVI em relação aos do século XXI*: a gramaticalização por que passou a forma de neutro teria oferecido novas possibilidades expressivas, o que levaria a uma modificação dos contextos de uso dessa forma.

Convém assinalar que consideramos que as duas hipóteses de trabalho acima apresentadas são duas facetas de um mesmo processo: a constituição da forma metafonizada

neutra *tudo* teria levado a uma reorganização do sistema de quantificadores universais na língua portuguesa. Entre essas mudanças, constariam a modificação dos traços semânticos associados a essa forma e os seus contextos de uso. Como a forma neutra faz parte de um sistema mais amplo de quantificadores universais (que incluem formas de masculino e feminino bem como de singular e de plural), só é possível entender as mudanças causadas pela forma neutra analisando-a dentro desse sistema mais amplo. As modificações no sistema de quantificadores universais decorreriam das necessidades comunicativas dos falantes de língua portuguesa, necessidades que só podem ser conhecidas através da análise dos contextos de uso das formas em questão.

### 3.3 *CORPORA*

Para a realização deste trabalho, adotou-se, como *corpus* do português europeu do séc. XVI, a obra *Peregrinação* (1614), do explorador português Fernão Mendes Pinto. Os dados foram recolhidos da *editio princeps*, que se encontra disponível na Biblioteca Nacional Digital, domínio pertencente à BNP (Biblioteca Nacional de Portugal). Tal escolha ocorreu em virtude de essa edição reproduzir o texto original, verificando-se, portanto, o grau de fidedignidade desejável para a aferição de fenômenos linguísticos.

Os *corpora* do português brasileiro do séc. XXI, por sua vez, compõem-se de cinco livros do jornalista gaúcho Airton Ortiz, todos publicados pela Editora Record, a saber: *Pelos caminhos do Tibete* (2001), *Expresso para a Índia* (2003), *Egito dos Faraós* (2005), *Vietnã pós-guerra* (2009) e *Jerusalém* (2011). Optou-se por trabalhar com as edições de uma mesma casa editorial, bem como com títulos publicados em um intervalo máximo de dez anos, para evitar que padrões editoriais específicos empregados por diferentes instituições e, igualmente, espaços temporais demasiado longos entre a produção de uma obra e outra interferissem nos resultados da pesquisa.

Com o intuito de contextualizar melhor o conteúdo dos relatos de viagem que compõem nossos *corpora*, nas subseções a seguir, apresentamos algumas informações relevantes sobre as obras e seus respectivos autores.

#### 3.3.1 *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto

Fernão Mendes Pinto, autor e narrador-personagem da obra *Peregrinação*, foi um desbravador português oriundo de família pobre, nascido na vila “Montemor-o-Velho, entre 1509 e 1511 (não se conhecendo rigorosamente a data)” (SOARES; SOARES, 2019, p. 118). Mostra-se interessante sublinhar que esse período se enquadra “pouco depois da descoberta do Caminho Marítimo para a Índia, por Vasco da Gama (1498), da Descoberta do Brasil, por Pedro Álvares Cabral (1500), e da missão oficial de Diogo Lopes de Sequeira (1508), que tinha como objetivo recolher informação sobre a China [...]” (SANTOS, 1988-1989 *apud* SOARES; SOARES, 2019, p. 118).

Ainda na infância, com prováveis dez ou doze anos, Mendes Pinto “foi levado para Lisboa por um tio” (*ibid.*) e, em razão de desventuras de que não se tem conhecimento, precisou fugir da casa daqueles a quem prestava serviço, descritos pelo autor como “hũa senhora de geração assaz nobre, & de parentes assaz illustres” (PINTO, 1614, f. 2). Soares e Soares (2019) descrevem com detalhes os eventos que sucederam esse fato:

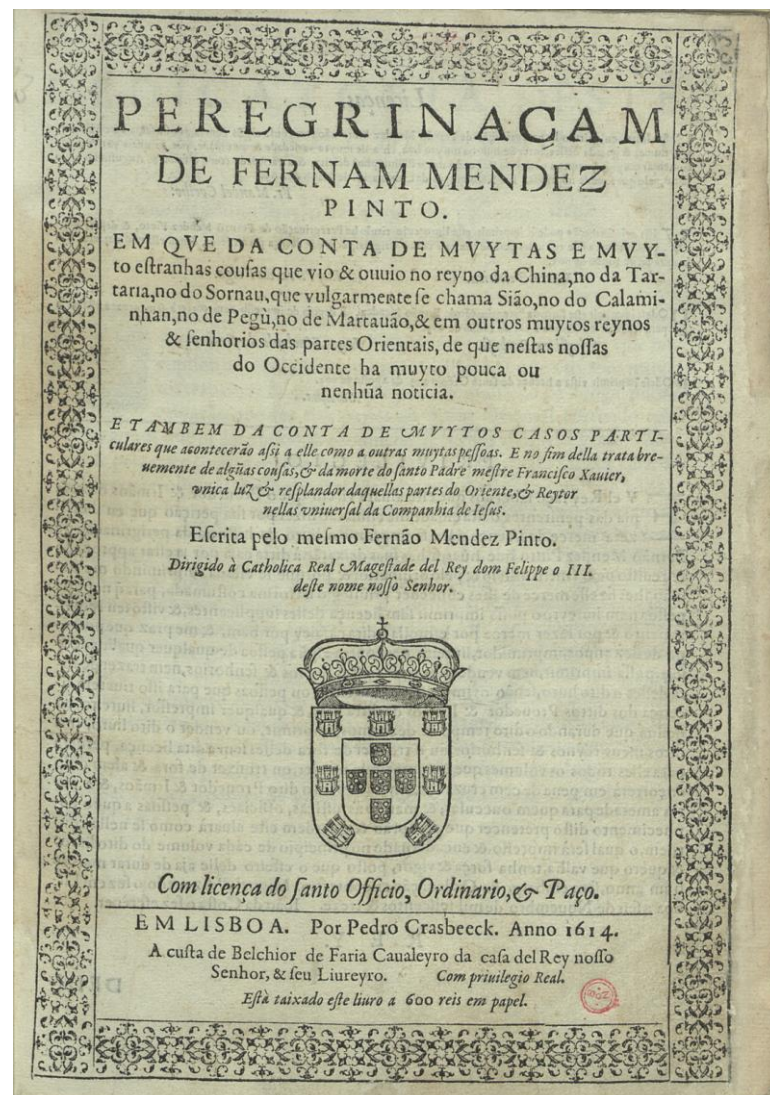
[...] em Alfama, embarcou numa caravela em direção a Setúbal, onde se encontrava D. João III, fugido da peste que alastrava em Lisboa. Mas, essa caravela foi abalroada e fundeada ao largo de Sesimbra por corsários franceses, e Fernão Mendes Pinto ficou pela primeira vez cativo, durante 13 dias, findos os quais ele e a maioria dos cativos foram largados, nus e descalços, na praia de Melidos, em Santiago do Cacém. Nesse local, foram acolhidos pelos habitantes e se recuperaram do estado em que se encontravam. Seguidamente, Fernão Mendes Pinto partiu para Setúbal e aí ficou ao serviço de um fidalgo durante quatro anos e, posteriormente, ao serviço do Mestre de Santiago, como moço de câmara, durante ano e meio. De origem pobre e não garantindo o seu soldo a sua subsistência, partiu para a Índia, a 11 de março de 1537, à procura da fortuna, que não tinha na pátria [...] (SOARES; SOARES, 2019, p. 118-119).

Assim, o embarque para a Índia, ocorrido quando Mendes Pinto se achava com idade superior a 20 anos, marcou o início de sua jornada ultramarina. Em 1553, seu percurso o levou a encontrar o Padre Francisco Xavier, que lhe teria provocado uma impressão tão forte que o motivou “a ingressar na Companhia de Jesus, donde saiu posteriormente por razões que permanecem desconhecidas, nela deixando a maior parte dos seus bens” (BIBLIOTECA NACIONAL, 2004). Em 1558, regressou a Portugal e “estabeleceu-se em Almada, onde [...] obteve uma [...] pensão anual de Filipe II que veio a assegurar a sua sobrevivência” (*ibid.*). Por fim, faleceu a 8 de julho de 1583 nessa mesma cidade.

Mendes Pinto escreveu *Peregrinação* entre 1570 e 1578 com o intuito, conforme declara o próprio autor, de deixar o registro de suas experiências como herança aos seus filhos, ou melhor, às suas filhas, nascidas de seu casamento com Ana Correia de Brito: D. Madalena de Brito e D. Joana de Brito (SERRÃO, 2014, p. 77). Ao longo dos 226 capítulos e

303 fólhos de que se compõe a obra, é narrada a empreitada do desbravador pelas regiões extremas da Ásia. A publicação ocorreu apenas postumamente, em 1614, na tipografia de Pedro Craesbeeck. Reproduzimos, a seguir, a descrição constante da primeira edição de *Peregrinação*, bem como a imagem da folha de rosto.

Peregrinaçam de Fernam Mendez Pinto em que da conta de muytas e muyto estranhas cousas que vio & ouuiu no reyno da China, no da Tartaria, no do Sornau, que vulgarmente se chama Sião, no do Calaminhan, no de Pegù, no de Martauão, & em outros muytos reynos & senhorios das partes Orientais, de que nestas nossas do Occidente ha muyto pouca ou nenhũa noticia. E tambem da conta de muytos casos particulares que acontecerão assi a elle como a outras muytas pessoas. E no fim dela trata breuemente de algũas cousas, & da morte do Santo Padre mestre Francisco Xauier, única luz & resplandor daquellas partes do Oriente; & Reytor nelas uniuersal da Companhia de Iesus. (PINTO, 1614).



**Imagem 1.** Folha de rosto da primeira edição de *Peregrinação*.  
Disponível em: <<https://purl.pt/369/1/ficha-obra-peregrinacam.html>>. Acesso em: 05 out. 2023.

Resumidamente, o célebre título trata dos acontecimentos, reconstituídos com base nas memórias do autor, envolvendo a viagem empreendida por este juntamente de uma variedade de indivíduos, sendo o principal deles o corsário Antonio de Faria, aos recantos longínquos da Ásia, em especial a “Meca, Ormyz, Índia, Birmânia, Cochichina, Sião e até Japão” (PINTO, 1614).

Nesse contexto, uma das particularidades mais importantes da obra é a forma como esta retrata as novidades vivenciadas pelos portugueses nas regiões até então pouco conhecidas. A esse respeito, segundo Soares e Soares (2019):

*A Peregrinação* apresenta ao leitor europeu uma imagem do mundo, das civilizações e da vida quotidiana na Ásia, em meados do século XVI. O mundo oriental, para os Portugueses e outros Europeus, é diferente, novo, desafiador, imprevisto e exótico. Estes aspetos caracterizam a natureza (fauna e flora), as riquezas naturais (abundantes), o clima, a arquitetura das casas e dos templos, os costumes, a religião, o sistema político-administrativo, a justiça, entre outros (SOARES; SOARES, 2019, p. 122).

Ademais, é importante destacar a relevância não só dos elementos religiosos, muito presentes ao longo da narrativa, como também a noção de uma identidade coletiva, que se expressa, no decorrer da obra, na visão que os portugueses têm de seus compatriotas.

Os portugueses, a viver ou a navegar/mercar no oriente, reconhecem-se como membros de uma comunidade e a relação entre eles caracteriza-se pela proteção mútua e entreajuda. O herói, António de Faria, e o narrador, Fernão Mendes Pinto, estabelecem uma aliança empática com os outros portugueses, qualquer que seja a sua posição social ou idade, num enquadramento cognitivo-emocional e comportamental de defesa de Portugal e de espírito de cruzada. Na *Peregrinação*, tudo se passa como se o ato praticado contra os portugueses/cristãos fosse vivido como um ato praticado contra o próprio, enquanto português/cristão, competindo ao herói defender os outros portugueses, Portugal e Deus (Cristão). Pode-se falar, a este nível, de um sentido de *nós*, ancorado nas experiências partilhadas e na memória de um povo (*ibid.*, p. 126, *grifo das autoras*).

A visão do outro, ou seja, dos estrangeiros também se revela um aspecto interessante. Nesse sentido, nota-se a existência de uma projeção bastante negativa daqueles considerados inimigos, sendo estes, sobretudo, “os muçulmanos, os mouros não convertidos ao cristianismo e os cristãos que renegaram a fé” (*ibid.*, p. 130). Identifica-se, em contraparte, a figura dos estrangeiros tomados por amigos, “geralmente os reis locais aliados (árabes, muçulmanos como, por exemplo, o rei de Aarão), o povo local e alguns mercadores (não muçulmanos ou que, sendo muçulmanos, se converteram e seguem o cristianismo)” (*ibid.*, p. 127).

Toda essa impressionante empreitada de Fernão Mendes Pinto durou cerca de 21 anos e, naturalmente, foi marcada não somente por aventuras, como também por desventuras as

mais diversas, entre elas, o fato de o autor ter sido treze vezes cativo e dezessete vezes vendido (PINTO, 1614, f. 1). Haja vista a extensão de sua jornada, não é de surpreender que Mendes Pinto tenha exercido, também, “variadas ocupações. Foi embaixador, comerciante, salteador e pirata, soldado e mercenário” (SOARES; SOARES, 2019, p. 121). Nos dizeres de Loureiro (2014), *Peregrinação* constitui “uma empresa verdadeiramente monumental”, e de fato sua riqueza de detalhes impressiona.

Mendes Pinto propõe-se dar “conta de muytas e muyto estranhas cousas que vio & ouuio”. Ou seja, anuncia desde logo aos seus leitores que estão perante uma compilação de notícias em primeira mão, quer vividas pelo próprio autor, quer recolhidas por este junto de outros testemunhos fidedignos. Esta asserção é complementada logo de seguida por uma outra, onde afirma que pretende também dar “conta de muytos casos particulares que acontecerão assi a ele como a outras muytas pessoas”. Aí estão, logo na abertura da *Peregrinação*, anunciadas as principais fontes a que Fernão Mendes terá recorrido: as suas experiências pessoais, bem como as de muitos dos seus companheiros de *Peregrinação*, em “muytos reynos & senhorios das partes Orientais, de que nestas nossas do Occidente ha muyto pouca ou nenhũa noticia” (LOUREIRO, 2014, p. 11).

Em virtude dessa notória convergência de vozes e, sobretudo, do grau de detalhamento da obra, muito se questiona sobre a fidedignidade dos eventos narrados em *Peregrinação*. Como não é o objetivo desta pesquisa aprofundar tal discussão, limitamo-nos à afirmação de que é indubitável “o valor literário e histórico da obra de Fernão Mendes Pinto” (BIBLIOTECA NACIONAL, 2004).

### 3.3.2 Os relatos de viagem de Airton Ortiz

Airton Ortiz nasceu em 27 de novembro de 1954, na zona rural do município de Rio Pardo (RS), mais especificamente na vila ferroviária de Bexiga. Aos 6 anos, mudou-se com os pais para o município de Candelária (RS) e, depois, aos 10 anos, foi morar com uma madrinha em Cachoeira do Sul para estudar, local onde entrou em contato, pela primeira vez, com o universo jornalístico e literário. Inclusive, com 16 anos, trabalhou na rádio local, integrando a equipe do Plantão Esportivo. Posteriormente, em 1975, mudou-se para Porto Alegre a fim de cursar Jornalismo. Formou-se pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) em 1981 e, mais tarde, fez pós-graduação em Administração na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). No período que se sucedeu, desempenhou seu ofício no Jornal Tchê, de cunho regional, criado por ele e alguns colegas. Com o fechamento do jornal, fundou em 1982 Editora Tchê, a qual, “nos seus 15 anos de existência, [...] publicou cerca de mil títulos e comercializou três milhões de exemplares” (COLETIVA.NET, 2007).

Por fim, em 1997, decidido a se dedicar à escrita de livros e às viagens pelo mundo, Ortiz “encerrou as atividades da editora para atuar como repórter e fotógrafo *freelancer*” (SUPERÁVIT CASEIRO, 2023). A publicação de seu primeiro livro, chamado *Aventura no topo da África*, deu-se em 1999 pela Editora Record. A partir desse período, começou “a publicar uma obra por ano, passando a produzir o que foi chamado de Jornalismo de Aventura” (*ibid.*), em que o narrador é, ao mesmo tempo, repórter e protagonista da reportagem, ficando conhecido, aliás, como o criador dessa modalidade de escrita. “Assim, Ortiz passou a ser referência na produção de narrativas de viagem no Brasil, tornando-se patrono de diversas feiras do livro e jornadas literárias” (*ibid.*). De acordo com informações constantes no quadro da Academia Rio-Grandense de Letras, cuja cadeira 14 é ocupada pelo jornalista, ele ganhou ou foi indicado aos seguintes prêmios:

- Os livros **Na Estrada do Everest** e **Pelos caminhos do Tibete** foram finalistas do Prêmio Açorianos de Literatura.
- **Expresso para a Índia** ganhou o Prêmio Euclides da Cunha, da União Brasileira de Escritores, como o melhor livro de ensaio lançado no Brasil no ano do seu lançamento.
- **Travessia da Amazônia** ganhou o Prêmio Livro do Ano da Associação Gaúcha de Escritores, como melhor livro de não-ficção escrito por um autor gaúcho no ano do seu lançamento. Egito dos faraós foi finalista do mesmo prêmio.
- O livro **Na Trilha da Humanidade** se originou de uma série com 12 reportagens, 24 páginas, publicada no jornal Zero Hora, de Porto Alegre, em 2005. A matéria foi finalista do Prêmio Esso de Jornalismo, a mais importante e tradicional condecoração da mídia brasileira.
- O livro **Em busca do Mundo Maia** se originou de uma série seis reportagens publicadas no Jornal do Povo, de Cachoeira do Sul, onde, em 12 páginas, relata sua expedição à América Central. A matéria, que aborda a extinção da cultura dos maias, ganhou o Prêmio ARI de Jornalismo, o mais tradicional e importante da mídia gaúcha, onde obteve o primeiro lugar na categoria reportagem cultural. (ACADEMIA RIO-GRANDENSE DE LETRAS, 2023).

Atualmente, Ortiz tem, em seu currículo, mais de 15 livros publicados. Seus relatos se caracterizam, sobretudo, por conter descrições detalhadas dos locais visitados, às quais se somam informações sobre aspectos geográficos e contextualizações históricas das respectivas regiões/nações, bem como especificidades culturais sobre os habitantes. Nas obras do autor, é possível encontrar, ainda, fotografias que revelam, mais que pontos turísticos, práticas cotidianas que contribuem tanto para projetar um panorama realístico dos povos retratados quanto para mostrar ao leitor as experiências vividas pelo viajante. Naturalmente, também há, nas narrativas de Ortiz, a descrição dos percalços sofridos. Segundo o próprio autor, em

viagens tão longas e para recantos tão distantes: “As vigarices a que nos expomos [...] são tantas, e tão complexas, que é impossível evitar todas” (ORTIZ, 2005, p. 105).

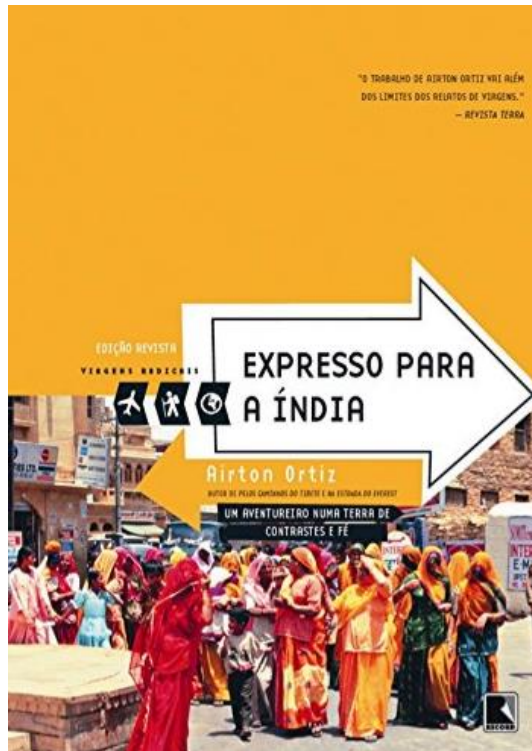
A seguir, apresentamos as capas dos cinco livros de Airton Ortiz que compõem nossos *corpora*, em ordem cronológica de publicação: *Pelos caminhos do Tibete* (2001), *Expresso para a Índia* (2003), *Egito dos Faraós* (2005), *Vietnã pós-guerra* (2009) e *Jerusalém* (2011).



**Imagem 2.** Disponível em: <<https://www.record.com.br/produto/pelos-caminhos-do-tibete/>>.

Acesso em: 09 out. 2023.



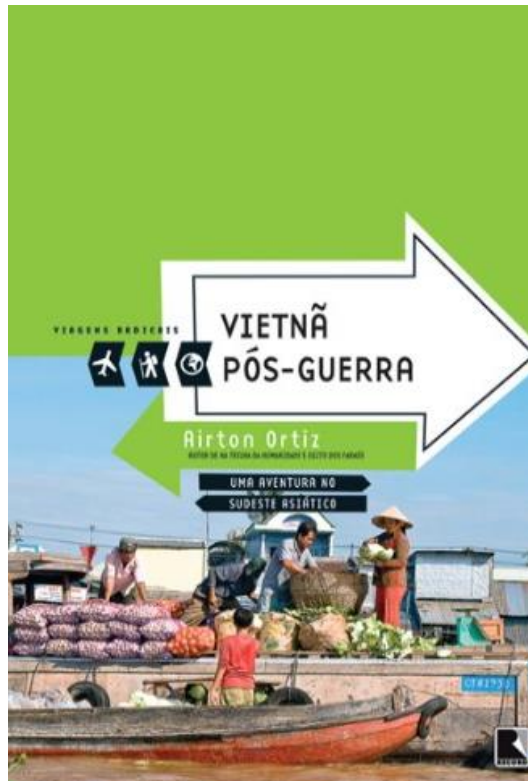


**Imagem 3.** Disponível em: <<https://www.record.com.br/produto/pelos-caminhos-do-tibete/>>.

Acesso em: 09 out. 2023.



**Imagem 4.** Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Egito-Dos-Fara%C3%B3s-Cole%C3%A7%C3%A3o-Radicais/dp/8501073318>>. Acesso em: 09 out. 2023.



**Imagem 5.** Disponível em: <<https://www.record.com.br/produto/pelos-caminhos-do-tibete/>>. Acesso em: 09 out. 2023.



**Imagem 6.** Disponível em: <<https://www.record.com.br/produto/pelos-caminhos-do-tibete/>>. Acesso em: 09 out. 2023.

### 3.4 METODOLOGIA

Nesta pesquisa, trabalhamos com o total de 2.000 ocorrências dos quantificadores *todo(a)(s)* e *tudo*, das quais 1.000 foram recolhidas de *Peregrinação*; e as outras 1.000, dos livros de Airton Ortiz já citados. De início, os dados foram localizados por meio do *software* AntConc, especializado em análise linguística, e depois compilados em um arquivo de Excel. Para a realização desse levantamento, selecionamos a extensão máxima de excertos reportados pela ferramenta de buscas do AntConc, que é de 25 *tokens*, a fim de permitir a visualização das ocorrências de forma contextualizada, procedimento essencial para a análise do funcionamento dos itens em tela. Destacamos, em tempo, que houve casos pontuais nos quais foi preciso recorrer a contextos maiores nos textos para recuperar as entidades referenciadas pelos quantificadores, de modo a propiciar uma classificação precisa.

A análise dos dados considerou aspectos *morfológicos*, *sintáticos*, *semânticos* e *discursivos*.

Do ponto de vista *morfológico*, os quantificadores universais foram classificados levando em conta o número (*singular* × *plural*) e o gênero (*masculino* × *feminino* × *neutro*). A classificação por número levou em conta a ausência do morfema de plural *-s* (= singular: *todo/toda/tudo*) ou sua presença (= plural: *todos/todas*). A classificação por gênero levou em conta a presença de metafonía (= neutro: *tudo*), do morfema de feminino *-a* (= feminino: *toda/todas*) ou simultaneamente a ausência de ambos (= masculino: *todo/todos*).

É necessário fazer uma nota sobre a interpretação adotada aqui para a forma de neutro. No latim, o quantificador possuía formas de singular diferentes para o masculino (*totus*) e o neutro (*totum*) no caso nominativo, mas, no caso acusativo, eram formas homônimas (masc. *totum* / neut. *totum*). Como o caso lexicogênico do português é o acusativo, isso resultou no fato de as formas de singular masculina e neutra serem também homônimas no português arcaico (masc. *todo* / neut. *todo*). Com o surgimento da metafonía, a forma de neutro passou de *todo* para *tudo*. Uma vez que a implementação da forma metafonizada não foi abrupta, houve um estágio em que coexistiram a forma neutra conservadora *todo* e a forma neutra inovadora *tudo*. Como, no português da *Peregrinação*, ainda se constata essa coexistência, foi necessário fixar critérios para diferenciar a forma neutra conservadora *todo* da forma homônima inovadora de masculino singular *todo*. Considerou, então, tratar-se de forma neutra não apenas todas as ocorrências de *tudo* (forma metafonizada) como também as ocorrências de *todo* acompanhando: (a) adjetivo substantivado (*todo o possível*, *todo o necessário*) e (b)

quantificador escalar substantivado (*todo o mais*). É justamente apenas nesses dois contextos que se constata a variação entre *tudo* e *todo*:

- (1) Depois de estarmos dezoito dias neste espirital prouidos de *todo o necessario* muyto abastadamente, prouue a nosso Senhor ã de todo conualecemos. (PINTO, 1614, f. 91, grifos nossos).
- (2) [...] & desembarcando em terra se foy para sua casa, & nos leou consigo, & com ella estiuemos vinte & tres dias muyto bem curados, & prouidos de *tudo o necessario* com muyta abastança. (PINTO, 1614, f. 39, grifos nossos).
- (3) [...] lhe rogou que trabalhasse *todo o possiuel* por lhe mostrar algũ delles, porque lhe affirmaua que o prezaria mais ã se lhe desse todo o tisouro da China [...] (PINTO, 1614, f. 81, grifos nossos).
- (4) [...] se concuryo por parecer dos mais, que os inimigos se não fossem tanto a seu saluo, mas que se trabalhasse *tudo o possiuel* pelos irmos gastãdo com a artilharia ate que fosse menham [...] (PINTO, 1614, f. 4, grifos nossos).
- (5) E dando-lhe caça *todo o mais* que restaua da noite, prouue a nosso Senhor que ja quasi menham ella mesma se rendeo por sy com morte de sessenta & quatro homẽs dos oitenta que nella vinhaõ [...] (PINTO, 1614, f. 4, grifos nossos).
- (6) E *tudo o mais* que restaua do dia & da noite seguinte, se passou com assaz de trabalho, & com boa vigia. (PINTO, 1614, f. 11, grifos nossos).

Nos dados das obras de Ortiz, no entanto, não se constatou nenhum caso de variação das formas *todo* e *tudo* no mesmo contexto, razão pela qual se considerou que houve um processo de reorganização das funções desempenhadas por cada forma, tendo a forma de masculino tomado o lugar da de neutro no contexto de acompanhamento de adjetivo substantivado:

- (7) Nas primeiras semanas ele fez *todo o possível* para seguir a prescrição do pai médico [...] (ORTIZ, 2005, p. 56, grifos nossos).

É possível até mesmo pensar em um caso de conservação da forma de neutro nesse contexto do ponto de vista diacrônico, mas, do ponto de vista sincrônico, a ausência de variação sugere ser simplesmente um uso específico da forma de masculino.

Do ponto de vista *sintático*, os quantificadores universais foram classificados considerando sua posição na frase: (a) *anteposto* ao elemento quantificado; (b) *posposto* ao elemento quantificado; (c) *separado* do elemento quantificado, mas na mesma oração; e (d) *livre*: separado do elemento quantificado e em outra oração ou sem vínculo com algum elemento específico do texto.

Do ponto de vista *semântico*, os quantificadores universais foram classificados com base nos dois valores básicos assinalados por Oliveira (2006, p. 11): (a) *totalidade e/ou intensificação da totalidade do conjunto* ou (b) *totalidade e/ou intensificação da dimensão da substância*. Como assinalado pela autora, um conjunto representa “uma quantidade numerável, ou seja, uma pluralidade divisível em partes descontínuas” e uma substância representa “uma quantidade mensurável, ou seja, uma grandeza divisível em partes contínuas, em uma, duas ou mais dimensões” (*ibid.*). Em face disso, todas as ocorrências de quantificador universal no plural (*todos/todas*) foram consideradas como representando *totalidade e/ou intensificação da totalidade do conjunto*, uma vez que se baseiam na noção de numerável. Além disso, as ocorrências de neutro com valor genérico (sem remissão a referente expresso no texto) também foram consideradas com o mesmo valor, uma vez que se tem como base a noção de pluralidade e não de inteireza, como no caso abaixo:

- (8) [...] responderãõ ã a verdadeyra verdade de toda a verdade era terem & serem auer hum só Deos todo poderoso, o qual assi como *tudo* criara, *tudo* conseruaua [...] (PINTO, 1614, f. 52, grifos nossos).

Neste excerto, a forma neutra *tudo*, em suas duas ocorrências, não remete a referente expresso no texto, mas é evidente tratar-se do conjunto das criações divinas, estando vinculada então à noção de pluralidade e, conseqüentemente, de numerável.

Do ponto de vista *discursivo*, os quantificadores universais foram classificados tomando como referência a matriz de traços de Oliveira (2006). Na tabela abaixo, há um breve resumo dos componentes dessa matriz:

**TABELA 5**  
**Matriz de traços**

Contexto de ligação	Estreito	Alargado				
Relação entre o quantificador e a entidade quantificada	Imediata	Vaga	Dêítica	Fórica direta/fórica indireta		
Subfunções do quantificador	Imediato	Super-genérico	Dêítico	Anafórico	Catafórico	Anafórico e catafórico
Tipos de subfunção	Imediato	N/A	N/A	• Anafórico propriament e dito	• Catafórico propriamente dito	• Ampliador • Ampliador/

				<ul style="list-style-type: none"> <li>• Enfatizador de atributos</li> <li>• Resumitivo</li> <li>• Ampliador</li> <li>• Ampliador/Resumitivo</li> <li>• Ampliador/Planejador verbal</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Resumitivo</li> <li>• Ampliador</li> <li>• Ampliador/Resumitivo</li> </ul>	Resumitivo
--	--	--	--	--	---	------------

Fonte: Adaptado de Oliveira (2006, p. 72).

Quanto à aplicação desse instrumental, sinalizamos o fato de que adotamos três procedimentos importantes:

1. Não foram identificados, em nosso acervo de dados, quantificadores estabelecendo relação dêitica com referenciais externos ao texto, tampouco circunscritos aos tipos ampliador/resumitivo e ampliador/planejador verbal, da subfunção anafórica, ou ampliador/resumitivo, da subfunção catafórica. Portanto, tais componentes da matriz foram desconsiderados.
2. Durante as análises, constatou-se que a movimentação de quantificadores dentro do sintagma, para posição anterior ou posterior ao nome, não ocorre de forma arbitrária. Existem fatores, relacionados à intenção comunicativa, que condicionam tais movimentos. Assim, propusemos a inclusão de dois tipos de imediato à matriz de traços, que denominamos especificador e referencial/resumitivo, para adequada aferição dessas ocorrências. Eles serão descritos, de forma detalhada, no item 4.1.4.3, presente no capítulo 4.
3. Tendo em vista a natureza de nossos dados, há aspectos específicos que levamos em consideração para que a matriz de traços de Oliveira (2006) se tornasse um instrumental de análise igualmente aplicável à modalidade escrita da língua portuguesa: a possibilidade de autor e leitor, além de falante e ouvinte, compartilharem conhecimentos de mundo; a existência de entidades quantificadas não expressas textualmente, embora ainda se caracterizem como endofóricas por serem passíveis de recuperação mediante elementos do enredo; entre outras

características intrínsecas a textos escritos em linguagem padrão. Desse modo, foram promovidas adaptações pontuais em alguns componentes da matriz, mais especificamente nas relações vaga e fórica indireta, bem como no tipo enfatizador de atributos, da subfunção anafórica. Veremos detidamente tais adaptações no capítulo 4.

Ademais, sinalizamos que, em certas ocorrências dos quantificadores universais, constatamos a existência de estruturas gramaticalizadas, as quais totalizam 102 dados (89 do século XVI e 13 do século XXI). Essas estruturas foram tratadas, em razão de sua natureza, como categoria à parte na subseção 4.1.5. Portanto, a quantidade total de ocorrências analisadas nas demais etapas de codificação somam 911 dados recolhidos de *Peregrinação*; e 987 dados, dos relatos de viagem de Airton Ortiz.

Destarte, contemplaram-se os aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e discursivos dos itens em questão, à luz do modelo tipológico-funcional de Givón. Finalmente, os resultados foram apresentados, em números percentuais e absolutos, comparados e discutidos, visando testar as hipóteses formuladas na subseção 3.2.

## CAPÍTULO 4

### OS QUANTIFICADORES UNIVERSAIS SOB A PERSPECTIVA FUNCIONALISTA: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, nos debruçamos ao processo de análise dos dados recolhidos de *Peregrinação*, doravante PIN, e dos relatos de viagem de Airton Ortiz, doravante ORT. Inicialmente, na seção 4.1, realizamos o mapeamento de usos dos itens *todo(a)(s)* e *tudo* de forma pormenorizada. Frisamos que, para melhor contextualização do procedimento de classificação, revisitamos as descrições dos componentes da matriz de traços de Oliveira (2006) e, quando necessário, alinhamos aspectos pontuais a fim de que esse instrumental pudesse contemplar, também, dados da modalidade escrita da língua. Posteriormente, nas considerações finais, voltamos às questões e às hipóteses que nortearam esta pesquisa e, com base nos resultados obtidos, tecemos conclusões com vistas a confirmar ou refutar nossas previsões.

#### 4.1 UM PERCURSO PELO PORTUGUÊS DOS SÉCULOS XVI E XXI: MAPEANDO O FUNCIONAMENTO DOS QUANTIFICADORES, APRESENTANDO PERCENTUAIS, DISCUTINDO RESULTADOS

##### **4.1.1 Aspectos morfológicos: gênero e número**

A primeira classificação pela qual passaram os dados se refere à frequência dos quantificadores segundo gênero e número.

Os dados de PIN e ORT encontram-se discriminados a seguir. Convém lembrarmos o fato de que as 102 ocorrências de locuções gramaticalizadas identificadas em nosso acervo foram tratadas como categoria à parte, sendo analisadas na subseção 4.1.5.



TABELA 6

Ocorrências de quantificadores universais em PIN e ORT por gênero

	Masculino	Feminino	Neutro <sup>27</sup>	Total
<b>PIN (XVI)</b>	516 (56,64%)	288 (31,61%)	107 (11,75%)	911 (100%)
<b>ORT (XXI)</b>	525 (53,19%)	284 (28,77%)	178 (18,03%)	987 (100%)

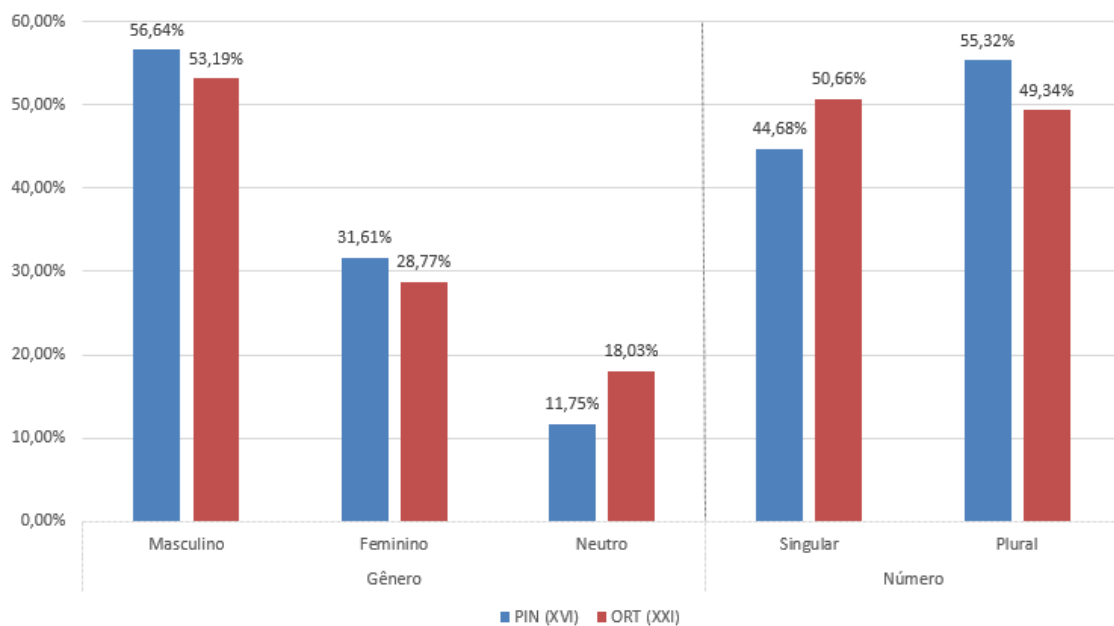
TABELA 7

Ocorrências de quantificadores universais em PIN e ORT por número

	Singular	Plural	Total
<b>PIN (XVI)</b>	407 (44,68%)	504 (55,32%)	911 (100%)
<b>ORT (XXI)</b>	500 (50,66%)	487 (49,34%)	987 (100%)

GRÁFICO 1

Ocorrências de quantificadores universais em PIN e ORT por gênero e número (%)



Como é possível observar na classificação anterior, nos dados de PIN, o emprego do masculino predomina (56,64%), seguido dos usos do feminino (31,61%) e do neutro (11,75%). Quanto ao número, nota-se que o plural é a forma predominante (55,32%) em relação às formas no singular (44,68%).

<sup>27</sup> É pertinente lembrar que foram tratadas como forma neutra não apenas todas as ocorrências de *tudo* (forma metafônica), como também as ocorrências de *todo* acompanhando: (a) adjetivo substantivado (*todo o possível, todo o necessário*) e (b) quantificador escalar substantivado (*todo o mais*).

De modo similar, em ORT, percebe-se que o uso do masculino igualmente predomina (34,75%), estando o feminino, por seu turno, em segundo lugar de frequência (28,77%) seguido do neutro (18,03%).

Em ambas as sincronias, a predominância do quantificador flexionado no masculino se deve ao fato de essa forma ser bastante versátil: pode não somente fazer remissão a referentes animados ou não animados, como também retomar anaforicamente conjunto de antecedentes com gêneros diferentes (já que a forma masculina é a genérica); diferentemente da forma neutra que muito raramente faz remissão a referentes animados.

Quanto à forma neutra *tudo*, nota-se um crescimento de 6,28 p.p. ao longo do tempo. Essa diferença apresenta duas facetas. Por um lado, a estrutura composta de *tudo* acompanhando adjetivo substantivado do séc. XVI (com neutro, portanto) corresponde apenas a *todo* acompanhando adjetivo substantivado do séc. XXI (com masculino, portanto): logo, a forma neutra sofreu esvaziamento nesse contexto. Por outro lado, constata-se um aumento do uso de *tudo* com valor genérico do séc. XVI para o XXI (aspecto que será retomado mais adiante na subseção 4.1.4.2): embora não se trate de uma inovação em termos de valor expresso pelo neutro (pois, no séc. XVI, já existia esse uso), parece tratar-se de uma inovação em termos estilísticos (pois há maior recrutamento do neutro para esse valor).

Também se vê distinção nos dados contemporâneos em relação à variedade pretérita em termos de número, pois, apesar de as formas de singular e plural serem empregadas de maneira equilibrada em cada sincronia, há ocorrências em quantidade ligeiramente maior de formas de plural em PIN e de de singular (50,66%) em ORT.

A manifestação de uma porcentagem maior de plurais em PIN parece dever-se ao fato de a narrativa contar com referências, sobretudo, a um número muito grande de personagens, uma vez que o contexto das Grandes Navegações do séc. XVI envolvia viagens em embarcações com numerosos tripulantes, bem como o contato com pessoas (nativos, mercadores, outros navegantes etc.) as mais diversas.

#### **4.1.2 Aspectos sintáticos: posição na frase**

A segunda classificação a que os dados foram submetidos diz respeito à posição dos quantificadores na frase. Nesse sentido, tais itens podem estar *antepostos*, *pospostos* ou *separados* de um nominal, bem como *livres* em uma frase. Esses aspectos são detalhados nos tópicos que se seguem.

**a. Anteposto:** o quantificador se encontra no mesmo sintagma que a entidade quantificada, posicionado à esquerda desta. Exemplos:

(1) [...] & em chegãdo elles a pouco mais de meyo rio, arremeteraõ a elles dous lagartos muyto grandes, & em muyto pequeno espaço fizerão a cada hum delles em quatro pedaços, ficando *toda a agoa* cheya de sangue [...] (PINTO, 1614, f. 25, grifos nossos).

(2) A Tailândia é a maior produtora mundial de safiras. Quando vou ao Brasil, sempre levo uma pedra. A minha irmã vende e o lucro paga *toda a minha viagem*. (ORTIZ, 2001, p. 43, grifos nossos).

**b. Posposto:** o quantificador se encontra no mesmo sintagma que a entidade quantificada, posicionado à direita desta. Exemplos:

(3) Depois que com assaz de trabalho & risco de nossas vidas nos recolhemos ao junco de Mem Taborda, se gastou *este dia todo* em prantos & lamentações por este triste & desauêturado sucesso [...] (PINTO, 1614, f. 69, grifos nossos).

(4) [...] preferimos adicionar mais uma porção de leite e uma pitada de açúcar e fazer um chá mais suave, que ficamos *o dia todo* bebendo. (ORTIZ, 2001, p. 61, grifos nossos).

**c. Separado:** o quantificador e a entidade quantificada se encontram na mesma oração, mas em sintagmas diferentes ou não contíguos. Exemplos:

(5) E desta maneyra *a armada* do tyranno Achem ficou *toda* em poder do Laque Xemena [...] (PINTO, 1614, f. 33, grifos nossos).

(6) — Olha — falei, para ver se ela baixava a guarda —, *os aviões* estão *todos* no pátio. (ORTIZ, 2003, p. 43, grifos nossos).

**d. Livre:** o quantificador se localiza em uma oração diferente daquela em que se encontra a entidade quantificada ou, ainda, não há entidade nominal expressa no texto, realizando-se a relação fórica de forma indireta, ou seja, a entidade é inferida por meio de um “desencadeador de ligação” (OLIVEIRA, 2006, p. 74). Exemplos (com dados em que não há entidade nominal expressa no texto):

(7) [...] responderaõ que as minas dos metais reseruados à sua coroa, rendião bem quinze mil picos de prata, de que a metade por ley diuina do Senhor que *tudo* criara, era dos pobres que cultiuauão as terras [...] (PINTO, 1614, f. 51-52, grifos nossos).

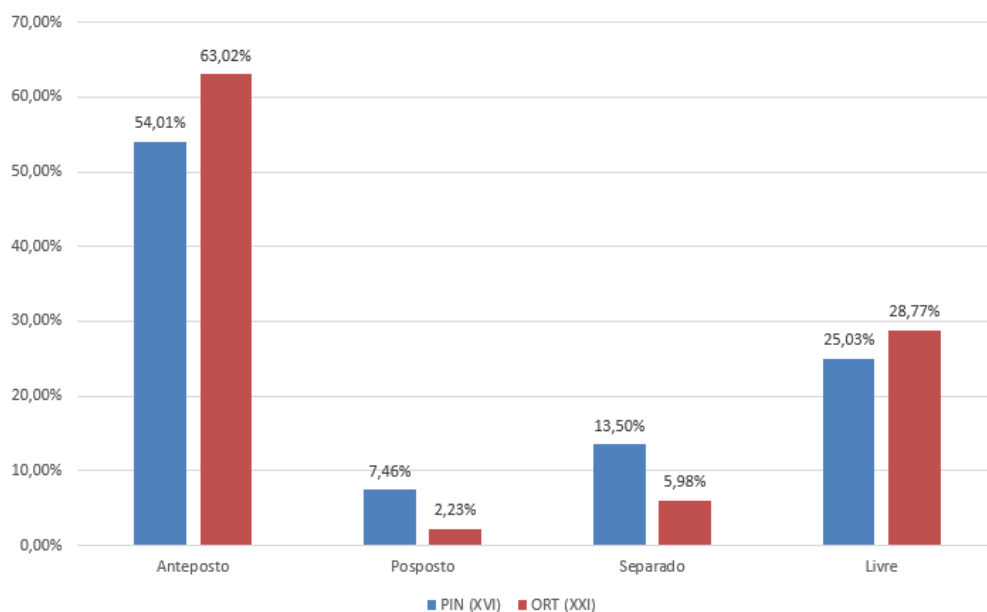
(8) Ao cair da tarde do quarto dia pensei que fosse morrer ali, abandonado, longe de *tudo* e de todos. (ORTIZ, 2001, p. 253, grifos nossos).

A classificação dos dados de PIN e ORT conforme a posição dos quantificadores na frase consta a seguir.

**TABELA 8**  
**Ocorrências de quantificadores universais em PIN e ORT por posição**

	Anteposto	Posposto	Separado	Livre	Total
<b>PIN (XVI)</b>	492 (54,01%)	68 (7,46%)	123 (13,50%)	228 (25,03%)	911 (100%)
<b>ORT (XXI)</b>	622 (63,02%)	22 (2,23%)	59 (5,98%)	284 (28,77%)	987 (100%)

**GRÁFICO 2**  
**Ocorrências de quantificadores universais em PIN e ORT por posição (%)**



Percebe-se que, em ambos os *corpora*, os quantificadores ocorrem, de forma mais expressiva, em posição anteposta à entidade quantificada (54,01% em PIN; 63,02% em ORT). A presença de quantificadores livres representa a segunda em ordem de frequência (25,03% em PIN; 28,77% em ORT). A distinção mais marcante entre os dados do séc. XVI e aqueles do séc. XXI se verifica na presença de quantificadores pospostos e separados da entidade quantificada: enquanto, nos dados do português pretérito, quantificadores separados (13,50%) e pospostos (7,46%) aparecem em percentual relevante, já nos dados do português atual existem poucas ocorrências desses tipos: os quantificadores separados da entidade

quantificada somam apenas 5,98%; já os pospostos quase desaparecem, havendo apenas 2,23%.

Esta classificação funcionou como procedimento preliminar para a divisão das ocorrências em contexto estreito e alargado, uma vez que frases com quantificadores antepostos e pospostos representam a primeira forma de ligação (contexto estreito); e com quantificadores separados da entidade quantificada e livres, a segunda forma (contexto alargado), aspecto que será trabalhado na subseção 4.1.4, referente a aspectos discursivos.

Antes de passarmos à próxima subseção, em que analisamos os aspectos semânticos, é pertinente fazer um cruzamento entre um dos aspectos morfológicos (o de gênero) e o sintático, pois os dados revelam haver certa correlação.

**TABELA 9**

**Ocorrência de quantificadores universais em PIN (XVI) por gênero e posição**

	Anteposto	Posposto	Separado	Livre	Total
<b>Masculino e feminino</b>	430 (53,48%)	68 (8,46%)	123 (15,30%)	183 (22,76%)	804 (100%)
<b>Neutro</b>	62 (57,94%)	—	—	45 (42,06%)	107 (100%)

**TABELA 10**

**Ocorrência de quantificadores universais em ORT (XVI) por gênero e posição**

	Anteposto	Posposto	Separado	Livre	Total
<b>Masculino e feminino</b>	607 (75,03%)	19 (2,35%)	58 (7,17%)	125 (15,45%)	809 (100%)
<b>Neutro</b>	15 (8,43%)	3 (1,69%)	1 (0,56%)	159 (89,33%)	178 (100%)

Como é possível ver nas tabelas acima, a forma neutra possui menor mobilidade, pois, em PIN, nunca ocorre posposta ou separada e, embora chegue, em ORT (XVI), a ocorrer em posição posposta e separado, fá-lo com baixíssima frequência: 1,69% e 0,56%, respectivamente. É curioso, no entanto, que, do séc. XVI para o XXI, houve um aumento notório, manifesto no acréscimo do valor de 47,27 p.p. de quantificadores neutros em posição livre na variedade contemporânea.

A forma *tudo* na posição livre muito raramente se liga, na linguagem escrita formal, a referentes animados ou a nominais que apresentem marcação morfológica (em nossos dados, por exemplo, quase todas as ocorrências da forma neutra ligada a alguma entidade textualmente expressa se verificam em construções como “tudo isto/isso”, “tudo aquilo”, “tudo o mais”, “tudo o que” etc.). Em geral, o quantificador *tudo* se conecta a elementos

muito abrangentes, como a vida e o mundo, ou a informações que não são passíveis de recuperação mediante o conteúdo do texto, como se observa nos exemplos (7) e (8), manifestando, portanto, sentido vago ou genérico. Logo, o aumento em tela parece se dever a questões estilísticas na narrativa de cada autor estudado, como será detalhado a seguir.

Para embasar nossa interpretação de motivações estilísticas, recorreremos aos apontamentos de Barthes (2004). Segundo ele, nas narrativas históricas, o real se converteu a uma referência essencial, posto que “se supõe que relate ‘aquilo que se passou realmente’: que importa então a infuncionalidade de um pormenor, desde que denote ‘aquilo que se deu’; o ‘real concreto’ torna-se justificativa suficiente do dizer” (BARTHES, 2004, p. 188). Portanto, parte relevante dos autores desse tipo de narrativa, na tentativa de demonstrar que o fato relatado realmente aconteceu, de convencer o leitor da veracidade de suas histórias, costuma lançar mão de estratégias descritivas, preenchendo o texto de detalhes minuciosos.

É nesse contexto que se enquadra a narrativa de Fernão Mendes Pinto. Ao longo de *Peregrinação*, percebe-se que uma das características mais notáveis do texto é a minúcia com que o escritor descreve os fatos ocorridos em suas viagens, indicando, por exemplo, quantas pessoas estiveram em determinado local ou quantos objetos foram encontrados no assalto a certa embarcação. Sobre isso, nas palavras de Lourenço (2017):

Como todos os autores conscientes do carácter “inverossímil” de certos acontecimentos – sobretudo os que, como no caso de Mendes Pinto, têm como quadro países, gentes, costumes ainda pouco conhecidos ou desconhecidos na Europa –, Fernão Mendes Pinto pontua o seu texto com as rituais referências de credibilidade em relação às cenas ou peripécias “inacreditáveis” que rememora. Tanta insistência não só se voltará contra ele – como numa certa época fará figura de autor “mentiroso”, por excelência – mas era, por assim dizer, absurda para outra categoria de leitores, aqueles que, precisamente, se deleitavam com o carácter “ficcional” daquilo que lhes era servido como história verdadeira. (LOURENÇO, 2017, p. 14).

Assim sendo, o quantificador neutro em posição livre não se revela, naturalmente, o mais adequado para as intenções de Fernão Mendes Pinto, que buscou a exatidão por meio das formas flexionadas, como se verifica na tabela 9. Por outro lado, nos relatos de viagem de Airton Ortiz, nota-se que o autor, muitas vezes, busca sugerir ao leitor que suas experiências foram mais ricas do que ele é capaz, efetivamente, de evidenciar por meio da escrita, portanto empregar recursos que denotem sentido vago ou genérico se mostra uma estratégia mais desejável para esse fim.

#### 4.1.3 Aspectos semânticos

#### 4.1.3.1 Conjunto e substância

Esta etapa de análise se respaldou na definição semântica de quantificadores proposta por Oliveira (2006), para quem o item *tudo*, especificamente, trata-se de “um modificador em termos de totalidade e/ou intensificação [...] do conjunto ou da totalidade e/ou intensificação da dimensão da substância” (OLIVEIRA, 2006, p. 11). Para abranger adequadamente nosso acervo de dados, tal classificação foi estendida também ao quantificador *todo* e respectivas flexões. A descrição dessa classificação consta nos tópicos que se seguem.

- a. Totalidade e/ou intensificação do conjunto** (doravante TC): a entidade com que o quantificador se combina constitui-se de um “conjunto de indivíduos representados por uma quantidade numerável, ou seja, uma pluralidade divisível em partes descontínuas” (OLIVEIRA, 2006, p. 11). Com isso, tal classificação abrange as formas *todos* e *todas*, no plural, e o item *tudo* nos casos em que este se conecta a elementos no plural ou expressa a ideia de “todas as coisas”. Exemplos:

(9) [...] acompanhado de muytas barças de remo, em que auia muytas trombetas, charamellas, frautas, pifaros, atambores, & outros muytos instrumentos, assi Portugueses, como Chins; de maneyra ã *todas as embarcações* hião cõ suas inuenções diferentes, a qual melhor. (PINTO, 1614, f. 75)

(10) A diferença entre o preço pago pela joia e o valor pelo qual ela foi avaliada no Brasil cobriu *todas as minhas despesas* na Tailândia. (ORTIZ, 2001, p. 45)

- b. Totalidade e/ou intensificação da dimensão da substância** (doravante TS): o elemento sobre o qual recai a quantificação é representado por “uma quantidade mensurável, ou seja, uma grandeza divisível em partes contínuas, em uma, duas ou mais dimensões” (OLIVEIRA, 2006, p. 11). Assim, enquadram-se nessa classificação as formas *todo* e *toda*, no singular, e o item *tudo* quando se refere a qualquer entidade quantificada que tenha o sentido de unidade (leitura diferente, portanto, de “todas as coisas”). Exemplos:

(11) Neste tempo hum sino que estaua no mais alto desta torre como de vigia deu tres pãcadas, ao qual sinal se quietou *o tumulto da gente* ã era muyto grande, & ficãdo *tudo* calado, sahio de dêtro hũ homẽ velho vestido em hũa opa de damasco roxo (PINTO, 1614, f. 76, grifos nossos).

(12) – Até então *o garoto vinha se comportando bem*, mas isso era *tudo* que eu sabia sobre ele. (ORTIZ, 2005, p. 22, grifos nossos).

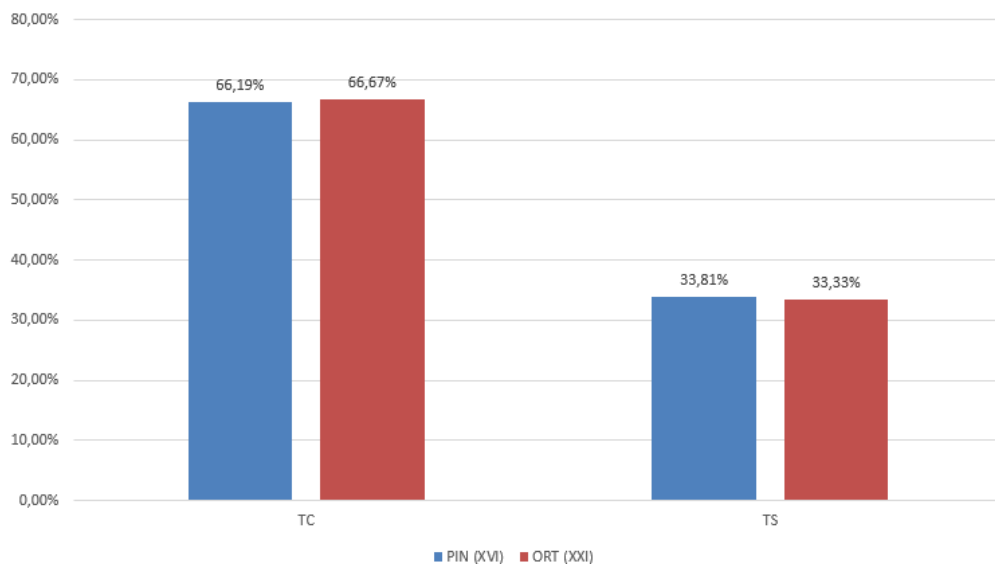
A seguir, encontram-se discriminados os dados de PIN e ORT conforme valores semânticos.

**TABELA 11**  
**Ocorrência de quantificadores universais em PIN e ORT por valor semântico**

	Totalidade e/ou intensificação do conjunto (TC)	Totalidade e/ou intensificação da dimensão da substância (TS)	Total
<b>PIN (XVI)</b>	603 (66,19%)	308 (33,81%)	911 (100%)
<b>ORT (XXI)</b>	658 (66,67%)	329 (33,33%)	987 (100%)

**GRÁFICO 3**

**Ocorrência de quantificadores universais em PIN e ORT por valor semântico (%)**



Como demonstram a tabela e o gráfico acima, a distribuição dos valores semânticos em cada sincronia é praticamente a mesma, com predominância do valor de totalidade e/ou intensificação do conjunto sobre o de totalidade e/ou intensificação da dimensão da substância.

Novamente convém cruzar o aspecto em análise com dois dos aspectos precedentes, a saber: gênero e posição.

Em primeiro lugar, aborda-se a relação entre gênero e valor semântico.



TABELA 12

Ocorrências de quantificadores universais em PIN (XVI) por gênero e por valor semântico

	Masculino	Feminino	Neutro	Total
TC	413 (68,38%)	91 (15,07%)	100 (16,56%)	604 (100%)
TS	103 (33,55%)	197 (64,17%)	7 (2,28%)	307 (100%)

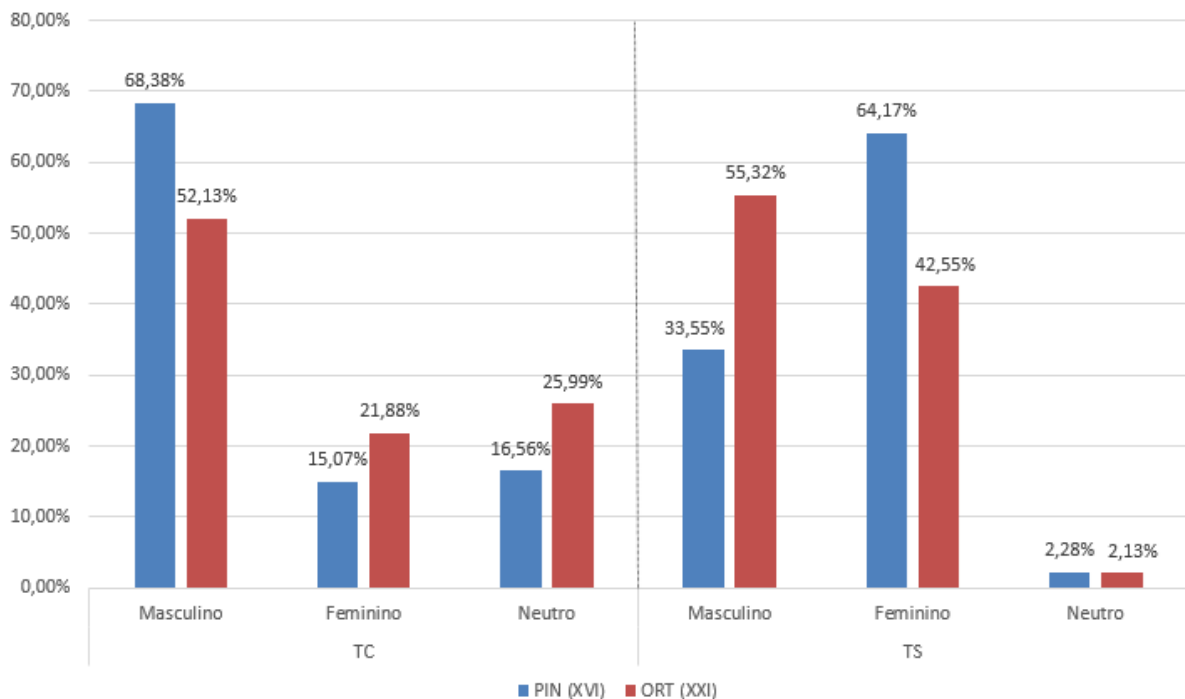
TABELA 13

Ocorrências de quantificadores universais em ORT (XXI) por gênero e por valor semântico

	Masculino	Feminino	Neutro	Total
TC	343 (52,13%)	144 (21,88%)	171 (25,99%)	658 (100%)
TS	182 (55,32%)	140 (42,55%)	7 (2,13%)	329 (100%)

GRÁFICO 4

Ocorrência de quantificadores universais em PIN e ORT por gênero e valor semântico (%)



As tabelas e o gráfico anteriores demonstram que, em relação ao valor TC, predomina a forma masculina em ambas as sincronias (68,38% em PIN; 52,13% em ORT), havendo uma diferença expressiva de usos na variedade pretérita em comparação com a variedade atual. De forma semelhante ao que se observou na subseção 4.1.1, essa predominância provavelmente se deve à versatilidade da forma masculina (sobretudo no plural), que pode retomar anaforicamente conjunto de antecedentes com gêneros diferentes (já que a forma masculina é

a genérica). A prevalência do masculino notadamente em PIN pode ter relação com a natureza da narrativa de *Peregrinação*, a qual conta com um grande número de personagens (geralmente do gênero masculino), visto que se insere no contexto das Grandes Navegações.

Tratando, ainda, do valor TC, percebe-se que os usos, em PIN, da forma feminina (15,07%) e da forma neutra (16,56%) apresentam percentuais equilibrados entre si. Quanto a ORT, o emprego do feminino se manifesta de forma levemente menor (21,88%) em relação não só à forma de neutro na mesma sincronia (25,99%). Como já mencionado na subseção anterior, isso parece acontecer por razões estilísticas, uma vez que, para demonstrar ao leitor a riqueza de suas experiências, Ortiz recorre ao emprego de construções que transmitam sentido vago ou genérico, que é o caso da forma neutra.

Vejam, agora, o valor TS. Como era de se esperar, o número de ocorrências do quantificador neutro referindo-se a elementos no singular é baixíssimo em ambas as sincronias (2,28% em PIN; 2,13% em ORT). Quanto à forma feminina, esta se manifesta, de modo expressivo, na variedade pretérita (64,17%), em comparação com a variedade atual (42,55%). O quadro se inverte ao se focalizar a forma masculina, a qual predomina em ORT, com 55,32%, em cotejo com PIN, que apresenta 33,55%. Uma consulta aos dados nos revela que isso acontece por necessidades particulares de cada narrativa: nos dados de *Peregrinação*, há grande ocorrência de sintagmas como “toda a armada”, “toda a cidade”, “toda a costa”, “toda a gente”, “toda a terra” etc. (com substantivos femininos), que se relacionam ao contexto de exploração e conflitos presente na obra; já nos relatos de viagem de Ortiz, são frequentes sintagmas como “todo o planeta”, “todo o mundo”, “todo o país”, “todo o dia”, “todo o povo” etc. (com substantivos masculinos), que igualmente demonstram o teor da narrativa: retomadas históricas sobre certo local visitado, contextualização de informações antropológicas e geográficas, entre outros.

Em segundo lugar, aborda-se a relação entre posição na frase e valor semântico.

**TABELA 14**

**Ocorrência de quantificadores universais em PIN (XVI) por valor semântico e por posição**

	Anteposto	Posposto	Separado	Livre	Total
TC	257 (42,55%)	46 (7,62%)	83 (13,74%)	218 (36,09%)	604 (100%)
TS	236 (76,87%)	22 (7,17%)	40 (13,03%)	9 (2,93%)	307 (100%)

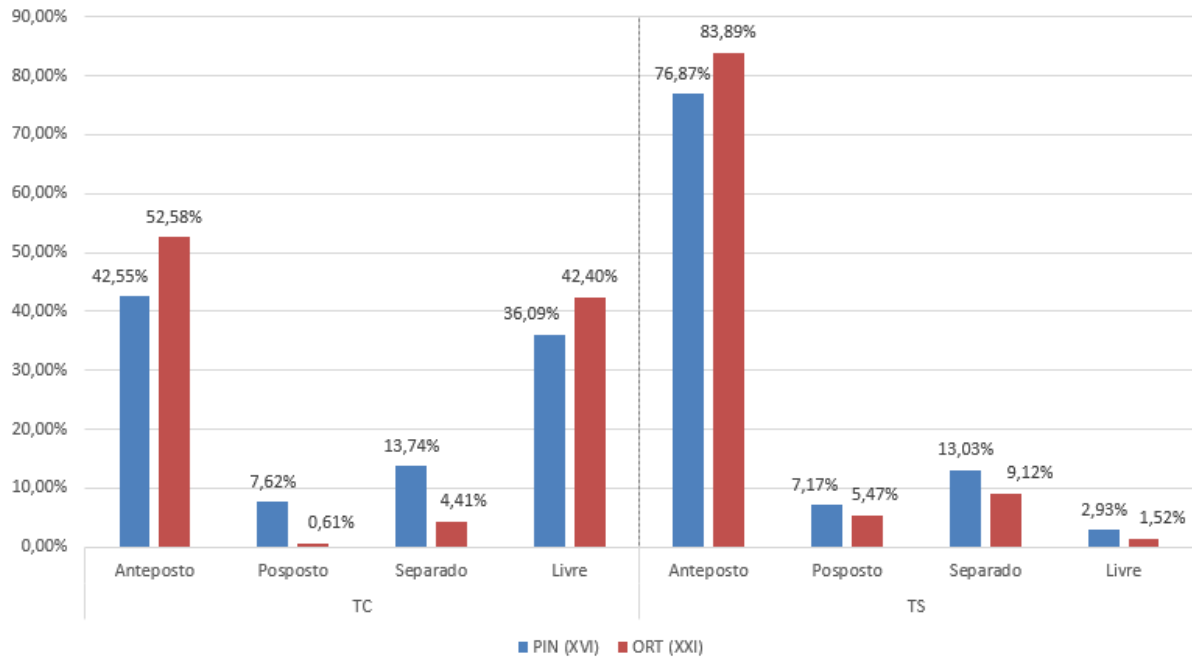
**TABELA 15**

**Ocorrência de quantificadores universais em ORT (XXI) por valor semântico e por posição**

	Anteposto	Posposto	Separado	Livre	Total
<b>TC</b>	346 (52,58%)	4 (0,61%)	29 (4,41%)	279 (42,09%)	658 (100%)
<b>TS</b>	276 (83,89%)	18 (5,47%)	30 (9,12%)	5 (1,52%)	329 (100%)

### GRÁFICO 5

#### Ocorrência de quantificadores universais em PIN e ORT por valor semântico e por posição (%)



Com relação aos dados com valor TC, há maior ocorrência de quantificadores antepostos em PIN e ORT: 42,55% e 52,58%, respectivamente, representando este último resultado um aumento significativo, no português contemporâneo, de quantificadores com as características focalizadas (em posição anteposta e com valor de totalidade e/ou intensificação do conjunto). A segunda maior ocorrência de quantificadores com valor TC se verifica naqueles em posição livre (36,09% no português pretérito; 42,40% no português atual). Ainda quanto ao valor TC, também há distinções relevantes entre sincronias nas ocorrências de quantificadores pospostos e separados da entidade quantificada. Os dados desses dois tipos tem certa expressão em PIN, com 7,87% e 13,74%, respectivamente, ao passo que as suas ocorrências com valor TC em ORT mostram-se notoriamente reduzidas: 0,61% de quantificadores pospostos e 4,41% de quantificadores separados do elemento ao qual se ligam.

No tocante aos dados com valor TS, em ambas as variedades, predominam quantificadores em posição anteposta à entidade quantificada (76,87% em PIN; 83,89% em

ORT). A presença de itens nas demais posições (posposto, separado e livre) manifesta-se em baixas porcentagens nas variedades tanto pretérita quanto atual.

Vê-se que a discrepância mais evidente entre TC e TS, em termos de posição, diz respeito à existência de uma porcentagem muito maior de quantificadores em posição livre em TC (36,09% em PIN; 42,40% em ORT) do que em TS (2,93% em PIN; 1,52% em ORT).

Examinando os dados, é possível perceber que essa discrepância se deve à especificidade dos valores de TC e TS. No caso de TC, a posição livre é ocupada pelos quantificadores universais prioritariamente quando se deseja fazer (a) referência a conjuntos já mencionados (sejam entidades textualmente expressas, sejam desencadeadores de ligação) em outra oração ou (b) referência genérica (sem entidade textualmente expressa), em geral com o sentido de “todas as coisas”. Em ambos os casos, o fato de o quantificador estar em posição livre não compromete a adequada interpretação da referência, porque o falante procurará as entidades que formam conjunto na oração anterior (no caso de referência a conjuntos) ou, ao não as encontrar, entenderá que se trata de referência genérica (sem entidade textualmente expressa). De maneira contrária, no caso de TS, a posição livre é ocupada pelos quantificadores universais essencialmente quando se deseja fazer referência a evento (entidade não subdivisível em elementos individuais). Assim, o fato de o antecedente a que o quantificador faz referência não serem entidades que formam elementos de conjunto tornaria a interpretação da referência mais complexa e suscetível a dúvida se esse quantificador está em posição livre, razão pela qual se evitaria usar essa posição nesse caso. Como exemplo para essas diferenças, vejamos os dados abaixo:

(13) [...] & se achou nella *seda, retrós, citins, damascos, & tres boyoës grandes de almiscar, & tudo* foy aualiado em quatro mil cruzados, ... (PINTO, 1614, f. 58-59, grifos nossos).

(14) [...] não estás errado nisso que dizes, porque se es mercador, como pareces, crè que em *tudo* se te farà aquy muyta honra, pelo qual seguramente podes dormir teu sono descansado, sem te arreceares de nenhũa cousa. (PINTO, 1614, f. 52, grifo nosso).

(15) Eu não queria perguntar, poderia precipitar as coisas. No momento *estávamos sendo transportados com segurança*, e isso era *tudo*. (ORTIZ, 2005, p. 187, grifos nossos).

No primeiro dado, o quantificador *tudo* se refere a *seda, retrós, citins, damascos, & tres boyoës grandes de almiscar*, elementos que estão em outra oração; no segundo, o mesmo quantificador não remete a nenhuma entidade textualmente expressa; e, no terceiro, o quantificador em questão se refere, por intermédio do demonstrativo *isso*, a *estávamos sendo transportados com segurança*, evento descrito em outra oração. Em síntese, o fato de a

entidade referida no caso do valor TS não serem elementos discretamente expressos através de um ou mais sintagmas nominais, como no caso de TC, deve aumentar a dificuldade de recuperação desse antecedente no processo de anáfora e por isso se evitaria colocar o quantificador universal em posição livre nesse caso.

#### 4.1.3.2 *Tudo*: [-ANIMADO] ou [+ANIMADO]?

Tanto em PIN quanto em ORT, 99% dos usos de *tudo* expressam o traço [-ANIMADO], posto que se referem a objetos ou a outros elementos destituídos de animacidade. Os excertos (16) e (17), a seguir, foram retirados de PIN, enquanto (18) e (19) foram extraídos de ORT. Por meio do emprego do quantificador singular neutro nos contextos em questão, pode-se observar a característica mencionada:

- (16) E mandando-lhe Antonio de Faria dar obra de *tres ou quatro couados de tafetã da peça que lhe tinhaõ mostrado, & seis porcellanas*, elle tomou *tudo* com muyto alvoroço [...] (PINTO, 1614, f. 82, grifos nossos).
- (17) nós lhe contamos então *tudo o como passara*, mas que não conheceramos que gente era a que nos fizera aquillo, nẽ sabiamos a rezão porque no lo fizera. (PINTO, 1614, f. 39, grifos nossos).
- (18) Vestiam cinzentos *gorros de pele de raposa cobrindo as orelhas, fivelas de prata, casacos de pele de carneiro e pesadas botas de couro*, *tudo* muito sujo. (ORTIZ, 2001, p. 194, grifos nossos).
- (19) Os guardas vermelhos saíram em marcha para destruir *tudo que lembrasse a antiga cultura não comunista*, chegando mesmo a derrubar parte da Grande Muralha, o maior símbolo do país. (ORTIZ, 2001, p. 112, grifos nossos).

Dentre as 285 ocorrências em que figura a forma neutra (107 em PIN; 178 em ORT), apenas duas (uma de cada sincronia) se vincula a seres animados, quais sejam:

- (20) [...] nas quais sete embarcações trazia *quinhentos homens, de que os cento & cinquenta eraõ Mouros Lusoês, & Borneos, & Iaos, & Champaas*, *tudo* gente da outra costa do Malaya [...] (PINTO, 1614, f. 62, grifos nossos).
- (21) [...] *ativistas do Sri Lanka* protestavam contra o governo de seu país. *Pessoas* se bronzeavam nas calçadas, *jovens* fumavam maconha nos cafés. Ferreira fotografava *tudo* que se mexesse. Amsterdã era uma festa. (ORTIZ, 2009, p. 12, grifos nossos).

Na frase (20), o quantificador, além de fazer referência aos tripulantes das sete embarcações segundo suas origens (“Mouros Lusoês, & Borneos, & Iaos, & Champaas”),

desempenhando função anafórica, trata de forma uma esse grupo de pessoas de maneira explícita (“*tudo* gente da outra costa do Malayo”). Nesse caso temos, portanto, um quantificador com traço [+ANIMADO].

Já na frase (21), é possível perceber, mediante contexto tão diverso (ativistas envolvidos em protestos, pessoas se bronzendo nas calçadas, jovens fumando maconha), que o foco do personagem, ao tirar as fotos, eram os indivíduos presentes no ambiente pelo qual circulava (“fotografava *tudo* que se mexesse”), considerados dignos de nota por parte do fotógrafo<sup>28</sup>. Assim, mais uma vez, identificamos um caso em que *tudo* possui como referentes elementos animados e, por conseguinte, apresenta traço [+ANIMADO].

É oportuno pontuar que, diferentemente da modalidade em estudo, no português falado moderno, o uso de neutro com elementos animados tem se mostrado bastante produtivo, como Oliveira (2006) demonstra no decorrer de sua pesquisa. Nesse sentido, percebe-se que tal fenômeno, hoje tido como corriqueiro na variedade brasileira falada informal, conta com raízes do português do séc. XVI, como revela o exemplo (20). Segundo C. Cunha (1986, p. 203), “a variante brasileira do idioma continua a apresentar características que, tendo sido também da variante portuguesa, no século XVI ou, ainda, no século XVII, posteriormente nela se perderam”.

#### 4.1.4 Aspectos discursivos

##### 4.1.4.1 Contextos de ligação: estreito ou alargado

Nesta etapa, os dados foram classificados conforme o contexto de ligação dos quantificadores universais com a entidade quantificada. A descrição dessa codificação pode ser conferida a seguir.

- a. Estreito:** quando o quantificador se encontra no mesmo sintagma que a representação da entidade quantificada, podendo ocupar uma posição à sua esquerda (anteposto) ou à sua direita (posposto). Exemplos (com anteposição):

(22) [...] & em chegãdo elles a pouco mais de meyo rio, arremeteraõ a elles dous lagartos muyto grandes, & em muyto pequeno espaço fizerão a cada hum delles em quatro

---

<sup>28</sup> Uma leitura alternativa seria a de que *tudo* constitui uma forma ampliadora, por abarcar não só o que foi dito, como também outros possíveis elementos nas proximidades que se mexessem, como veículos etc.

pedaços, ficando *toda a agoa* cheia de sangue [...] (PINTO, 1614, f. 25, grifos nossos).

- (23) A Tailândia é a maior produtora mundial de safiras. Quando vou ao Brasil, sempre levo uma pedra. A minha irmã vende e o lucro paga *toda a minha viagem*. (ORTIZ, 2001, p. 43, grifos nossos).

**b. Alargado:** quando o quantificador se liga a um nome ou a um desencadear de ligação presente em outro sintagma (posição separada) ou até mesmo em outra oração (posição livre). Exemplos (em posição separada):

- (24) *Esta frota* chegou *toda* a saluamêto ao rio de Puneticão, onde então el Rey de Aarù estaua fortificando a tranqueyra [...] (PINTO, 1614, f. 27, grifos nossos).

- (25) O Davi histórico, rei ou João-ninguém, não pode ofuscar o Davi cultural, um dos pilares da tradição ocidental. *Essa história*, sim, ninguém contesta, está *toda* documentada. (ORTIZ, 2011, p. 61, grifos nossos).

Abaixo, encontram-se discriminadas as ocorrências dos quantificadores conforme o contexto de ligação.

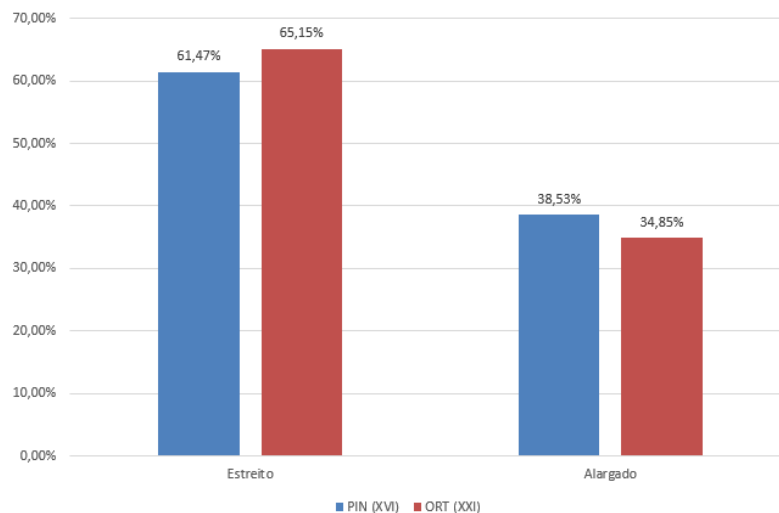
**TABELA 16**

**Ocorrência de quantificadores universais em PIN e ORT conforme contexto de ligação**

	Contexto estreito	Contexto alargado	Total
<b>PIN (XVI)</b>	560 (61,47%)	351 (38,53%)	911 (100%)
<b>ORT (XXI)</b>	643 (65,15%)	344 (34,85%)	987 (100%)

**GRÁFICO 6**

**Ocorrência de quantificadores universais em PIN e ORT conforme contexto de ligação (%)**



Como se pode observar na tabela e no gráfico, nos dados tanto de PIN quanto de ORT, as ocorrências de contexto estreito predominam: 61,47% e 65,15%, respectivamente.

Nessa etapa, mostra-se pertinente realizar, também, um cruzamento entre um dos aspectos morfológicos (o de gênero) e o contexto de ligação, pois os dados revelam haver certa correlação.

**TABELA 17**

**Ocorrência de quantificadores universais em PIN (XVI) conforme contexto de ligação**

	Contexto estreito	Contexto alargado	Total
<b>Masculino e feminino</b>	498 (61,94%)	306 (38,06%)	804 (100%)
<b>Neutro</b>	62 (57,94%)	45 (42,06%)	107 (100%)

**TABELA 18**

**Ocorrência de quantificadores universais em ORT (XVI) conforme contexto de ligação**

	Contexto estreito	Contexto alargado	Total
<b>Masculino e feminino</b>	625 (77,26%)	184 (22,74%)	809 (100%)
<b>Neutro</b>	18 (10,11%)	160 (89,89%)	178 (100%)

Como indicam as tabelas anteriores, os quantificadores flexionados no masculino e no feminino se localizam, majoritariamente, em contexto estreito, manifestando-se esse fenômeno nos percentuais de 61,94% em PIN e 77,26% em ORT. Isso provavelmente se deve ao fato de, segundo demonstra Pontes (1978), tais formas tenderem a integrar o sintagma nominal e, portanto, ocupar posição imediata em relação ao nome.

O quantificador neutro, por seu turno, também predominou em contexto estreito nos dados de PIN, com 57,94%. Já nos dados de ORT, esse item ocorre, com frequência expressivamente maior, em contexto alargado, como evidencia o percentual de 89,89%. Conforme já visto na subseção 4.1.2, a forma neutra<sup>29</sup> costuma ocorrer na posição livre (aqui encaixada dentro do contexto alargado) em virtude de muito raramente se ligar, na linguagem escrita formal, a referentes animados ou a nominais que apresentem marcação morfológica.

Em todo caso, não deixa de ser curiosa a presença dessas 62 ocorrências do quantificador neutro em contexto estreito nos dados do português pretérito. Tal fator parece se

<sup>29</sup> Novamente lembramos que, nessa classificação, também consideramos a forma *todo* nos casos em que esta funciona como quantificador neutro.



justificar devido a algumas construções muito recorrentes em *Peregrinação*, a exemplo de *tudo isto* (5 dados), *tudo o mais/todo o mais* (10 dados), *tudo o necessario/todo o necessário* (9 dados), *tudo o possiuel/todo o possiuel* (5 dados) e *tudo o que* (25 dados). Construções de outros tipos são bastante pontuais (8 dados).

#### 4.1.4.2 Relação entre quantificador e entidade quantificada: imediata, vaga e fórica (direta e indireta)

Primeiramente, apresentamos a descrição da relação imediata, a qual se insere no *contexto estreito*.

- a. Imediata:** trata-se da única relação identificada por Oliveira (2006) no contexto estreito. O quantificador e a entidade quantificada se localizam no mesmo sintagma e, portanto, mantêm relação imediata. Exemplo:

(26) [...] & em chegãdo elles a pouco mais de meyo rio, arremeteraõ a elles dous lagartos muyto grandes, & em muyto pequeno espaço fizerão a cada hum delles em quatro pedaços, ficando *toda a agoa* cheya de sangue [...] (PINTO, 1614, f. 25, grifos nossos).

(27) A Tailândia é a maior produtora mundial de safiras. Quando vou ao Brasil, sempre levo uma pedra. A minha irmã vende e o lucro paga *toda a minha viagem*. (ORTIZ, 2001, p. 43, grifos nossos).

Segundamente, apresentamos as ocorrências enquadradas no *contexto alargado*, a fim de verificar como as relações entre quantificador e entidade quantificada se manifestam percentualmente. Essa classificação abrange as relações vaga e fórica, esta que pode se dividir em fórica direta e fórica indireta. Esses conceitos foram detalhados nos tópicos que se seguem. Em tempo, lembramos que a relação dêitica não foi incluída neste trabalho por não haver, em nossos *corpora*, dados que se enquadrassem nesse componente da matriz de traços.

- b. Relação vaga:** Oliveira (2006) descreve essa relação como aquela em que o quantificador e a entidade quantificada estabelecem conexão pragmática, de forma que o conhecimento de mundo compartilhado por falante e ouvinte é acionado. Ainda segundo a autora, a entidade remete a elementos muito abrangentes, como a vida e o mundo (OLIVEIRA, 2006, p. 73). Tendo em vista que estamos lidando,

neste trabalho, com dados circunscritos na modalidade escrita da língua, em lugar de falante e ouvinte, temos autor e leitor como os indivíduos que compartilham conhecimentos de mundo, o qual se torna necessário para que o sentido de determinados conteúdos seja plenamente compreendido. Isso porque, muitas vezes, há informações muito genéricas ou abrangentes que não podem ser recuperadas mediante o contexto do enredo, sendo preciso que o leitor acione conhecimentos externos para preencher lacunas. Portanto, a fim de que a matriz de traços pudesse contemplar, também, dados da modalidade escrita, consideramos que a relação vaga, além dos aspectos considerados por Oliveira (2006), refere-se igualmente a todas aquelas informações genéricas ou demasiado abrangentes que requisitam do leitor um conhecimento de mundo que extrapole o conteúdo lido para que sejam adequadamente interpretadas/compreendidas. Exemplos:

(28) E lhe trouxe tambem por escrito a informação da ilha do ouro, que me elle muyto encomendara, a qual, segundo *todos* dizem, jaz ao mar deste rio de Calandor em cinco graos da parte do Sul, cercada de muytos baixos, & de grandes correntes [...] (PINTO, 1614, f. 21, grifos nossos).

(29) Jerusalém é uma cidade envolvente, acontece de *tudo* ao mesmo tempo. (ORTIZ, 2011, p. 64, grifos nossos).

No excerto (28), o narrador menciona a existência da ilha do ouro, que, segundo todos dizem, localiza-se em um ponto específico em relação à sua posição geográfica. Por meio apenas do conteúdo presente na narrativa, não é possível recuperar a informação de quem seriam esses indivíduos que conhecem a localização da ilha. Cabe ao leitor, então, inferir que o elemento ao qual “todos” remete provavelmente são outros viajantes ou conhecedores daquele lugar do mundo em específico. Em todo caso, trata-se de uma informação genérica que não está disponível de forma explícita no texto nem pode ser recuperada no contexto narrativo.

Raciocínio semelhante se aplica ao exemplo (29). O narrador, que está em viagem por Jerusalém, afirma que a cidade é palco de inúmeros acontecimentos simultâneos. No entanto, esses acontecimentos não são mencionados explicitamente no trecho em questão, tampouco é possível recuperá-los em outras partes da narrativa, o que torna o conteúdo textual insuficiente/lacunar. Desse modo, novamente recai sobre o leitor a tarefa de fazer inferências. É de

conhecimento geral que Jerusalém é um ponto turístico importante por questões tanto históricas quanto religiosas (uma breve busca no Google informa que a cidade é considerada sagrada por cristãos, judeus e muçulmanos), o que naturalmente atrai turistas os mais diversos, de diferentes lugares do mundo. Essa confluência de pessoas transitando por um mesmo espaço, como é de se imaginar, gera uma grande variedade de situações ao mesmo tempo, que podem ir desde eventos turísticos corriqueiros a momentos inusitados envolvendo, sobretudo, estrangeiros, como prováveis dificuldades com o comércio ou as dinâmicas locais. Assim, constata-se que o quantificador “tudo” remete a um elemento abrangente que extrapola a narrativa.

- c. Relação fórica:** subdivide-se em relação fórica *direta* e *indireta*. Nessa variável, a ligação entre o quantificador e a entidade quantificada pode ocorrer das formas descritas a seguir:

(i) *Fórica direta:* dá-se por meio de algum elemento textual, que designa a entidade no discurso. Exemplos:

(30) *Esta frota* chegou *toda* a saluamêto ao rio de Puneticão, onde então el Rey de Aarù estaua fortificando a tranqueyra [...] (PINTO, 1614, f. 27, grifos nossos).

(31) O Davi histórico, rei ou João-ninguém, não pode ofuscar o Davi cultural, um dos pilares da tradição ocidental. *Essa história*, sim, ninguém contesta, está *toda* documentada. (ORTIZ, 2011, p. 61, grifos nossos).

(ii) *Fórica indireta:* dá-se por meio de um *desencadeador*, que “pode ser uma palavra, um sintagma ou construções maiores” (OLIVEIRA, 2006, p. 74) e que leva o interlocutor a inferir, pragmaticamente, a entidade quantificada. Nas frases (32) e (33), por exemplo, não há um nominal que represente a entidade quantificada. Os desencadeadores de ligação são as formas verbais “ficamos” e “exclamamos”. A desinência na primeira pessoa do plural nos indica que os narradores se referem a um sujeito “nós”.

(32) Assaz suspêsos & pasmados *ficamos todos* co ã ouuimos a este homẽ, vendo o triste & miserauel estado a que chegarão elle & seus cõpanheyros [...] (PINTO, 1614, f. 34, grifos nossos).

- (33) Oh! – *exclamamos todos*, decepcionados. (ORTIZ, 2001, p. 192, grifos nossos).

Também identificamos, em nossos dados, a possibilidade de o elemento quantificado ser recuperado com base em informações constantes na própria narrativa. Tratando em detalhes, os quantificadores universais, nesse caso, não estabelecem relação com um desencadeador de ligação textualmente expreso, tampouco com elementos extratextuais estabelecidos exoforicamente, tal como acontece na relação dêitica descrita por Oliveira (2006). A ligação é endofórica, posto que a quantificação atua sobre uma entidade que pode ser inferida contextualmente na narrativa, seja porque existem elementos referidos em outros momentos do enredo capazes, ainda que indiretamente, de preencher a lacuna informativa, seja em razão de haver uma apresentação de tempo, espaço e personagens que permite que se estabeleça uma conexão entre ideias. Exemplos:

- (34) Neste mesmo tempo os outros quatro juncos fizeram também sinal como se se perdissem, a que Antonio de Faria, pondo os olhos no Ceo, & apertando as mãos, disse alto, *que todos* o ouvirão [...] (PINTO, 1614, f. 68, grifos nossos).
- (35) Começou a chover e a conversa foi interrompida pelo rápido desenrolar das cortinas laterais do barco. *Todos* ajudaram, e logo estávamos protegidos dos grossos pingos da súbita torrente tropical. (ORTIZ, 2009, p. 62, grifos nossos).

No excerto (34), é descrito o instante em que o personagem Antonio de Faria fez uma oração, entoando-a tão alto que foi amplamente ouvido. No trecho em tela, o elemento ao qual o quantificador *todos* se liga não está expreso textualmente. Por outro lado, não se trata de uma informação genérica ou abrangente, que exige a recuperação de conhecimentos de mundo externos, pois ela pode ser recuperada mediante o contexto da narrativa, que descreve a passagem da embarcação em que Antonio Faria se encontrava por uma região chamada Liampó. Depreende-se, dessa forma, que o personagem foi ouvido pela tripulação e demais indivíduos que o acompanhavam.

Exercício semelhante pode ser aplicado ao exemplo (35). No excerto, o narrador-personagem descreve que, por ocasião da chuva, houve um movimento de trabalho em grupo para lidar com as cortinas do barco e, assim,

proteger seu interior da intempérie. Também aqui, o elemento ao qual o quantificador *todos* se liga não está expresso textualmente. Ainda assim, pode-se recuperar essa informação pelo contexto, pois o narrador-personagem se encontra em viagem num barco com outros passageiros.

A seguir, encontram-se discriminados os dados de cada um dos tipos de relação.

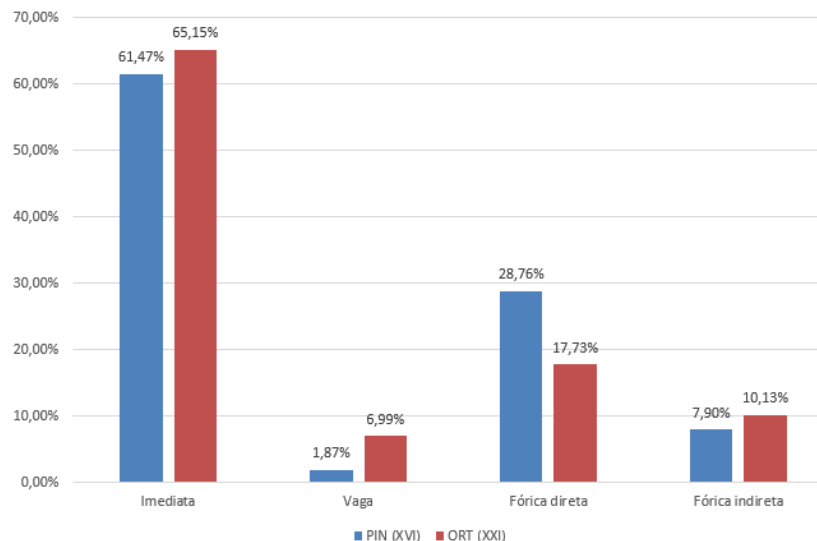
**TABELA 19**

**Ocorrências em PIN e ORT conforme relação entre quantificador e entidade quantificada**

	Estreito		Alargado		Total
	Imediata	Vaga	Fórica		
			Direta	Indireta	
<b>PIN (XVI)</b>	560 (61,47%)	17 (1,87%)	262 (28,76%)	72 (7,90%)	911 (100%)
<b>ORT (XXI)</b>	643 (65,15%)	69 (6,99%)	175 (17,73%)	100 (10,13%)	987 (100%)

**GRÁFICO 7**

**Ocorrências em PIN e ORT conforme relação entre quantificador e entidade quantificada (%)**



Em ambas as variedades do português, percebe-se que a relação imediata figura como a mais recorrente (61,47% em PIN; 65,15% em ORT), fato já esperado em virtude das conclusões a que chegamos durante o estudo das ocorrências segundo contexto de ligação, em que predominou o contexto estreito. A relação fórica direta é a segunda mais recorrente nas sincronias tanto pretérita quanto atual (28,76% em PIN; 17,73% em ORT).

Ademais, cabe sublinhar o aumento na frequência de relações do tipo fórica indireto e vago na variedade do séc. XXI (10,13% e 6,99%, respectivamente) em comparação com a variedade do séc. XVI (7,90% e 1,87%, respectivamente). Como revelaram as análises da subseção 4.1.2, esse aumento tem caráter estilístico: enquanto Fernão Mendes Pinto busca tecer uma narrativa minuciosa e com informações precisas, caracterizada pela quantificação de entidades textualmente expressas (vide maior porcentagem das relações imediata e fórica direta), Airton Ortiz tende a uma escrita que fuja a tal precisão para demonstrar a riqueza de suas experiências, daí a preferência por entidades não manifestas no texto (vide maior porcentagem das relações vaga e fórica indireta).

Na segunda etapa desta análise, realizou-se o cruzamento dos dados segundo a relação entre quantificador/entidade quantificada e o gênero.

TABELA 20

**Dados de PIN (XVI): ocorrências conforme relação entre quantificador e entidade quantificada**

	Estreito		Alargado		Total
	Imediata	Vaga	Fórica		
			Direta	Indireta	
<b>Masculino e feminino</b>	498 (61,94%)	8 (1%)	244 (30,35%)	54 (6,72%)	804 (100%)
<b>Neutro</b>	62 (57,94%)	9 (8,41%)	18 (16,82%)	18 (16,82%)	107 (100%)

TABELA 21

**Dados de ORT (XXI): ocorrências conforme relação entre quantificador e entidade quantificada**

	Estreito		Alargado		Total
	Imediata	Vaga	Fórica		
			Direta	Indireta	
<b>Masculino e feminino</b>	625 (77,26%)	20 (2,47%)	127 (15,70%)	37 (4,57%)	809 (100%)
<b>Neutro</b>	18 (10,11%)	49 (27,53%)	48 (26,97%)	63 (35,39%)	178 (100%)

Os dados das tabelas demonstram que, tanto em PIN quanto em ORT, as formas masculina e feminina predominam nas relações imediata (61,94% e 77,26, respectivamente) e fórica direta (30,35% e 15,70%, respectivamente), resultado que reafirma o que observamos nas etapas anteriores de nossa análise, em que aferimos não apenas a tendência de tais

quantificadores, segundo Pontes (1978), integram o sintagma nominal e, portanto, ocupam posição imediata em relação ao nome (característica da relação imediata), como também a versatilidade dessas formas para fazer referência a elementos textualmente expressos (característica da relação fórica direta).

O emprego do quantificador neutro, por outro lado, manifesta particularidades em cada *corpus*. Na variedade pretérita, verifica-se um equilíbrio percentual de ocorrências circunscritas nas relações fórica direta (16,82%) e fórica indireta (16,82%); as ocorrências de *tudo* estabelecendo relação vaga com a entidade quantificada, por sua vez, são reduzidas (apenas 8,41%), ao passo que seu uso é bastante produtivo na relação imediata (57,94%). No que tange à variedade contemporânea, identifica-se equilíbrio percentual semelhante, mas, aqui, a forma neutra é empregada de forma recorrente não só para estabelecer as relações fórica direta (26,97%) e fórica indireta (35,39%), como também a relação vaga (27,53%); já as ocorrências circunscritas na relação imediata são exíguas (somente 10,11%).

Pode-se afirmar que tais resultados eram esperados se levarmos em consideração que, conforme evidenciado em outros momentos deste capítulo, vimos que existe correlação entre o gênero, a ligação estabelecida pelo quantificador com a entidade quantificada e as especificidades de cada narrativa.

O item *tudo*, por significar “todas as coisas” e tender a não se ligar a elementos textuais com marcação morfológica, geralmente é usado para fazer referências genéricas (relação vaga) ou recuperar informações por meio de desencadeadores de ligação (relação fórica indireta). Com isso, a preferência de Fernão Mendes Pinto por tecer descrições precisas o leva a preterir desses usos, o que, por extensão, torna pouco frequentes as ocorrências de *tudo*. Quanto ao notório percentual de ocorrências do quantificador neutro em contexto estreito na variedade do séc. XVI, este parece se dever a algumas construções muito recorrentes em *Peregrinação*, a exemplo de *tudo isto*, *tudo o mais/todo o mais*, *tudo o necessario/todo o necessário*, *tudo o possiuel/todo o possiuel* e *tudo o que* etc.

Diferentemente em ORT, como já dissemos, é a tentativa do autor de demonstrar a profundidade de suas experiências que o leva a preferir construções que transmitam ideias genéricas/vagas, o que torna o quantificador neutro produtivo nas relações vaga e fórica indireta. Destacamos, em contrapartida, o relevante percentual de ocorrências de *tudo* estabelecendo relação fórica direta com a entidade quantificada (35,39%). Como veremos mais adiante, isso acontece em virtude de um aspecto estilístico da narrativa de Airton Ortiz,

em que este emprega tal forma, principalmente, para anaforizar ou resumir elementos textualmente expressos em suas descrições. Veja-se o exemplo a seguir:

(36) Olha, aqui se vendem *os melhores trajes do mundo, as melhores safiras e rubis, tudo muito barato*. (ORTIZ, 2001, p. 36, grifos nossos).

Nesse excerto, o quantificador neutro remete a uma enumeração de elementos já mencionados no discurso, constituintes de uma entidade/grupo, resumindo-os. O emprego do item *tudo* para fazer esse tipo de remissão é bastante produtivo na variedade do séc. XXI, revelando-se, assim, uma de suas principais características.

#### 4.1.4.3 Subfunções: *imediate, supergenérico, anafórico, catafórico, anafórico e catafórico*

Nesta etapa, os dados foram aferidos segundo as subfunções desempenhadas pelos quantificadores. As descrições e exemplos constam abaixo.

**a. Imediato:** o quantificador estabelece relação imediata com a entidade quantificada. Exemplo:

(37) [...] & em chegãdo elles a pouco mais de meyo rio, arremeteraõ a elles dous lagartos muyto grandes, & em muyto pequeno espaço fizerão a cada hum delles em quatro pedaços, ficando *toda a agoa* cheya de sangue [...] (PINTO, 1614, f. 25, grifos nossos).

(38) A Tailândia é a maior produtora mundial de safiras. Quando vou ao Brasil, sempre levo uma pedra. A minha irmã vende e o lucro paga *toda a minha viagem*. (ORTIZ, 2001, p. 43, grifos nossos).

**b. Supergenérico:** inscreve-se no contexto alargado do tipo vago. O quantificador remete a elementos abrangentes como a vida e o mundo. Também faz referência a informações muito genéricas ou abrangentes que não podem ser recuperadas mediante o contexto do enredo, sendo preciso que o leitor acione conhecimentos externos para preencher lacunas. Exemplo:

(39) [...] não estàs errado nisso que dizes, porque se es mercador, como pareces, crè que em *tudo* se te farà aqy muyta honra, pelo qual seguramente podes dormir teu sono descansado, sem te arreceares de nenhũa cousa. (PINTO, 1614, f. 52, grifo nosso).



(40) Jerusalém é uma cidade envolvente, acontece de *tudo* ao mesmo tempo. (ORTIZ, 2011, p. 64, grifos nossos).

**c. Anafórico:** o quantificador possui um antecedente no discurso. Exemplo:

(41) *Esta frota* chegou *toda* a saluamêto ao rio de Puneticão, onde então el Rey de Aarù estaua fortificando a tranqueyra [...] (PINTO, 1614, f. 27, grifos nossos).

(42) O Davi histórico, rei ou João-ninguém, não pode ofuscar o Davi cultural, um dos pilares da tradição ocidental. *Essa história*, sim, ninguém contesta, está *toda* documentada. (ORTIZ, 2011, p. 61, grifos nossos).

**d. Catafórico:** o quantificador estabelece relação com um elemento que o sucede no discurso. Exemplo:

(43) & *todos* assi pay como *filhos*, & *dous irmãos*, & *hum genro* vy despedaçados nas trombas dos alifantes del Rey de Sião [...] (PINTO, 1614, f. 38, grifos nossos).

(44) Pareceu-me que *todos, artistas e público*, estavam apenas cumprindo um ritual, algo que, de uma forma ou de outra, precisavam executar, uma espécie de cerimônia religiosa. (ORTIZ, 2003, p. 230).

**e. Anafórico e catafórico:** o quantificador liga-se tanto a um elemento que o antecede quanto a um elemento que o sucede no discurso. Exemplo:

(45) No final Horst acabou me acompanhando ao interior do templo, até porque não havia *outra coisa para fazer em Tirumala*, *tudo* se resumia aos *prédios religiosos*. (ORTIZ, 2003, p. 109, grifos nossos).

No excerto (45), o quantificador retoma a ideia de que tudo o que havia para fazer em Tirumala, local em que se encontram os personagens naquele momento da narrativa, resume-se aos prédios religiosos, ou seja, à visitação desses locais. Portanto, *tudo* remete a dois elementos simultaneamente: um que o antecede e outro que o sucede no discurso.

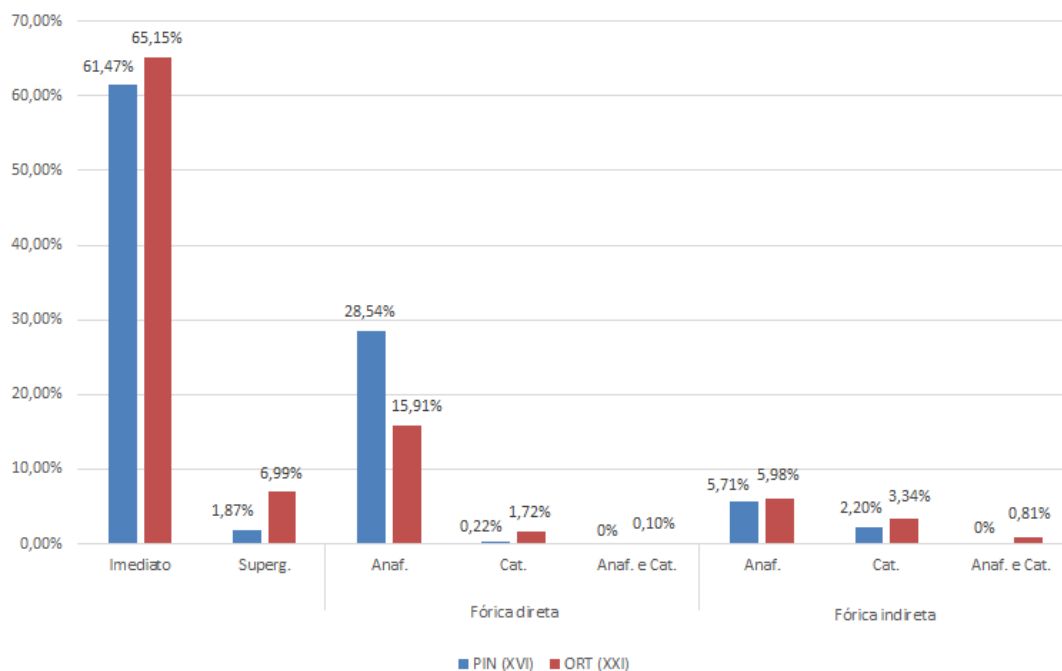
Abaixo, encontram-se discriminados os dados de cada subfunção.

**TABELA 22**  
**Ocorrências de quantificadores em PIN e ORT conforme subfunção**

	Imediata	Vaga	Fórica						Total
			Direta			Indireta			
			Imediato	Superg.	Anaf.	Cat.	Anaf. e Cat.	Anaf.	
<b>PIN</b>	560	17	260	2	—	52	20	—	911
<b>(XVI)</b>	(61,47%)	(1,87%)	(28,54%)	(0,22%)		(5,71%)	(2,20%)		(100%)
<b>ORT</b>	643	69	157	17	1	59	33	8	987
<b>(XXI)</b>	(65,15%)	(6,99%)	(15,91%)	(1,72%)	(0,10%)	(5,98%)	(3,34%)	(0,81%)	(100%)

**GRÁFICO 8**

**Ocorrências de quantificadores em PIN e ORT conforme subfunção (%)**



Na variedade do séc. XVI, verifica-se que as ocorrências circunscritas à subfunção imediata são as mais frequentes (61,47%), juntamente daquelas que exercem a subfunção anafórica (28,54%). Quanto à variedade do português atual, embora os dados inseridos nas subfunções imediata e anafórica igualmente liderem os percentuais (65,15% e 15,91%, respectivamente), percebe-se um aumento de usos em relação aos dados do português pretérito, posto que existem, em maior frequência, quantificadores desempenhando as subfunções supergenérica e catafórica (esta circunscrita às relações fórica direta e fórica indireta): respectivamente, 6,99% e 5,06% [= 1,72% + 3,34%] em ORT, em cotejo com o

percentual de 1,87% e 2,42% [= 0,22% + 2,20%] em PIN, nas mesmas subfunções. É interessante sublinhar, ainda, a existência de empregos, nos dados do séc. XXI, de quantificadores exercendo a subfunção anafórica e catafórica (0,91% [= 0,10% + 0,81%]), fenômeno não identificado no acervo de *Peregrinação*.

Passemos, adiante, ao cruzamento desses dados com o gênero dos quantificadores.

TABELA 23

## Dados de PIN (XVI): ocorrências de quantificadores conforme subfunção

	Imediata	Vaga	Fórica						Total
			Direta			Indireta			
	Imediato	Superg.	Anaf.	Cat.	Anaf. e Cat.	Anaf.	Cat.	Anaf. e Cat.	
<b>Masculino e feminino</b>	498 (61,94%)	8 (1%)	243 (30,22%)	1 (0,12%)	—	38 (4,73%)	16 (1,99%)	—	804 (100%)
<b>Neutro</b>	62 (57,94%)	9 (8,41%)	17 (15,89%)	1 (0,93%)	—	14 (13,08%)	4 (3,74%)	—	107 (100%)

TABELA 24

## Dados de ORT (XXI): ocorrências de quantificadores conforme subfunção

	Imediata	Vaga	Fórica						Total
			Direta			Indireta			
	Imediato	Superg.	Anaf.	Cat.	Anaf. e Cat.	Anaf.	Cat.	Anaf. e Cat.	
<b>Masculino e feminino</b>	625 (77,26%)	20 (2,47%)	119 (14,71%)	8 (0,99%)	—	24 (2,97%)	12 (1,48%)	1 (0,12%)	809 (100%)
<b>Neutro</b>	18 (10,11%)	49 (27,53%)	38 (21,35%)	9 (5,06%)	1 (0,56%)	35 (19,66%)	21 (11,80%)	7 (3,93%)	178 (100%)

Já vimos, na subseção anterior, como os quantificadores se distribuem nas relações imediata e vaga, que englobam, cada qual, apenas uma subfunção (imediate e supergenérica, respectivamente). Agora, discutiremos em detalhes o emprego dos quantificadores por gênero conforme as subfunções de fórica.

No português do séc. XVI, na relação fórica direta, as formas masculina e feminina predominam na subfunção anafórica (30,22%); já a forma neutra ocorre em maior número nas

relações fórica direta também na subfunção anafórica (15,89%). Porém, trata-se de usos pontuais se comparados às ocorrências de *tudo* estabelecendo relação imediata (57,94%).

Já no português atual, a forma predominante em todas as subfunções da relação fórica (direta e indireta) é o neutro. A provável justificativa para esse fato se deve, como antecipamos na subseção anterior, a questões estilísticas da narrativa de Airton Ortiz, o qual opta pelo emprego de tal forma, principalmente, para anaforizar ou resumir elementos textualmente expressos. Na subseção a seguir, aprofundaremos a análise desse fenômeno.

#### 4.1.4.4 Tipos de imediato, anafórico, catafórico, anafórico e catafórico

O tratamento dos dados, nesta etapa, envolveu a análise quantitativa das ocorrências dos quantificadores universais conforme os tipos de imediato, anafórico, catafórico, anafórico e catafórico, cujas características serão retomadas a seguir e empregadas para o estudo de nossos *corpora*.

Antes de avançarmos, sinalizamos o fato de que, nesta subseção, não trataremos novamente da subfunção supergenérica por considerarmos que seus aspectos já foram suficientemente trabalhados em momentos anteriores.

- a. Tipos de Imediato:** a proposta de incluir, na matriz de traços de Oliveira (2006), tipos à subfunção imediato se baseia na constatação de que existem diferenças, relacionadas à intenção comunicativa, na movimentação do quantificador. Dizendo de outro modo, quando ocorre o movimento desses elementos no sintagma, “modificam-se as relações de escopo, e, portanto, é de se esperar uma nova interpretação para a projeção nominal em questão” (VICENTE, 2006, p. 108). Esse fato, observado durante a análise dos dados, permitiu-nos elaborar os novos componentes em questão, nomeados de especificador e referencial/resumitivo. As respectivas descrições constam a seguir.

- (i) *Especificador* (doravante ES): segundo definição de Mateus *et al* (1989), especificadores seriam todos os elementos presentes no interior do SN “que se encontram à esquerda do núcleo e não funcionam como complementos<sup>30</sup>” (MATEUS *et al*, 1989, p. 255-256). Empregamos, assim, tal nomenclatura à

presente categoria da matriz de traços, a qual abrange os casos em que o quantificador se localiza em posição de pré-determinante ou determinante em relação à entidade quantificada. Na visão de Vicente (2006), cujos estudos nos forneceram o embasamento necessário para a elaboração deste tipo de imediato, em contextos dessa natureza, o quantificador tem escopo sobre a entidade quantificada, estando “este último sob forte influência da qualidade quantificacional daquele” (VICENTE, 2006, p. 108-109).

(46) [...] Capitão daquela gente estrangeyra natural do reyno de Sião, & que vindo de veniaga num junco seu com muyta fazenda para o porto de Liampoo, se perdera no mar, do qual se saluara milagrosamente com *todos aquellos homês* que aly trazia consigo [...] (PINTO, 1614, f. 85, grifos nossos).

(47) Também conheço Cuba e quase *todos os países* da Europa. (ORTIZ, 2001, p. 161, grifos nossos).

Em (47), a nova informação apresentada compreende a estrutura “quase todos os países da Europa”. No exemplo em tela, o personagem declara que, dos países europeus, especificamente, ele conhece a grande maioria (praticamente todos). Verifica-se, portanto, que uma forte qualidade quantificacional atua sobre a entidade quantificada “os países da Europa”. Construção semelhante se observa em (46): o narrador afirma que, dos homens que o Capitão trazia consigo, todos conseguiram se salvar, de modo que, aqui, o enfoque é a qualidade quantificacional atribuída à entidade quantificada “*aquelles homês*”.

(ii) *Referencial/resumitivo* (doravante RR): este tipo de imediato engloba os casos em que o quantificador se encontra em posição posterior à entidade quantificada. Ainda conforme Vicente (2006), a inversão do quantificador “pode ser favorecida em ambientes nos quais há intenção de se indicar referencialidade ou resumitividade” (VICENTE, 2006, p. 3). Em síntese, para a autora, tais noções se relacionam à intenção de se fazer uma recapitulação de informações mencionadas anteriormente ou das quais falante e ouvinte compartilhem conhecimentos prévios. Nessas circunstâncias, a entidade

---

<sup>30</sup> Para as autoras, são complementos os sintagmas adjetivais, os sintagmas preposicionais, as frases e os epítetos (*ibid.*, p. 267).

quantificada tem o escopo sobre o quantificador, e não o contrário, de modo que o quantificador agrega as noções de resumo/referência do conteúdo apresentado em momento anterior no discurso. Tratando em outras palavras, “a flutuação se dá com o intuito de se focalizar o elemento mais à direita na oração” (*ibid.*, p. 4).

(48) Entrando este cossairo pelo rio dentro, num junco muyto grande & alteroso, com *a gente toda* occupada no marear das vellas, por ser grãde a çarraçãõ do tempo, & com muyto vento & chuueyros, em prepassando por junto donde nõs estauamos surtos, nos saluou à Charachina [...] (PINTO, 1614, f. 54, grifos nossos).

(49) passavam disto: beleza plástica. Não conseguia me imaginar fazendo parte do lugar. Senti – um tanto surpreso! – que faltava algo. Faltava... alma! Enquanto pensava *nessa história toda*, sentado em frente à incrível imagem do Buda Esmeralda, admirando a devoção das pessoas, fui invadido por uma imensa vontade de visitar uma igreja [...] (ORTIZ, 2001, p. 42, grifos nossos).

Em (48), a inversão indica referencialidade, uma vez que o item *toda* remete a uma entidade já mencionada. Nessa perspectiva, nos é informada que o conjunto de tripulantes se ocupava de orientar as velas. Há, no contexto, a possibilidade de que algum desses indivíduos não estivesse lidando com as velas. Assim, a ideia que se deseja transmitir é a de que a gente está, sem exceção, ocupada na dita atividade; o escopo discursivo recai sobre o grupo, sobre o trabalho que este desempenha.

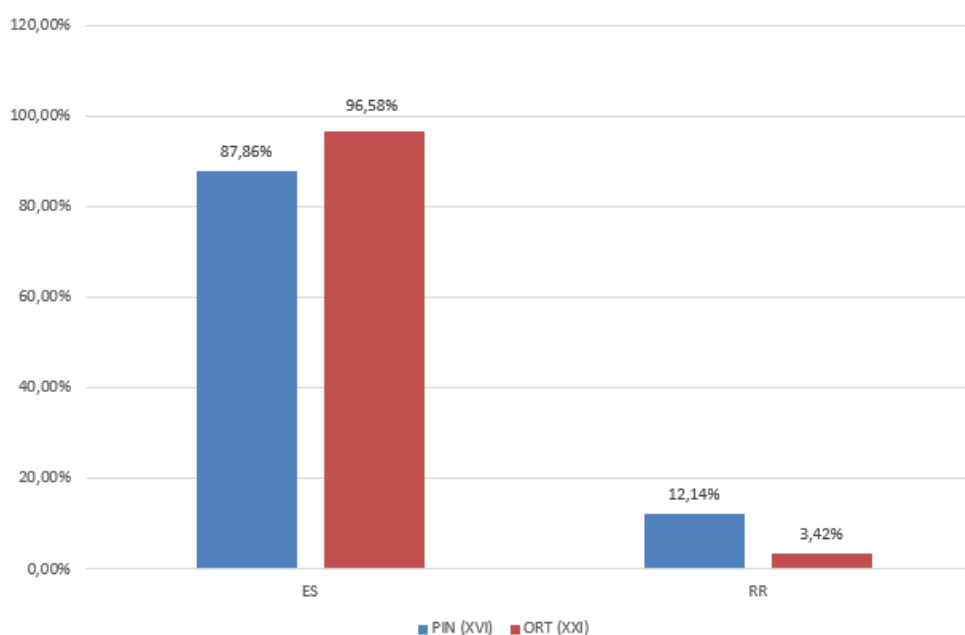
Em (49), a inversão indica referencialidade e resumitividade simultaneamente. No trecho, o personagem reflete sobre a aparência de um palácio que visita, o qual se encontra repleto de elementos artísticos que lhe aparentam uma beleza plástica. Em seguida, o personagem dá prosseguimento à narração da cena, mas continua refletindo sobre suas impressões do lugar. Desse modo, “*história toda*” é uma construção que só faz sentido por haver menção prévia às informações às quais se refere. Além disso, essa construção resume as ideias apresentadas anteriormente no contexto em questão.

A seguir, pormenorizamos os dados dos tipos especificador e referencial/resumitivo.

**TABELA 25**  
**Ocorrências de quantificadores conforme tipos de imediato**

	Especificador (ES)	Referencial/resumitivo (RR)	Total
<b>PIN (XVI)</b>	492 (87,86%)	68 (12,14%)	560 (100%)
<b>ORT (XXI)</b>	621 (96,58%)	22 (3,42%)	643 (100%)

**GRÁFICO 9**  
**Ocorrências de quantificadores conforme tipos de imediato (%)**



Os resultados obtidos aqui já eram esperados, posto que, em outros momentos de nossa análise, observamos a tendência de os quantificadores se encontrarem posicionados à esquerda dos elementos quantificados e, portanto, atuarem como especificadores (ES). Ainda assim, mostra-se interessante sublinhar o fato de que, no acervo do português pretérito, o emprego do tipo RR se apresenta em quantidade sensivelmente maior (12,14%) em relação ao português atual (3,42%). Esse percentual ilustra outra das características estilísticas da narrativa de Fernão Mendes Pinto, que muitas vezes emprega a posposição do quantificador para focalizar o elemento mais à direita na oração, fazendo remissão a ele por meio dos mecanismos de referencialidade e/ou resumitividade.

Analisemos, a seguir, como esses dados se distribuem com relação também ao gênero.

TABELA 26

Dados de PIN (XVI): ocorrências de quantificadores conforme tipos de imediato

	Especificador (ES)	Referencial/resumitivo (RR)	Total
<b>Masculino e feminino</b>	430 (86,35%)	68 (13,65%)	498 (100%)
<b>Neutro</b>	62 (100%)	—	62 (100%)

TABELA 27

Dados de ORT (XXI): ocorrências de quantificadores conforme tipos de imediato

	Especificador (ES)	Referencial/resumitivo (RR)	Total
<b>Masculino e feminino</b>	606 (96,96%)	19 (3,04%)	625 (100%)
<b>Neutro</b>	15 (83,33%)	3 (16,67%)	18 (100%)

Mais uma vez, de modo semelhante ao que ocorreu nas subseções 4.1.2 e 4.1.4.1, podemos observar que as formas masculina e feminina predominam no tipo ES (em que o quantificador se encontra anteposto à entidade quantificada) tanto em PIN quanto em ORT. A forma neutra, por sua vez, é absoluta no tipo ES na variedade pretérita, devendo-se esse fato a questões estilísticas já estudadas anteriormente.

Na variedade atual, o quantificador neutro igualmente predomina no tipo ES, mas, em comparação com o acervo de PIN (62 dados), as ocorrências desse item no papel de especificador apresentam-se reduzidas (15 dados). Ainda, há apenas 3 ocorrências do item *tudo* circunscrito ao tipo RR (posposto à entidade quantificada). Sobre isso, como também já vimos, tal quantificador tende a ocupar a posição livre por não se ligar a nominais com marcação morfológica, o que justifica os resultados obtidos.

## b. Tipos de Anafórico

(i) *Anafórico propriamente dito* (doravante APD): a entidade quantificada pode estar representada por meio de um nominal ou de um desencadeador de ligação.



(50) *Esta frota chegou toda a saluamêto ao rio de Puneticão, onde então el Rey de Aarù estaua fortificando a tranqueyra [...]* (PINTO, 1614, f. 27, grifos nossos).

(51) — Olha — falei, para ver se ela baixava a guarda —, *os aviões* estão *todos* no pátio. (ORTIZ, 2003, p. 43, grifos nossos).

**(ii) Enfatizador de atributos** (doravante EA): segundo Oliveira (2006), esse tipo de anafórico se caracteriza pelo fato de que *tudo* não apenas quantifica, mas também enfatiza o sentido da entidade à qual se liga, à semelhança dos advérbios. Nessa variável, o quantificador se encontra “no mesmo sintagma no qual está o elemento discursivo que atribui determinada característica à entidade quantificada” (OLIVEIRA, 2006, p. 76). Porém, em razão de os dados se enquadrarem na modalidade escrita formal da língua, naturalmente não foram identificadas ocorrências em que *tudo* exerce essa função, apenas *todo*. Não obstante, pode-se dizer que esta classificação se adequa ao nosso propósito devido ao que demonstram os estudos de Pires de Oliveira (2003). Conforme a autora, *todo* “indica intensidade de um certo estado” e, portanto, “estaria próximo de um uso adverbial” (P. OLIVEIRA, 2003, p. 202). Com efeito, evidencia-se a intenção de se enfatizar determinado estado/atributo. Além disso, assim como acontece nos exemplos mobilizados por Oliveira (2006), *todo* se localiza no mesmo sintagma em que está o elemento discursivo que atribui determinada característica à entidade quantificada. Exemplos:

(52) E esperando-o hum Domingo à porta da fortaleza, em tempo que *o terreyro* estaua *todo cheyo* de gente [...]

 (PINTO, 1614, f. 30, grifos nossos).

(53) Imaginem a cena no Brasil: todo mundo dançando, na maior esfrega; interrompe a música e entra *uma bailarina toda vestida*. (ORTIZ, 2001, p. 222, grifos nossos).

**(iii) Resumitivo** (doravante RA): o quantificador remete a uma enumeração de elementos que se refere somente aos itens já mencionados no discurso, constituintes de uma entidade/grupo. Nesse caso, os constituintes citados expressam a totalidade dessa entidade.

(54) [...] passado pouco mais de hum quarto de hora, tornou a vir com hum veado viuo ás costas, & em sua companhia *treze pessoas, oito homens & cinco molheres, com tres vacas atadas por cordas, & bailando todos* ao som de hum atabaque (PINTO, 1614, f. 82, grifos nossos).

(55) [...] *lagos sagrados, pátios externos com magníficas colunatas, pátios internos finamente decorados com relevos teológicos, santuários, quiosques, capelas, altares, pilonos gigantescos, salas hipostilas e altíssimos obeliscos, todos dedicados aos famosos deuses tebanos e à glória dos orgulhosos faraós.* (ORTIZ, 2005, p. 242, grifos nossos).

(iv) *Amplificador* (doravante AA): nesta subfunção, o quantificador “funciona como o elemento ‘etc.’, em língua portuguesa”, de modo a retomar “uma enumeração de itens [...] de um paradigma que não se resume textualmente”. Com efeito, o quantificador sinaliza “a ampliação da quantificação para outros elementos” de determinada entidade/grupo (OLIVEIRA, 2006, p. 78). A presença de um amplificador pode ser identificada por algumas pistas formais, quais sejam: a presença da partícula *e* antes de *tudo*, o emprego da partícula *mais* depois de *tudo* e a inserção de *tudo* após “uma sequência de ações/eventos/estados com repetição de verbos” (*ibid.*).

(56) O casco era de madeira; também os bancos *e tudo mais*. (ORTIZ, 2009, p. 61, grifos nossos).

Convém lembrar que os tipos amplificador/resumitivo e amplificador/planejador verbal não foram incluídos neste trabalho por não haver, em nossos *corpora*, dados que se enquadrassem nesses componentes da matriz de traços.

Os dados relativos aos tipos de anafórico foram discriminados abaixo.

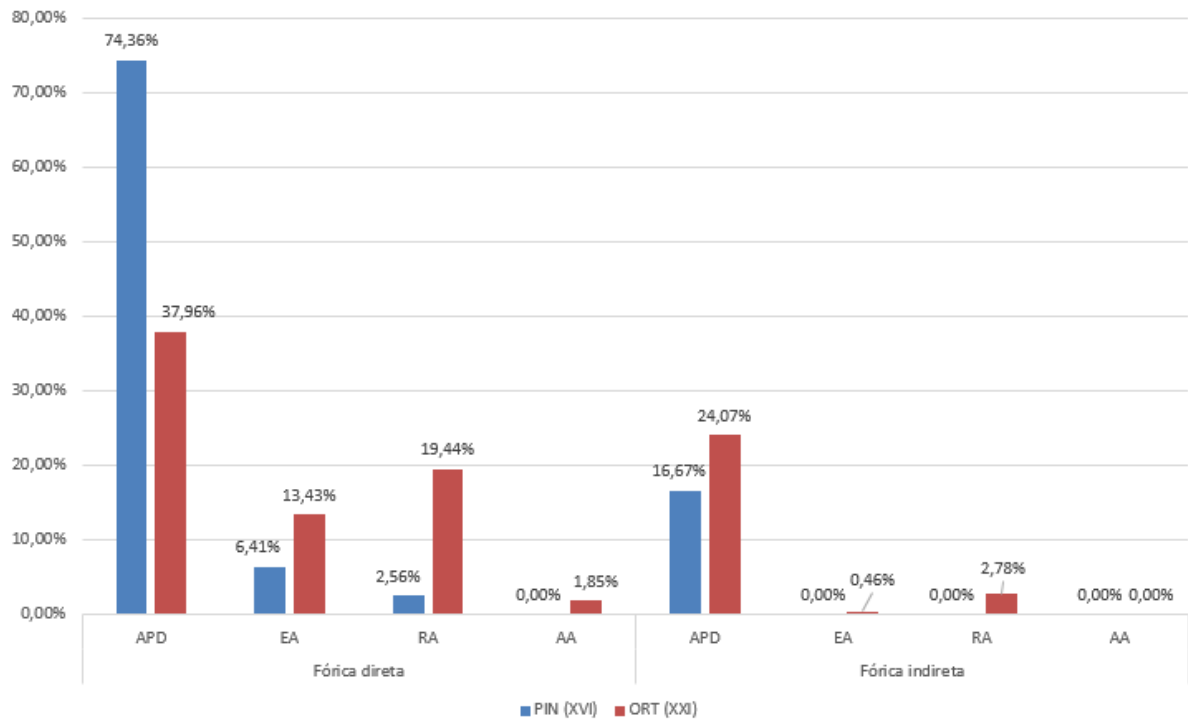
**TABELA 28**

**Ocorrências de quantificadores conforme tipos de anafórico**

	Fórica direta				Fórica indireta				Total
	Anaf. propr. dito (APD)	Enfat. de atributos (EA)	Resum. (RA)	Ampl. (AA)	Anaf. propr. dito (APD)	Enfat. de atributos (EA)	Resum. (RA)	Ampl. (AA)	
<b>PIN</b>	232	20	8	—	52	—	—	—	312
<b>(XVI)</b>	(74,36%)	(6,41%)	(2,56%)		(16,67%)				(100%)
<b>ORT</b>	28	29	42	4	52	1	6	—	216
<b>(XXI)</b>	(37,96%)	(13,43%)	(19,44%)	(1,85%)	(24,07%)	(0,46%)	(2,78%)		(100%)

## GRÁFICO 10

### Ocorrências de quantificadores conforme tipos de anafórico (%)



Neste exercício comparativo, vê-se que o tipo APD, enquadrado na relação fônica direta, predomina em ambos os séculos, embora tal emprego de quantificadores se destaque de forma expressiva em PIN, com 74,36%. Esse resultado evidencia a preferência de os quantificadores, no português pretérito, serem empregados para fazer remissão a nominais textualmente expressos.

Já no português contemporâneo, predominam os outros tipos de anafórico em comparação com PIN, notadamente aqueles do tipo APD enquadrados na relação fônica indireta, com 24,07%. Ainda sobre essa variedade, percebe-se também a aparição de ocorrências do tipo AA (circunscritas à relação fônica direta), ausentes no acervo recolhido de *Peregrinação*.

Vejamos, agora, como esses dados se distribuem com relação ao gênero.

TABELA 29

## Dados de PIN (XVI): ocorrências de quantificadores conforme tipos de anafórico

	Fórica direta				Fórica indireta				Total
	Anaf. propr. dito (APD)	Enfat. de atributos (EA)	Resum. (RA)	Ampl. (AA)	Anaf. propr. dito (APD)	Enfat. de atributos (EA)	Resum. (RA)	Ampl. (AA)	
<b>Masc. e fem.</b>	220 (78,29%)	20 (7,12%)	3 (1,07%)	—	38 (13,52%)	—	—	—	281 (100%)
<b>Neutro</b>	12 (38,71%)	—	5 (16,13%)	—	14 (45,16%)	—	—	—	31 (100%)

TABELA 30

## Dados de ORT (XXI): ocorrências de quantificadores conforme tipos de anafórico

	Fórica direta				Fórica indireta				Total
	Anaf. propr. dito (APD)	Enfat. de atributos (EA)	Resum. (RA)	Ampl. (AA)	Anaf. propr. dito (APD)	Enfat. de atributos (EA)	Resum. (RA)	Ampl. (AA)	
<b>Masc. e fem.</b>	67 (46,85%)	29 (20,28%)	23 (16,08%)	—	23 (16,08%)	1 (0,70%)	—	—	143 (100%)
<b>Neutro</b>	15 (20,55%)	—	19 (26,03%)	4 (5,48%)	29 (39,73%)	—	6 (8,22%)	—	73 (100%)

No que tange à variedade pretérita, nota-se que as formas masculina e feminina são mais produtivas no tipo APD (com 78,29% de dados enquadrados na relação fórica direta; e 13,52%, na relação fórica indireta) e EA (com 7,12% de ocorrências circunscritas à relação fórica direta). A forma neutra, menos produtiva, também aparece em maior número no tipo APD, com percentual equilibrado nas relações fórica direta e fórica indireta (38,71% e 45,16%, respectivamente).

Na variedade contemporânea, observa-se que as formas masculina e feminina predominam não só no tipo APD das relações fórica direta e fórica indireta (46,85% e 16,08%, respectivamente), como também nos tipos EA (20,28%) e RA (16,08%) enquadrados na relação fórica direta. Quanto à forma neutra, esta se mostra mais produtiva em cotejo com PIN e aparece em percentual equilibrado nos tipos APD (com 20,55% de dados estabelecendo relação fórica direta; e 39,73%, enquadrados na relação fórica indireta) e RA (com 26,03% de ocorrências circunscritas à relação fórica direta).

É interessante notar que, em ambas as sincronias, o tipo EA ocorre necessariamente na relação fórica direta, pois, por ter como principal função indicar a intensidade de determinado estado/atributo, na linguagem formal escrita, liga-se apenas a entidades textualmente expressas<sup>31</sup>. O tipo RA, por sua vez, em virtude de seu papel de resumir elementos já mencionados no discurso, também ocorre preferencialmente na relação fórica direta, havendo boa distribuição de quantificadores nessa função: tanto as formas flexionadas quanto o quantificador neutro podem ser empregados para resumir antecedentes enumerados no texto.

### c. Tipos de Catafórico

(i) *Catafórico propriamente dito* (doravante CPD): o quantificador pode, nesta subfunção, ligar-se a entidades nomeadas no texto e, também, a desencadeadores de ligação, ambos o sucedendo no discurso.

(57) E chegãdo de todo o numero de almadias hũa somente a bordo, pedio seguro para entrarem, a que foy respondido, que sem nenhum receyo o podião fazer, porque *todos eramos* seus irmãos [...] (PINTO, 1614, f. 52, grifos nossos).

(58) O ônibus parou, e *todos pulamos* para fora, quase ao mesmo tempo, na fria manhã ensolarada. (ORTIZ, 2001, p. 192, grifos nossos).

(ii) *Resumitivo* (doravante RC): o quantificador, aqui, “cataforiza uma enumeração de entidades, que representam a totalidade de itens de um paradigma” (OLIVEIRA, 2006, p. 81), resumindo-os no discurso.

(59) E a perda de *tudo* assi *fazenda, como prata, peças ricas, embarcações, artilharia, armas, mantimentos, & munições*, foy aualiada em passante de duzentos mil cruzados [...] (PINTO, 1614, f. 69, grifos nossos).

(60) Quando Petra, An e os suíços desceram, já tínhamos arranjado *tudo: barco, hora da saída, local da saída, roteiro do passeio, hora do retorno*. (ORTIZ, 2009, p. 172, grifos nossos).

(iii) *Ampliador* (doravante AC): de modo similar ao que acontece no tipo ampliador anafórico, *tudo* cataforiza elementos “de um paradigma, entidade/grupo que não se resume no discurso” (OLIVEIRA, 2006, p. 82).

---

<sup>31</sup> Como já dito em outros momentos desta pesquisa, Oliveira (2006) demonstra que frases como “*Os meus livro[s]* eram *tudo* recortados.” (cf. OLIVEIRA, 2006, p. 64, grifos da autora) são possíveis na língua

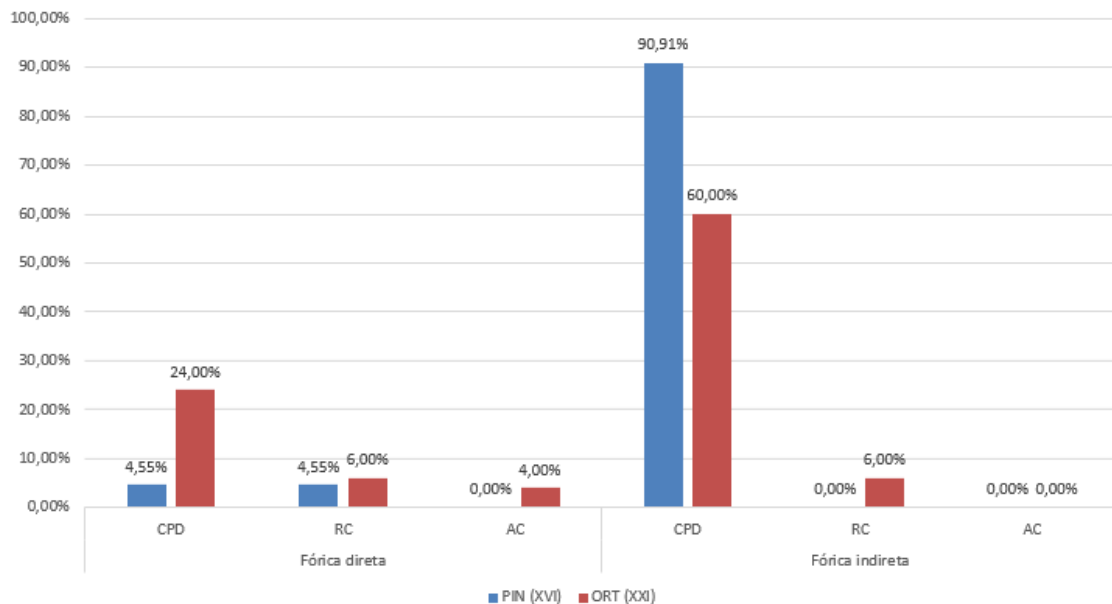
(61) Viviam numa sociedade miserável e puritana, mas aos deuses *tudo* era permitido, *a começar pela sensualidade dos seus ícones sagrados*. (ORTIZ, 2003, p. 212-213, grifos nossos).

Recordamos que o tipo ampliador/resumitivo não foi incluído neste trabalho por não haver, em nossos *corpora*, dados que se enquadrassem nesse item da matriz de traços.

**TABELA 31**  
**Ocorrências de quantificadores conforme tipos de catafórico**

	Fórica direta			Fórica indireta			Total
	Catáf. propr. dito (CPD)	Resum. (RC)	Ampl. (AC)	Catáf. propr. dito (CPD)	Resum. (RC)	Ampl. (AC)	
<b>PIN (XVI)</b>	1 (4,55%)	1 (4,55%)	—	20 (90,91%)	—	—	22 (100%)
<b>ORT (XXI)</b>	12 (24%)	3 (6%)	2 (4%)	30 (60%)	3 (6%)	—	50 (100%)

**GRÁFICO 11**  
**Ocorrências de quantificadores conforme tipos de catafórico (%)**



portuguesa, mas na oralidade brasileira informal. Como nosso trabalho lida com dados da variedade escrita formal, não era realmente esperado encontrar a forma neutra exercendo a função de enfatizador de atributos.

Por meio da análise empreendida, constata-se que o tipo CPD predomina, em ambos os séculos, na relação fórica indireta, com destaque para a variedade atual, que conta com 90,91% de ocorrências dessa natureza em relação aos 60% de PIN. Os dados do séc. XXI também se destacam em relação à quantidade de empregos de catafórico do tipo RC: há, respectivamente, 12% [= 6%+6%] em ORT, em comparação com os 4,55%, do mesmo tipo, em PIN (aqui, consideramos conjuntamente os dados circunscritos às relações fórica direta e indireta). Outro fato que merece destaque é que os dados da variedade atual contam com o surgimento de usos do tipo AC (com 4% de ocorrências enquadradas na relação fórica direta), os quais estão ausentes no acervo de *Peregrinação*.

A seguir, esses dados foram distribuídos com relação também ao gênero.

TABELA 32

Dados de PIN (XVI): ocorrências de quantificadores conforme tipos de catafórico

	Fórica direta			Fórica indireta			Total
	Cataf. propr. dito (CPD)	Resum. (RC)	Ampl. (AC)	Cataf. propr. dito (CPD)	Resum. (RC)	Ampl. (AC)	
<b>Masculino e feminino</b>	1 (5,88%)	—	—	16 (94,12%)	—	—	17 (100%)
<b>Neutro</b>	—	1 (20%)	—	4 (80%)	—	—	5 (100%)

TABELA 33

Dados de ORT (XXI): ocorrências de quantificadores conforme tipos de catafórico

	Fórica direta			Fórica indireta			Total
	Cataf. propr. dito (CPD)	Resum. (RC)	Ampl. (AC)	Cataf. propr. dito (CPD)	Resum. (RC)	Ampl. (AC)	
<b>Masculino e feminino</b>	8 (40%)	—	—	11 (55%)	1 (5%)	—	20 (100%)
<b>Neutro</b>	4 (13,33%)	3 (10%)	2 (6,67%)	19 (63,33%)	2 (6,67%)	—	30 (100%)

Nos dados tanto de PIN quanto de ORT, os quantificadores masculino, feminino e neutro predominam no tipo CPD da relação fórica indireta. Isso evidencia que o emprego dessas formas é realizado, preferencialmente, para cataforizar desencadeadores de ligação.

#### **d. Tipos de anafórico e catafórico**

(i) *Ampliador* (doravante AAC): o quantificador se presta a ampliar o sentido de elementos citados no discurso.

(62) – Bem, é que *no Ocidente*, de uma certa forma, *todos somos um pouco comunistas* quando jovens. (ORTIZ, 2001, p. 68, grifos nossos).

No excerto anterior, é possível perceber a intenção do personagem de realizar uma ampliação no diálogo por meio de dois desencadeadores de ligação: o primeiro, contido na desinência verbal de primeira pessoa do plural, indica a existência de um sujeito “nós” no discurso; o segundo, presente no trecho “no Ocidente”, manifesta a ideia de que todos nessa parte do planeta, inclusive o próprio personagem, foram “um pouco comunistas quando jovens”.

(ii) *Ampliador/resumitivo* (doravante AAC/RAC): este tipo híbrido se aplica a ocorrências em que não existem indicações claras da intenção do autor: se resumir o que foi dito ou ampliar os elementos referidos.

(63) – Ei, caras, *também precisamos fazer esse trekking* – disse Fredy, o mais entusiasmado deles. Ele parecia querer fazer *tudo*. Todas as vezes que eu mencionava um lugar exótico por onde havia passado, Fredy repetia: – Ei, caras, *precisamos conhecer esse lugar*. (ORTIZ, 2001, p. 240-241, grifos nossos).

Nesse exemplo, não há indicações claras da intenção do personagem-narrador: se resumir as atividades que o personagem Fredy desejava realizar, com base nas observações feitas durante o passeio, ou ampliá-las, pois sabemos, mediante conhecimento compartilhado de mundo, que muitas são as possibilidades turísticas disponíveis em uma viagem. Portanto, tal ocorrência se enquadra na classificação em questão.



Destaca-se que quantificadores desempenhando a função anafórica e catafórica estão presentes apenas no *corpus* do séc. XXI: 3 ocorrências do tipo AAC e 6 ocorrências do tipo AAC/RAC, totalizando 9 dados. Eles foram discriminados a seguir cruzando-se também o gênero dos quantificadores.

TABELA 34

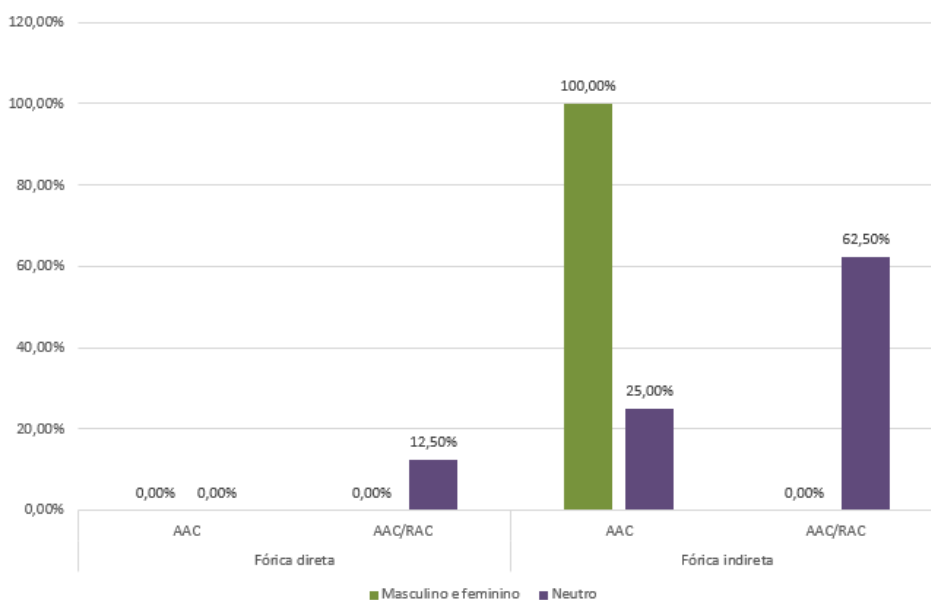
Dados de ORT (XXI): ocorrências de quantificadores conforme tipos de anafórico e catafórico

	Fórica direta		Fórica indireta		Total
	Ampliador (AAC)	Ampliador/ resumitivo (AAC/RAC)	Ampliador (AAC)	Ampliador/ resumitivo (AAC/RAC)	
<b>Masculino e feminino</b>	—	—	1 (100%)	—	1 (100%)
<b>Neutro</b>	—	1 (12,5%)	2 (25,0%)	5 (62,5%)	8 (100%)

GRÁFICO 12

Dados de ORT (XXI):

ocorrências de quantificadores conforme tipos de anafórico e catafórico (%)



É interessante notar que há uma única ocorrência de quantificador flexionado, a qual se enquadra no tipo AAC. Todos os outros dados referem-se à forma neutra, que se mostra a mais produtiva para estabelecer relação com elementos que, simultaneamente, a antecedem e

a sucedem no texto. Isso parece se justificar pelo fato de que a maior parte dessas ocorrências se inscrevem na relação fórica indireta, ou seja, o quantificador se conecta com desencadeadores de ligação. A esse respeito, como já constatado anteriormente neste estudo, a forma *tudo* tende a não se ligar a elementos com marcação morfológica, o que torna seu emprego, portanto, mais comum para fazer remissão a desencadeadores de ligação, como se observa nos exemplos (62) e (63).

#### 4.1.5 Ocorrências de locuções gramaticalizadas<sup>32</sup>

Em nossos dados, foram classificadas como gramaticalizadas as seguintes locuções e, portanto, enquadradas em classificação à parte:

- *Acima de tudo*: “Com mais importância do que o resto [...] Mormente, principalmente, sobretudo” (PRIBERAM, 2023). Exemplo:

(64) Apesar dos constantes conflitos, o povo tibetano absorveu muito da cultura chinesa, especialmente o uso da seda, livros e, *acima de tudo*, a utilização do chá, nas suas diversas formas, como bebida de uso diário. (ORTIZ, 2001, p. 85, grifos nossos).

- *Ao todo*: totalidade. Exemplos:

(65) [...] em que entraraõ vinte & oito Portugueses, & os mais que nos saluamos pela misericórdia de nosso Senhor (que *ao todo* fomos cinquenta & tres, de que os vinte & dous foraõ Portugueses, & os mais, escrauos & marinheyros) [...] (PINTO, 1614, f. 57, grifos nossos).

(66) *Ao todo*, a batalha final da Guerra da Indochina deixou 13 mil franceses mortos ou aprisionados e mais de 25 mil vietnamitas mortos. (ORTIZ, 2009, p. 110, grifos nossos).

- *Com tudo*<sup>33</sup>: “prep. com + pron. tudo; f.hist. sXIV contodo, 1500 cõ tudo” (HOUAISS, 2023). Exemplo:

<sup>32</sup> Foram consideradas gramaticalizadas as construções que apresentam comportamento linguístico bastante estável, com estrutura formal fixa e semântica constante, desempenhando função típica de elemento gramatical.

<sup>33</sup> Para o século XXI, não se coletaram as ocorrências de *contudo* e *sobretudo* por estarem essas formas já aglutinadas e, por isso, com a gramaticalização concluída, diferentemente do século XVI, em que tal processo ainda estava em andamento.

(67) [...] Antonio de Faria surgio da banda de fora, por o Piloto se não atreuer a entrar dentro, dizendo que nunca aly fora, nẽ sabia o fundo que tinha. E estando nõs *com tudo* debatendo sobre entrar ou não entrar neste rio, ouuemos vista de hũa grande vella que de mar em fora vinha demandar o porto [...] (PINTO, 1614, f. 41, grifos nossos).

- *Como um todo*: “Em sua totalidade” (MARZANO, 2019). Exemplo:

(68) O ponto que se deve ter sempre em mente é que, em princípio, o objetivo da religião *como um todo* é tornar mais fácil o exercício do amor, da compaixão, da paciência, da tolerância, da humildade, da capacidade de perdão [...] (ORTIZ, 2001, p. 131, grifos nossos).

- *De todo*: “completamente” (SÉGUIER, 1910, p. 1129; MICHAELIS, 1998, p. 2076); “Totalmente, completamente, inteiramente” (AURÉLIO, 1999, p. 1969).

Exemplos:

(69) [...] & matando a hũa parte & a outra todos os que achauão, se lhe acabou de render *de todo* a gente do mar, a que foy necessario dar-se a vida, por não auer esquipação para tantos nauios. (PINTO, 1614, f. 48, grifos nossos).

(70) — Até que não é *de todo* mal sermos da ralé — falei-lhe. Ele não entendeu minha fala, nem eu entendi sua resposta, mas provavelmente não concordava comigo. (ORTIZ, 2003, p. 152, grifos nossos).

- *Em todo caso*: “Mesmo assim, não obstante, por via das dúvidas” (AULETE, 2023); “Seja como for” (PRIBERAM, 2023). Exemplo:

(71) O Rey Bata pondo em conselho isto ã lhe tinhão dito estes pescadores, lhe aconselharaõ os seus que *em todo caso* se deuia de tornar, visto não estar o tempo para elle poder esperar mais hũa sò hora [...] (PINTO, 1614, f. 17, grifos nossos).

- *Em todo cima*: Por cima completamente. Exemplo:

(72) Destes arcos para fora, na mesma proporçaõ, estão duas ordẽs de grades de latão ã fechão toda esta obra, armadas por quarteis em colunas do mesmo, com hũs leões *em todo cima* postos sobre bollas, que são as armas dos Reys da China [...] (PINTO, 1614, f. 100, grifos nossos).

- *Em tudo*: Em todas as coisas. Exemplo:

(73) [...] quarenta Portugueses, os quais nos receberaõ com muyta alegria, acompanhada de grande copia de lagrimas, porque ainda que (como nos elles diziaõ) aly estiuessem muyto à sua vontade, sendo *em tudo* senhores absolutos de toda a terra, com tudo se não auião por satisfeitos nella, por ser aquillo desterro, & não patria sua. (PINTO, 1614, f. 5, grifos nossos).

- *Mais que tudo*: “Principalmente” (SÉGUIER, 1910, p. 1162); “Principalmente, prioritariamente, em primeiro lugar” (AULETE, 2023). Exemplo:

(74) [...] & tudo foy aualiado em quatro mil cruzados, a fora hũa boa matalotagem de arroz, açúcar, lacoês, & duas capoeiras de galinhas, que então se estimaraõ *mais que tudo* para conualecerem os doentes, de que ainda auia muytos [...] (PINTO, 1614, f. 59, grifos nossos).

- *Para todo o sempre*: “Definitivamente, eternamente; definitivo, eterno” (AULETE, 2023). Exemplo:

(75) [...] com uma faluca abarrotada de tesouros descobertos nas tumbas do deserto, sorrateiramente surrupiados das múmias milenares e transformados em glórias e riquezas *para todo o sempre*. (ORTIZ, 2005, p. 221, grifos nossos).

- *Por fim de tudo*: Finalmente. Exemplo:

(76) E praticãdo no desconcerto das palauras da carta, & no mao insino do Mandarim, se determinou *por fim de tudo* que saisses em terra, & cometessem a cidade, porque nosso Senhor os ajudaria conforme à boa tenção porq̃ o fazião [...] (PINTO, 1614, f. 71, grifos nossos).

- *Por todos(as)*: “contando tudo” (SILVA, A. M., 1813, p. 780); “no total, por junto” (SÉGUIER, 1910, p. 1129). Exemplo:

(77) A primeira cousa em que Antonio de Faria entendeo depois desta vitoria foy na cura dos feridos, que *por todos* seriaõ nouêta & dous, de que os mais foraõ Portugueses & moços nossos (PINTO, 1614, f. 66, grifos nossos).

- *Primeyro que tudo*: Primeiramente; antes de qualquer outra coisa. Exemplo:

(78) E tornando outra vez a auer conselho sobre a determinaçãõ deste negocio, se assentou que por todas as vias lhe fizesse guerra como a inimigo capital, & se entendesse logo *primeyro que tudo* em se tomar o reyno de Aarù, & a fortaleza de Punicão, antes que o Achem o fortificasse mais. (PINTO, 1614, f. 32, grifos nossos).

- *Sobre tudo*<sup>34</sup>: “sobre- + tudo; f.hist. sXIV sobretodo, sXV sobretudo, sXV ssobretodo (advérbios)” (HOUAISS, 2023).

(79) a todas cada hum por sy responderaõ muyto a proposito, de que Antonio de Faria & todos os mais ficaraõ muyto satisfeitos, & *sobre tudo* muyto pesarosos dos desmanchos passados (PINTO, 1614, f. 84, grifos nossos).

- *Tudo bem*: “forma de saudação que equivale a *como vai?*, *como vão as coisas?* [...] resposta às perguntas *tudo bem?*, *como vai?*, *como vão as coisas?*” (HOUAISS, 2001, p. 2783).

(80) A possibilidade de vivenciar alguma aventura interessante é inversamente proporcional à categoria do hotel. Mas, tudo bem, já que eu estava numa daquelas fases em que, de graça, até ônibus errado... (ORTIZ, 2001, p. 74, grifos nossos).

As ocorrências de locuções gramaticalizadas, em nossos *corpora*, totalizam 102 dados, os quais foram discriminados a seguir.

**TABELA 35**  
**Ocorrências de locuções gramaticalizadas**

<b>Locução gramaticalizada</b>	<b>PIN (XVI)</b>	<b>ORT (XXI)</b>
<i>Acima de tudo</i>	—	4 (30,77%)
<i>Ao todo</i>	1 (1,15%)	1 (7,69%)
<i>Com tudo</i>	6 (6,90%)	—
<i>Como um todo</i>	—	1 (7,69%)
<i>De todo</i>	47 (54,02%)	1 (7,69%)
<i>Em todo caso</i>	3 (3,45%)	—
<i>Em todo cima</i>	1 (1,15%)	—
<i>Em tudo</i>	10 (11,49%)	—
<i>Mais que tudo</i>	6 (6,90%)	—
<i>Para todo o sempre</i>	—	1 (7,69%)
<i>Por fim de tudo</i>	1 (1,15%)	—
<i>Por todos(as)</i>	7 (8,05%)	—
<i>Primeyro que tudo</i>	4 (4,60%)	—
<i>Sobre tudo</i>	1 (1,15%)	—

<sup>34</sup> Vide nota de rodapé n. 33.

<i>Tudo bem</i>	—	5 (38,46%)
<b>Total</b>	87 (100%)	13 (100%)

Diante do que demonstra a distribuição de dados na tabela, constata-se o interessante fato de que o português pretérito se destaca quanto ao emprego dos elementos em questão, o que se manifesta como um traço relevante dessa variedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, propusemo-nos a descrever o comportamento dos quantificadores universais na modalidade escrita da língua portuguesa a fim de averiguar, mediante análise comparativa de dados recolhidos de duas sincronias distintas – a variedade europeia do século XVI e a variedade brasileira do século XXI –, o possível surgimento de novos fatos linguísticos. Buscamos, ainda, evidenciar em que medida a natureza multifuncional dessa categoria condiciona sua movimentação na sentença. Neste estudo, conduzido à luz do modelo tipológico-funcional de Givón, foram apresentadas duas hipóteses que retomamos a seguir e as quais confrontamos com as conclusões obtidas no capítulo 4.

(a) Há diferenças semânticas no uso dos quantificadores universais na história da língua portuguesa?

A resposta para essa questão é negativa. A princípio, hipotetizamos a existência de diferenças semânticas no uso do quantificador *tudo* no século XVI em relação ao século XXI, pois o fenômeno de metafonia, a partir do qual se originou esse item, teria consistido em um processo de gramaticalização do traço [-ANIMADO]. Desse modo, esperava-se que os usos da forma neutra na variedade pretérita se restringissem à remissão de elementos inanimados, como objetos ou situações. Já no tocante à variedade contemporânea, pesquisas como a de Godoy (2005) e a de Oliveira (2006) demonstraram que o vínculo de *tudo* com o traço [-ANIMADO] foi relativizado, havendo, então, a possibilidade de emprego desse quantificador para se referir também a seres animados.

De fato, nos dados de ORT, identificamos a existência de ocorrências que remetem não apenas a elementos inanimados, como também a seres vivos, como acontece no exemplo (21) da subseção 4.1.3.2. Por outro lado, nos dados de PIN, localizamos uma ocorrência em que *tudo* foi igualmente empregado para fazer remissão a pessoas, como revela o exemplo (20) da mesma subseção; isso indica, portanto, que tal uso não representa uma inovação em termos semânticos. Esse resultado corrobora o que foi observado por Cunha (1986), segundo o qual “a variante brasileira do idioma continua a apresentar características que, tendo sido também da variante portuguesa, no século XVI ou, ainda, no século XVII, posteriormente nela se perderam”.

(b) Há diferenças discursivas no uso dos quantificadores universais na história da língua portuguesa?

A resposta para essa questão é afirmativa, mas cabe o adendo de que tais diferenças se mostraram mais expressivas em termos quantitativos do que qualitativos.

Em termos qualitativos, nos dados do século XXI, houve o surgimento de usos não encontrados no acervo do século XVI, a saber: o tipo ampliador, da função anafórica, e os tipos ampliador e ampliador/resumitivo, da função anafórica e catafórica (cf. tabelas 28 e 34, respectivamente, bem como gráficos 10 e 11). Diante disso, percebe-se que os quantificadores em estudo passaram a ser empregados, especialmente, em contextos considerados mais complexos em razão de tais itens se ligarem, no caso dos tipos de anafórico e catafórico, a dois referentes: um antecedente e um subsequente. Isso pode se explicar, segundo Ramalho (2016), pelo fato de que “as comunidades linguísticas sofrem, ao longo dos tempos, mudanças culturais, sociais, ideológicas, tecnológicas, entre outras” (RAMALHO, 2016, p. 48), fatores que propiciam o surgimento de novas necessidades dos falantes e, conseqüentemente, de novas funções/formas na comunicação. Não obstante, em linhas gerais, os contextos em que os quantificadores universais ocorrem são basicamente os mesmos.

Em termos quantitativos, identificamos um aumento, na variedade atual em cotejo com a variedade pretérita, de usos dos quantificadores nas ligações do tipo fórico indireto e vago (cf. tabela 19 e gráfico 7, respectivamente). Aumento semelhante foi verificado nas ocorrências dos itens *todo(a)(s)* e *tudo* desempenhando as subfunções supergenérica e catafórica, esta última relacionada especificamente ao tipo resumitivo; o mesmo diz respeito aos dados circunscritos aos tipos enfatizador de atributos e resumitivo da função anafórica (cf. tabelas 22, 23, 24 e 31, assim como gráficos 8 e 10, respectivamente). Ainda há, na variedade contemporânea, o aumento do emprego da forma neutra em contexto alargado (cf. tabela 16 e gráfico 6). Nesse sentido, trata-se de diferenças resultantes de questões estilísticas e, portanto, circunscritas ao âmbito discursivo. Constata-se, assim, que tais modificações no sistema de quantificadores universais decorreram de necessidades comunicativas dos falantes de língua portuguesa.

Por fim, dada a nossa constatação inicial de que, apesar de haver vasta literatura sobre os quantificadores, o tema carecia de investigações aprofundadas no português pretérito, bem como de um olhar que levasse em consideração a relação entre a multifuncionalidade dos itens em foco e as intenções comunicativas, acreditamos ter atingido os intentos aos quais nos



propusemos. A nosso ver, com esta pesquisa, contribuímos não só para ampliar a compreensão acerca dos quantificadores universais, como também para acrescentar novos saberes aos trabalhos descritivos do português do séc. XVI. Outrossim, ao empreendermos descrições detalhadas da função desses itens e acrescentarmos, à matriz de traços de Oliveira (2006), os tipos de imediato denominados especificador e referencial/resumitivo, julgamos ter oferecido insumos para a realização de trabalhos futuros.

Igualmente, acreditamos ter alcançado, de forma satisfatória, os objetivos de apresentar uma revisão bibliográfica aprofundada sobre quantificação universal e flutuação de quantificadores; traçar um percurso etimológico dos itens *todo* e *tudo*, mediante ampla consulta a dicionários e a outras obras lexicográficas pertinentes; e evidenciar a importância do gênero relato de viagem, inserido nos discursos tanto literário quanto jornalístico, para o estudo da variação e mudança linguística. Não obstante, reconhecemos que o assunto, em razão de sua complexidade, está longe de esgotar-se; em verdade, não foi nosso intento fazer isso, quisemos tão somente lançar novas perspectivas sobre um tema que ainda suscita tantas controvérsias no meio linguístico. Em tempo, também pudemos evidenciar que as intenções comunicativas figuram como fator relevante nas ocorrências de fenômenos da linguagem.

## REFERÊNCIAS

- AIRTON ORTIZ: EXPLORADOR DE PALAVRAS [...]. Coletiva.net, 2007. Disponível em: <<https://coletiva.net/perfil/airton-ortiz-explorador-de-palavras,171763.jhtml>>. Acesso em: 22 out. 2023.
- AIRTON ORTIZ – QUADRO ACADÊMICO. Academia Rio-Grandense de Letras, 2023. Disponível em: <<http://www.arl.org.br/academicos/quadro-academico/airton-ortiz>>. Acesso em: 22 out. 2023.
- ALFREDO, Rufino. *Sobre Quantificadores Universais no Português de Moçambique: uma proposta de análise comparativa com o Português Europeu*. 2015. 133 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade do Porto, Porto, 2015.
- ALI, Manuel Said. *Gramatica secundaria e gramatica historica da lingua portuguesa*. 3. ed. Brasília: 1964. 375 p.
- AULETE, Caldas. *Dicionario contemporaneo da lingua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: 1958. 5v.
- AULETE DIGITAL. 2023. Disponível em: <<https://aulete.com.br/>>. Acesso em: 09 dez. 2022.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa: para o ensino médio e cursos preparatórios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001. 715 p.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1976.
- BIBLIOTECA NACIONAL – Tesouros, 2004. Disponível em: <<https://purl.pt/369/1/ficha-obra-peregrinacam.html>>. Acesso em: 22 out. 2023.
- BORM, Jam. Defining travel: on the travel book, travel writing and terminology. In: YOUNGS, Tim; HOPPER, Glenn. *Perspectives on travelwriting*. London: Ashgate, 2004.
- BREAL, Michel; BAILLY, Anatole. *Dictionnaire etymologique latin*. 11. ed. Paris: Hachette, 1898. 463 p.
- BASTOS, Jose Timotheo da Silva. *Diccionario etymologico, prosodico e orthographico da lingua portugueza: contendo grande copia de novos termos e accepções*. 2. ed. Lisboa: A. M. Pereira, 1928. 1434 p.
- BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico...* Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728. Disponível em: <<https://purl.pt/13969>>. Acesso em: 09 dez. 2022.
- BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002. 1674 p.

BUENO, Francisco da Silveira. *Estudos de filologia portuguesa*. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 1967. 241 p.

\_\_\_\_\_. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa: vocábulos, expressões da língua geral e científica-sinônimos; contribuições do tupi-guarani*. Santos; São Paulo: Ed. Brasília, 1974.

CÂMARA JUNIOR, J. Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976. 256p.

CAMBRAIA, César Nardelli. Contributo para uma gramática do português clássico: a linguagem da Peregrinação de Fernão Mendes Pinto. In: Congresso Nacional da Abralín, Florianópolis, II, 1999. *Anais...* Florianópolis: Abralín, 1999. p. 1355-1362.

CAMBRAIA, César Nardelli; BERTOLINO, Daiane Soares. Crioulo cabo-verdiano e papiamento: estudo comparativo de demonstrativos em anáfora no gênero textual de notícia. *Revista Estudos Em Letras*. Cassilândia, v. 1, n. 1, 2020. Disponível em: <<https://periodicoonline.uems.br/index.php/estudosletras/article/view/5211>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

CAMBRAIA, César Nardelli *et al.* Demonstrativos na românia medieval: uma análise comparativa em uma perspectiva funcional. *Alfa: Revista de Linguística*. São José do Rio Preto, v. 60, jan./abr. 2016, p. 29-59. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/alfa/a/FcTVsntzWdVVFLvn7mh5Fsn/?lang=pt>>. Acesso em: 20 out. 2023.

CARVALHO, J. Mesquita de. *Dicionário pratico da língua nacional*. Rio de Janeiro; Porto Alegre: Globo, 1945. 1109 p.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. A gramaticalização. *Estudos lingüísticos e literários*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, n. 19, 1997, p. 25-64.

\_\_\_\_\_. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2016.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2008. 693 p.

CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. *Gramatica da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1997. 583 p.

COELHO, Adolfo. *Diccionario manual etymologico da lingua portugueza: contendo a significação e prosodia*. Lisboa: P. Plantier, 1890. 1248 p.

CONEGLIAN, A. V. L.; MÓDOLO, M. Dez livros para conhecer funcionalismo em linguística. In: João Roberto Gomes de Faria (Org.). *Guia bibliográfico da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo*. 1. ed. São Paulo: Publicações FFLCH, 2020, v. 1, p. 1-29.

COROMINAS, J. *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 1987.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Liv. Acadêmica, 1954. 364 p.

CRISTÓVÃO, F. *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens*. Estudos e Bibliografias. Lisboa: Edições Cosmos, 1999.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

\_\_\_\_\_. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014.

CUNHA, Celso. Conservação e inovação no português do Brasil. *O Eixo e a Roda*. Belo Horizonte, 1986, p. 199-230.

\_\_\_\_\_. *Gramática da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: MEC, 1975.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013. 762 p.

CUNHA, Viviane. Variação de timbre das vogais médias no percurso diacrônico dos pronomes portugueses. *Confluência* – Revista do Instituto de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, n. 27-28, 2004, p. 149-156. Disponível em: <<https://www.revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/1213>>. Acesso em: 22 out. 2022.

DANES, F. On Prague School functionalism in linguistics. In: DIRVEN, R.; FRIED, V. *Functionalism in linguistics*. Philadelphia: John Benjamins, 1987.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. 2022. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/>>. Acesso em: 09 dez. 2022.

DICIONÁRIO TERMINOLÓGICO PARA CONSULTA EM LINHA (DT). Desenvolvido pelo Ministério da Educação e Ciência, Governo de Portugal. Pesquisa de termos e de suas respectivas definições. Disponível em: <<http://dt.dge.mec.pt/>>. Acesso em: 30 maio 2021.

DIK, C. S. *Functional grammar*. Cinnaminson: Foris, 1978.

DIRVEN, R.; FRIED, V. *Functionalism in linguistics*. Philadelphia: John Benjamins, 1987.

DUBOIS-CHARLIER, Françoise. *Bases de análise lingüística*. Exercícios por Danielle Leeman. Tradução: João Andrade Peres. Coimbra: Almedina, 1977.

EBERSPÄCHER, Gisele Jordana. *Ida Pfeiffer e o Brasil: literatura de viagem e sua tradição como bildung*. 2019. 206 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/67638>>. Acesso em: 11 mar. 2024.

ERNOUT, Alfred; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. Paris: 1939. 1184 p.

FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques. *Dicionário brasileiro globo*. São Paulo: Globo, 1984.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2128 p.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 4. ed. Lisboa: Portugal-Brasil, 1925.

FONSECA, Fernando Venâncio Peixoto da. *O português entre as línguas do mundo: (situação, história, variedades)*. Coimbra: Livraria Almedina, 1985. 349 p.

FRANCO, Stella Maris Scatena. Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental. In: JUNQUEIRA, M. A.; FRANCO, S. M. S. (Orgs.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. v. 2. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo / Humanitas, 2011. 129 p.

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: A Noite, 1940.

GEBRUERS, R. S. C. Dik's functional grammar: a pilgrimage to Prague? In: DIRVEN, R.; FRIED, V. *Functionalism in linguistics*. Philadelphia: John Benjamins, 1987.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001. 2 v.

GODOY, Luisa Andrade Gomes. *A palavra tudo como quantificador universal puro no Português Brasileiro*. 2005. 50 f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

GONÇALVES, Fabíola Barreto. *“Tudo” em Natal: definitude, implicaturas e contribuições para o ensino de língua materna*. 2010. 99 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

GRANDE DICIONÁRIO HOUAISS. 2023. Disponível em: <[https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-1/html/index.php#0](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#0)>. Acesso em: 22 out. 2023.

GRANDE DICIONÁRIO BRASILEIRO MELHORAMENTOS. 8. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975. 5 v.

GRANDES NAVEGAÇÕES. História do Mundo, 2023. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/artigos/as-grandes-navegacoes.htm>>. Acesso em: 20 out. 2023.

GROUSSIÉ, Marie-Line. Totalisation et parcours. Coup d'oeil sur l'expression du "tout" et du "chaque" en indo-européen. *Corela – cognition, représentation, langage*, 2006. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/corela/1355?lang=en>>. Acesso em: 18 out. 2023.

GUERÓN, Jacqueline. Françoise Dubois-Charlier et la Grammaire Générative. *Open Edition Journals*, 2020. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/linx/6223>>. Acesso em: 18 out. 2023.

HALLIDAY, M. A. K. As bases funcionais da linguagem. In: DASCAL, M. (Org.). *Fundamentos metodológicos da lingüística*. São Paulo: Global, 1978.

\_\_\_\_\_. *An introduction to functional grammar*. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2922 p.

HUBER, Joseph. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986. 418 p.

JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: JUNQUEIRA, M. A.; FRANCO, S. M. S. (Orgs.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. v. 2. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo / Humanitas, 2011. 129 p.

KENEDY, E; MARTELOTTA, M. E. T. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano (Org.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003. p. 17-28. Disponível em: <[https://www.professores.uff.br/eduardo/wp-content/uploads/sites/43/2017/08/18funcional\\_2003.pdf](https://www.professores.uff.br/eduardo/wp-content/uploads/sites/43/2017/08/18funcional_2003.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2021.

KAYNE, Richard. *The transformational cycle in french syntax*. Cambridge, Londres: The MIT Press, 1975. Disponível em: <<https://www.fulcrum.org/epubs/0g354j017?locale=en#page=3>>. Acesso em: 20 out. 2023.

LATIP. Sintaxe Funcional-Tipológica (Givon) – Introdução. Youtube, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=T17ox72o8ng>>. Acesso em: 20 out. 2023.

LEMLE, Miriam. *Análise sintática: teoria geral e descrição do português*. São Paulo: Ática, 1984.

LIMA, E. P. *Páginas ampliadas*. Barueri: Manole, 2004.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. 655 p.

LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. *Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação*. Belo Horizonte: Vigília, 1986.

LOUREIRO, Rui Manuel de Souza. Missão impossível: em busca das fontes da *Peregrinaçaum* de Fernão Mendes Pinto. In: X SESSÃO CULTURAL CONJUNTA. *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto – 400 anos da sua publicação*. Lisboa: Academia de Marinha/Instituto de Cultura Europeia e Atlântica, 2014.

LOURENÇO, Eduardo. A *Peregrinação* ou a metamorfose do olhar europeu. In: ALMEIDA, Isabel (Org.). *Peregrinaçaum, 1614*. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/32953>>. Acesso em: 29 nov. 2023.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 2. ed. São Paulo: Globo S/A, 2002. 265 p.

MARTELOTTA, M. E. et al. (Orgs.) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: FAPERJ/DP & A, 2003.

MARTINEZ, M. *Jornalismo literário – tradição e inovação*. Florianópolis: Insular, 2016.

\_\_\_\_\_. *Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas*. *Intercom – RBCC*. São Paulo, v. 40, n. 3, set./dez. 2017, p. 21-36.

\_\_\_\_\_. *Narrativas de viagem: escritos autorais que transcendem o tempo e o espaço*. *Intercom – RBCC*. São Paulo, v. 35, n.1, jan./jun. 2012, p. 34-52.

\_\_\_\_\_. *Reflexões sobre jornalismo literário e cotidiano*. *Mídia e Cotidiano*, v. 16, n. 1, jan./abr., 2022, p. 248-267.

MARTINS, Ana Paula Pereira. *Funcionalismo linguístico: um breve percurso histórico da Europa aos Estados Unidos*. *Domínios de Linguagem – Revista Eletrônica de Linguística*, Uberlândia, ano 3, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11504/6784>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

MARZANO, Daniele. *Como um todo*. *Vejam um exemplo de como ela é usada e, depois, como poderia ser substituída*. *O TEMPO*, 2019. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/opiniaio/seu-portuga/como-um-todo-1.2258967>>. Acesso em: 22 out. 2023.

MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1989.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2019.

MAURER JUNIOR, Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959. 298 p.

MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da língua portuguesa*. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2002. 608 p.

MICHAELIS, H. *Michaelis: moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. 2259 p.

MODERNELL, Renato. *Narrativas de viagem e jornalismo literário*. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 9, n. 1, 2007, p. 104-111. Disponível em: <<https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/658>>. Acesso em: 20 out. 2023.

MORENO, Augusto. *Dicionário complementar da língua portuguesa: (ortoépico, ortográfico e etimológico) com um glossário de arcaísmos e uma lista das principais locuções estrangeiras aplicáveis em português*. Porto: Editora Educação Nacional, 1948. 1412 p.

MOURA, José de Almeida. *Gramática do português actual: ensino secundário*. Lisboa: Lisboa Editora, 2004. 312 p.

MURAD, Carla Regina Rachid Otavio. O funcionalismo e o gerativismo: principais características e expoentes. *Nucleus*, v. 8, n. 2, out. 2011, p. 345-352. Disponível em: <<https://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/issue/view/v.8%2C%20n.1%2C%20out.2011>>. Acesso em: 20 out. 2023.

NARO, A. J., VOTRE, S. Mecanismos funcionais do uso da língua: forma e função. In: *DELTA*, v. 8, n.2, 1992, p. 285–290.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1955.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 160 p.

\_\_\_\_\_. Uma visão geral da gramática funcional. *ALFA – O funcionalismo em linguística*. São Paulo: UNESP, v. 38, 1994, p. 109-128.

NICHOLS, J. Functional theories of grammar. *Annual Review of Anthropology*, n. 43, 1984, p. 97-117.

NUNES, Jose Joaquim. *Compendio de gramatica histórica portuguesa: fonética e morfologia*. 5. ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1956. 454 p.

OLIVEIRA, Cândido de. *Dicionário mor da língua portuguesa ilustrado*. São Paulo: Livro'Mor Editôra, 1967. 2248 p.

OLIVEIRA, Daiane Martins de. “Tudo” em língua portuguesa: referencialidade. In: 6º ENCONTRO CELSUL - CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 2004, Florianópolis. *Anais [...]*. Disponível em: <[http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL\\_VI/index.htm](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI/index.htm)>. Acesso em: 27 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. *Tudo: multifuncionalidade e definitude*. 2006. 155 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

OLIVEIRA, Milene Nicole Araujo. *Análise do plano de texto e da sequência textual narrativa nos relatos de viagem do velejador e escritor brasileiro Amyr Klink*. 2022. 71 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2022.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. O menino tá todo triste: uma reflexão sobre a quantificação universal no PB. *Revista Letras*. Curitiba: Editora UFPR, n. 61, 2003, p. 191-210. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/2887>>. Acesso em: 26 out. 2023.

ORTIZ, Airton. *Egito dos Faraós – Da antiga Mênfis à moderna Cairo: 5.000 anos de aventuras*. Rio de Janeiro: Record, 2005. (Coleção Viagens Radicais).

\_\_\_\_\_. *Expresso para a Índia – Um aventureiro numa terra de contrastes e fé*. Rio de Janeiro: Record, 2003. (Coleção Viagens Radicais).

\_\_\_\_\_. *Jerusalém*. Rio de Janeiro: Record, 2011.



\_\_\_\_\_. *Pelos Caminhos do Tibete – Revelações na terra do Dalai-Lama*. Rio de Janeiro: Record, 2001. (Coleção Viagens Radicais).

\_\_\_\_\_. *Vietnã pós-guerra – Uma aventura no Sudeste Asiático*. Rio de Janeiro: Record, 2009. (Coleção Viagens Radicais).

PENA, Felipe. O jornalismo Literário como gênero e conceito. *Contracampo – Brazilian Journal of Communication / PPGCOM-UFF*, n. 17, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17241>>. Acesso em: 20 out. 2023.

PERES, João Andrade. Nota do tradutor. In: DUBOIS-CHARLIER, Françoise. *Bases de análise lingüística*. Exercícios por Danielle Leeman. Tradução: João Andrade Peres. Coimbra: Almedina, 1977.

PERFIL. Blog do Ortiz. Expedições Culturais: Literatura, Aventura e Viagens, 2023. Disponível em: <<https://airtonortiz.wordpress.com/biografia/>>. Acesso em: 22 out. 2023.

PERFIL – O FENÔMENO AIRTON ORTIZ E A DIFÍCIL MISSÃO DE VIVER DE LITERATURA. Superávit Caseiro, 2023. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/superavit/2022/03/22/o-fenomeno-airton-ortiz-e-a-dificil-missao-de-viver-de-literatura/>>. Acesso em: 22 out. 2023.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática descritiva do português*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação de Fernam Mendez Pinto [...]*. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1614. Disponível em: <<https://purl.pt/82>>. Acesso em: 08 abr. 2022.

PINTO, Ivone Isidoro. *A variação entre TUDO e Toda (A)(S) no português informal carioca*. 1996. 62 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da lingua brasileira*. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5414>>. Acesso em: 09 dez. 2022.

PONTES, Eunice. Os determinantes em português. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 53/54, p. 145-165, 1978.

RAMALHO, Victor Hugo Barbosa. *Sistema de demonstrativos no português brasileiro e no espanhol mexicano sob a perspectiva das tradições discursivas: gêneros notícia e romance*. 2016. 260 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

RITTER, Eduardo. Jornalismo literário de viagem internacional: um panorama do cenário autoral brasileiro. *ANIMUS – Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, v. 18, n. 36, 2019, p. 203-219.

SACCONI, Luiz Antonio. *Novíssima gramática ilustrada Sacconi*: [livro do professor]. São Paulo: Nova Geração, 2008. 496 p.

SANTIAGO, Cleide da Silva Farias. O processo de gramaticalização da construção causal [por + conta + de] sob a perspectiva da linguística funcional centrada no uso: um estudo

diacrônico. *Raído*, Dourados, v. 10, n. 24, 2016, p. 165-175. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/issue/archive>>. Acesso em: 22 out. 2022.

SANTOS, I. As relações luso-chinesas através de Macau nos séculos XVI e XVII. *RC, Revista de Cultura*. Macau, v. 2, n. 7/8, 1988-1989, p. 1-9.

SCHNEIDER, E. W. Investigating variation and change in written documents. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Ed.). *The handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell, 2004. Disponível em: <[https://www.blackwellpublishing.com/content/bpl\\_images/content\\_store/WWW\\_Content/9780631218036/06Chap03.pdf](https://www.blackwellpublishing.com/content/bpl_images/content_store/WWW_Content/9780631218036/06Chap03.pdf)>.

SÉGUIER, Jaime de. *Diccionario pratico illustrado: novo diccionario encyclopedico luso-brasileiro*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1910. 1755 p.

SERRÃO, Vítor. Iconografia do mar e da viagem na arte portuguesa no tempo de Fernão Mendes Pinto. Novos elementos sobre o escritor e um possível retrato. In: X SESSÃO CULTURAL CONJUNTA. *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto – 400 anos da sua publicação*. Lisboa: Academia de Marinha/Instituto de Cultura Europeia e Atlântica, 2014.

SEQUEIRA, F. J. M. *Aspectos do português arcaico*. Lisboa: Livraria Popular, 1943.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza: recopilado dos vocabularios impressos até agora [...]*. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813. 2 v.

SILVA, Clarice Soares França. *Demonstrativos na românia nova: espanhol de Lima e espanhol de Buenos Aires*. 2013. 142 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952. 583 p.

\_\_\_\_\_. *Historia do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977. 255 p.

SIMÕES, Anilce Maria. *Movimento de quantificadores em português*. 1974. 152 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1974.

SOARES, Maria Luísa de Castro; SOARES, Maria João de Castro. A imagem do oriente, a identidade pessoal, a visão do “nós” e do “outro” na *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. *Rev. Let.* São Paulo, v. 59, n. 1, jan./jun. 2019, p.115-133.

SOUZA, Danilo Sobral de; SOUSA, Valéria Viana. Os deslizamentos de sentido do item “todo”. In: COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO, 11., 2015, Vitória da Conquista. *Anais*. Vitória da Conquista: UESB, 2015. p. 2791-2803. Disponível em: <<https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/cedoc/detalhe/anais-do-xi-coloquio-do-museu-pedagogico,4fcb97e3-1af4-4372-9a57-b97e06108790>>. Acesso em: 1º out. 2022.

SOUZA, Wanessa de. As Grandes Navegações e o Descobrimento do Brasil. PEG-FAFICH, 2007. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/pae/apoio/asgrandesnavegacoesedescobri-mentodobrasil.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2023.

TÔRRES, Raquel Mundim. A dimensão política dos relatos de viagem no século XX: considerações a partir do estudo de relatos de viagem de brasileiros à URSS. *História Social*, n. 22, 2012. Disponível em: <<https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/rhs/article/download/1215/847>>. Acesso em: 20 out. 2023.

TODOROV, Tzvetan. A viagem e seu relato. *Rev. Let.* São Paulo, v. 46, n. 1, jan./jun. 2006, p.231-244.

VAZZATA-DIAS, Juçá Fialho. *Sentenças com quantificação universal no português do Brasil – Um estudo em semântica*. 2001. 226 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

VICENTE, Helena da Silva Guerra. *O quantificador flutuante todos no português brasileiro e no inglês: uma abordagem gerativa*. 2006. 182 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

WILLIAMS, Edwin Bucher. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: INL, 1961. 325 p.

YOUNGS, Tim; HOPPER, Glenn. *Perspectives on travelwriting*. London: Ashgate, 2004.